

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA  
NÍVEL DOUTORADO**

**EDUARDO PARÉ GLÜCK**

**A HETEROGENEIDADE TECNOENUNCIATIVA NO ECOSISTEMA *TWITTER* EM  
UM CONJUNTO DE TUÍTES REUNIDOS PELA *HASHTAG*  
*#DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA***

**São Leopoldo**

**2024**

EDUARDO PARÉ GLÜCK

**A HETEROGENEIDADE TECNOENUNCIATIVA NO ECOSISTEMA *TWITTER* EM  
UM CONJUNTO DE TUÍTES REUNIDOS PELA *HASHTAG*  
#DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Eduarda Giering

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Matilde Gonçalves

São Leopoldo

2024

G567h

Glück, Eduardo Paré.

A heterogeneidade tecnoenunciativa no ecossistema twitter em um conjunto de tuítes reunidos pela hashtag #divulgaçãocientífica / Eduardo Paré Glück. – 2024.

174 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2024.

“Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Eduarda Giering  
Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Matilde Gonçalves”.

1. Análise do discurso digital. 2. Divulgação científica.  
3. Heterogeneidade tecnoenunciativa. 4. Tecnodiscurso  
relatado. 5. Twitter. I. Título.

CDU 801

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

EDUARDO PARÉ GLÜCK

"A HETEROGENEIDADE TECNOENUNCIATIVA NO ECOSISTEMA DO  
TWITTER EM UM CONJUNTO DE TUÍTES REUNIDOS PELA HASHTAG  
#DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA"

Tese apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Doutor, pelo  
Programa de Pós-Graduação em  
Linguística Aplicada da Universidade do  
Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADO EM 19 DE JANEIRO DE 2024

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. ROBERTO LEISER BARONAS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO  
CARLOS

(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)

PROFA. DRA. SUZANA LEITE CORTEZ - UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
PERNAMBUCO

(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)

PROFA. DRA. ÉRICA EHLERS IRACET - UNISINOS

(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)

PROFA. DRA. MATILDE GONÇALVEZ - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)



---

PROFA. DRA. MARIA EDUARDA GIERING - UNISINOS

(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)

## **AGRADECIMENTOS À CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao meu amado pai, Marco Antônio Glück, pelo incentivo ao estudo, ao conhecimento (*in memoriam*).

À minha amada mãe, Vera Regina Pará Glück, pela coragem de enfrentar os desafios da vida.

À minha amada irmã, Jéssica Glück Fachini, por ser o modelo no qual sempre me espelhei.

Vocês três são os pilares de minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Como um analista textual-discursivo, é impossível não dizer que esta tese resulta de tantos outros textos, de tantas outras pessoas com quem outrora falei, pedi consolo linguístico e, sobretudo, um ombro amigo. Este texto é resultado de um filho, cujos pais batalharam muito para que ele tivesse uma educação de qualidade, sem imaginar que um dia ele seria doutor. Esta tese é o produto materializado de dez anos de esforço, de não desistência, de resistência. Seria injusto de minha parte não mencionar aqueles e aquelas que tornaram o processo menos solitário e possível. De modo geral, meu muito obrigado a todos e a todas. Mas, em especial:

a Deus, por tornar esta etapa da minha vida possível e por me mostrar, mais uma vez, que nada é impossível com muita fé e dedicação;

à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), por tornar financeiramente possível esta qualificação acadêmica;

à Universidade NOVA de Lisboa, pela acolhida e por me aceitar como pesquisador;

à Professora Doutora Maria Eduarda Giering, minha sempre orientadora, por, desde 2015, acreditar em mim e compartilhar seus conhecimentos comigo, de modo a tornar minha pesquisa uma realidade. Devo ao seu trabalho muito do pesquisador que sou. Por isso, minha eterna gratidão;

à Professora Doutora Matilde Gonçalves, minha coorientadora, pela acolhida em Lisboa, pelas orientações, pela oportunidade de ministrar aulas, por ser a gentileza acadêmica. Conhecê-la tornou minha estada em Lisboa mais significativa;

à Professora Doutora Érica Ehlers Iracet, integrante da banca de qualificação, professora e colega de grupo, por, desde dois mil e quinze, acreditar em mim, incentivar-me aos estudos e à pesquisa. Também, pelas publicações em conjunto, pelos eventos no âmbito do grupo, pelas contribuições tão minuciosas e valiosas na etapa de qualificação para continuidade desta pesquisa. Obrigado por tanto;

à Professora Doutora Suzana Leite Cortez, integrante da banca de qualificação, pelos convites para participar de uma aula sua, pela publicação do capítulo de livro, pelas contribuições tão minuciosas na etapa de qualificação e para a continuidade desta pesquisa, sobretudo na teoria de Authier-Revuz;

ao Professor Doutor Roberto Leiser Baronas, integrante da banca de qualificação, pela leitura atenta do projeto da tese, de modo a tornar esta pesquisa mais contundente.

à Professora Doutora Juliana Alles de Camargo de Souza, professora, colega de grupo e, sobretudo, amiga, por acreditar em mim desde a banca de TCC, por me incluir no projeto LER: Literatura e Ciência, pela amizade, pela revisão minuciosa desta tese, por me apresentar nosso querido Antônio (que hoje nos acompanha lá de cima);

à Professora Doutora Maria Helena Albé, professora, colega de grupo e amiga, por, desde dois mil e catorze, acreditar em mim, incentivar-me aos estudos – disciplinas e PIBID – e à pesquisa;

ao Grupo de Pesquisa Comunicação da Ciência: Estudos Linguísticos e Discursivos (CCELD), pela parceria ao longo destes nove anos e pelos conhecimentos compartilhados comigo. Em especial, à minha querida colega de pesquisa que se tornou amiga, Daiana Campani;

ao Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL), da Universidade NOVA de Lisboa – e, em extensão, à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Antónia Coutinho, por me acolherem tão bem durante os seis meses do Doutorado Sanduíche. Todos fizeram com que me sentisse um verdadeiro pesquisador;

a Antônio Glück (*in memoriam*), meu querido avô, que sempre enfatizou a importância de um “canudo” na mão. Vô Tony, esse diploma de Doutor também é seu;

a Marco Antônio Glück (*in memoriam*), meu amado pai, que agora me acompanha de uma outra dimensão, obrigado por tanto. Quem sou hoje, devo a ele. Escrevo um profundo “obrigado” por incentivar-me nos estudos, na ciência. Ficam as lembranças e os momentos vividos, sobretudo a honestidade e a serenidade ao viver a vida. “Teu guri deu bom”;

à Vera Regina Pará Glück, minha amada mãe, um forte obrigado por me mostrar, desde cedo, a importância de correr atrás dos sonhos, por não medir esforços para que eu me tornasse quem sou hoje. Aos 12 anos, quando fui entrar na sala de cirurgia, perguntei se iria morrer; tua resposta (se tu fosses morrer, jamais deixaria que fizesses o procedimento) ecoa em minha vida, sabendo não estou só. Afinal, meu jardim não seria florido sem teu girassol;

à Jéssica Glück Fachini, minha amada irmã, por me mostrar que os obstáculos são passageiros e que a fé, de fato, move montanhas; se sou teu Norte, tu és meu Sul. Em extensão, a meu cunhado, Josué Luiz Fachini, por cuidar tão bem de minha família ao longo de todos esses anos. E que o Lucas e a Julia, meus amados sobrinhos e afilhados, sejam inspirados, durante sua trajetória de estudos e de vida, para valorizar e viver a ciência;

a Yuri Leonardo Rosa Stelmach, meu companheiro de vida, por, desde o início, incentivar-me e mostrar-me que sou capaz, estudando comigo em todos os momentos nos quais precisei. Sem ele, esta etapa, com certeza, seria mais árdua. Os pescadores estão a crescer, sempre;

a Clecimar Rosa Stelmach e Inácio Stelmach, meus sogros, por me acompanharem nestes últimos anos, pelas conversas de apoio, pelo incentivo. Em extensão, a meu cunhado, Matheus Rosa Stelmach, pela amizade ao longo desses anos. Certamente, vocês tornaram esta jornada mais significativa;

à Paola Gabriela Konrad, colega e amiga, pelas conversas formais e informais ao longo desta etapa, e também pelo olhar minucioso dos meus trabalhos, sempre que precisei;

a todos/as que, de certa forma, ajudaram-me e contribuíram para que esta etapa da minha vida fosse concretizada.

A perspectiva ecológica é particularmente necessária para análise do discurso nativamente digital por várias razões: as formas tecnolinguísticas possuem componentes tecnológicos que uma análise logocêntrica descartaria; a produção e recepção discursivas, no modo on-line, envolvem gestos de leitura na Internet inseparáveis de enunciados (clique, role, toque); os tecnodiscursos têm uma dimensão relacional, sendo todos, em graus variados e em diversas configurações, de ligações técnicas para outros enunciados (PAVEAU, 2021, p. 159).

## RESUMO

No escopo da Análise do Discurso Digital (ADD), o presente estudo tem por objetivo investigar o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa, em particular o tecnodiscurso relatado, e sua implicação para a ação de divulgar a ciência, em tuítes de divulgação científica reunidos pela *hashtag* #divulgaçãocientífica. O aporte teórico baseia-se nos estudos da ADD, sobretudo na heterogeneidade tecnoenunciativa, com foco no tecnodiscurso relatado, à luz de Paveau (2013; 2014; 2016; 2017; 2021), na teoria das heterogeneidades enunciativas, via Authier-Revuz (1990; 1998; 1999; 2001; 2004; 2008; 2020), Charaudeau (1992, 2008; 2013), Maingueneau (2002; 2014), Brito (2010), Cavalcante *et al.* (2020); Pinheiro *et al.* (2020), e nos postulados acerca do discurso relatado compartilhado na *Web*, consoante Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019). Esta investigação compreende descrição, análise e interpretação de um conjunto de cinco tuítes de divulgação científica. Trata-se de estudo qualitativo, apoiado na noção de *pequeno corpus*, conforme Moirand (2020). Mediante a análise, no *Twitter*, a categoria do tecnodiscurso relatado, postulada por Paveau (2015; 2017; 2021) é atualizada, diante da complexidade do discurso digital nativo, permitindo um novo conceito para esse objeto de estudo por meio da congruência entre Grossmann e Rosier (2018), Grossmann (2019) e Paveau (2021). Portanto, ancorada nas teorias dos pesquisadores supracitados, esta pesquisa institui o conceito denominado tecnodiscurso relatado compartilhado na *Web*. Destaca-se, desse modo, que a combinação teórica realizada nesta tese pode oferecer uma visão mais abrangente da categoria do tecnodiscurso relatado no ecossistema *Twitter*, bem como uma contribuição à Linguística Aplicada, aos estudos do Texto, do Discurso e do Discurso Digital.

**Palavras-chave:** análise do discurso digital; divulgação científica; heterogeneidade tecnoenunciativa; tecnodiscurso relatado; *Twitter*.

## ABSTRACT

Within the scope of Digital Discourse Analysis (DDA), the present study aims to investigate the phenomenon of technoenunciative heterogeneity, in particular reported technodiscourse, and its implications for the action of disseminating science, in scientific dissemination tweets gathered by the hashtag #scientificdissemination. The theoretical contribution is based on DDA studies, especially technoenunciative heterogeneity, focusing on reported technodiscourse, in the light of Paveau (2013; 2014; 2016; 2017; 2021), in the theory of enunciative heterogeneities, via Authier-Revuz (1990; 1998 ; 1999; 2001; 2004; 2008; 2020), Charaudeau (1992, 2008; 2013), Maingueneau (2002; 2014), Brito (2010), Cavalcante *et al.* (2020) and Pinheiro *et al.* (2020), and in the postulates about reported speech shared on the Web, according to Grossmann and Rosier (2018) and Grossmann (2019). This investigation comprises description, analysis, and interpretation of a set of five scientific dissemination tweets. This is a qualitative study, supported by the notion of a small corpus, according to Moirand (2020). Through analysis, on Twitter, the category of reported technodiscourse postulated by Paveau (2015; 2017; 2021) is updated, based on the complexity of native digital discourse, allowing a new concept for this object of study through the congruence between Rosier and Grossmann (2018) and Grossmann (2019) and Paveau (2021). Therefore, anchored in the theories of the aforementioned researchers, this research establishes the concept called reported technodiscourse shared on the Web. It is noteworthy, thus, that the theoretical combination carried out in this thesis can offer a more comprehensive overview of the technodiscourse reported category in the Twitter ecosystem, as well as a contribution to Applied Linguistics, the studies of Text, Discourse, and Digital Discourse.

**Keywords:** digital discourse analysis; scientific dissemination; technoenunciative heterogeneity; reported technodiscourse; Twitter.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A evolução da marca <i>Twitter</i> .....	31
Figura 2 – O logo do <i>Twitter</i> .....	32
Figura 3 – Pronunciamento de Elon Musk no <i>Twitter</i> .....	34
Figura 4 – Novo logo do <i>Twitter</i> .....	35
Figura 5 – <i>Layout da</i> página inicial no <i>Twitter</i> .....	36
Figura 6 – Quatro possibilidades de interação no tuíte.....	37
Figura 7 – Quatro possibilidades de compartilhamento de tuíte.....	38
Figura 8 – Uso da <i>hashtag</i> em contexto não digital.....	42
Figura 9 – Representação do discurso relatado.....	53
Figura 10 – Exemplo de TRDI.....	63
Figura 11 – Exemplo de TRRes.....	64
Figura 12 – Exemplo de TRRep.....	65
Figura 13 – Traço da deslinearização visual.....	68
Figura 14 – Exemplo de hiperligação como marca visual específica.....	69
Figura 15 – Exemplo de deslinearização sintagmática.....	70
Figura 16 – Exemplo deslinearização enunciativa.....	71
Figura 17– Exemplo deslinearização semiótica.....	73
Figura 18 – Semelhanças entre tecnodiscurso relatado e discurso compartilhado...77	
Figura 19 – Exemplo do tipo de discordância.....	83
Figura 20 – Exemplo do tipo de reprodução.....	84
Figura 21 – Exemplo de indexação.....	86
Figura 22 – Exemplo de <i>prise en charge</i> .....	87
Figura 23 – Exemplo de <i>thread</i> .....	88
Figura 24 – O <i>Twitter</i> .....	95
Figura 25 – A <i>hashtag</i> #divulgação científica no <i>Twitter</i> .....	96
Figura 26 – Abas do <i>Twitter</i> .....	97
Figura 27 – Exemplo tuíte com <i>link</i> .....	98
Figura 28 – Exemplo de documento de deslinearização de divulgação científica.....	98
Figura 29 – Exemplo de tuíte com elemento de deslinearização.....	99
Figura 30 – Exemplo de tuíte dos dados gerados.....	102
Figura 31– Biografia do locutor @O_weverton.....	107

Figura 32 – Tuíte n. 1 .....	108
Figura 33 – Enunciador digital 2 do tuíte n.1 (Ed2-1).....	110
Figura 34 – Tecnodiscurso relatado integral - Tuíte n. 1 .....	112
Figura 35 –Trecho do tuíte n.1 .....	113
Figura 36 – Biografia da locutora @Jadescris.....	116
Figura 37 – Tuíte n. 2 .....	117
Figura 38 – Enunciador digital 2 do tuíte n.2 (Ed2-2).....	119
Figura 39 – Caso de tecnodiscurso relatado resumidor no tuíte n.2 .....	120
Figura 40 – Trecho do tuíte n.2 .....	121
Figura 41 – Biografia do locutor @semanadafisica .....	123
Figura 42 – Tuíte n.3 .....	124
Figura 43 – Enunciador digital 2 (Ed2-3).....	126
Figura 44 – Tecnodiscurso relatado resumidor tuíte n.3 .....	127
Figura 45 – Trecho do tuíte n.3 .....	128
Figura 46 – Biografia do locutor @lourivaldcampos .....	130
Figura 47 – Tuíte n.4 .....	131
Figura 48 – Enunciador digital 2 (Ed2-4).....	133
Figura 49 – Canal Falando em Ciência no ecossistema <i>YouTube</i> .....	134
Figura 50 – Caso de tecnodiscurso relatado resumidor no tuíte n.4 .....	135
Figura 51 – Trecho do tuíte n. 4 .....	136
Figura 52 – Biografia do locutor @ClickCiência .....	138
Figura 53 – Tuíte n. 5 .....	139
Figura 54 – Enunciador digital 2 (Ed2-5).....	140
Figura 55 – Caso de tecnodiscurso relatado resumidor no tuíte n.5 .....	142
Figura 56 – Trecho do tuíte n. 5 .....	142
Figura 57 – Traços de discurso indireto (DI) no tuíte n.1 .....	148
Figura 58 – Traços de discurso indireto (DI) no tuíte n.5 .....	149

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cinco modos de RDO.....	52
Quadro 2 – Tipos de discurso relatado para Charaudeau.....	54
Quadro 3 – Quatro elementos que caracterizam o discurso compartilhado.....	82
Quadro 4 – Critérios do discurso compartilhado na <i>Web</i> .....	89
Quadro 5 – Tuítes que constituem o conjunto de dados.....	103
Quadro 6 – Etapas de investigação da pesquisa.....	104
Quadro 7 – Sintetização das primeiras etapas analíticas.....	144

## LISTA DE SIGLAS

ADD	Análise do Discurso Digital
CCELD	Comunicação da Ciência: estudos linguísticos e discursivos
DD	Discurso Direto
DI	Discurso Indireto
DIL	Discurso Indireto Livre
DR	Discurso Relatado
MAE	Modalização Autonímica de Empréstimo
MAS	Modalização como Asserção Segunda
RDO	Representação do Discurso Outro
TRDI	Tecnodiscurso Relatado Direto Integral
TRRes	Tecnodiscurso Relatado Resumidor
TRRep	Tecnodiscurso Relatado Repetidor

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>27</b>
2.1 A rede social Twitter: ecossistema digital .....	31
2.1.1 A hashtag como affordance no ecossistema Twitter .....	39
2.2 A heterogeneidade enunciativa e o discurso relatado em gêneros discursivos pré-digitais .....	46
2.3 A heterogeneidade tecnoenunciativa e o tecnodiscurso relatado em discursos nativos digitais .....	57
2.3.1 Tecnodiscurso relatado direto integral.....	61
2.3.2 Tecnodiscurso relatado resumidor .....	63
2.3.3 Tecnodiscurso relatado repetidor .....	64
2.4 A deslinearização enunciativa .....	66
2.5 Os postulados de Francis Grossmann e Laurence Rosier sobre discurso relatado compartilhado em contexto digital.....	74
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>93</b>
3.1 Os dados gerados para a análise: critérios de seleção para a composição dos dados e a sua caracterização .....	94
3.2 Os procedimentos de análise.....	103
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS GERADOS .....</b>	<b>106</b>
4.1 Análise do tuíte 1 – usuário CEnvenenada .....	106
4.1.1 Primeira etapa: descrição do tuíte 1 .....	107
4.1.2 Segunda etapa: deslinearização enunciativa .....	109
4.1.3 Terceira etapa: estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa .....	111
4.1.4 Quarta etapa: exposição dos critérios do discurso relatado compartilhado na Web.....	113
4.2 Análise do tuíte 2 – usuário Jades cris .....	115
4.2.1 Primeira etapa: descrição do tuíte 2 .....	116
4.2.2 Segunda etapa: deslinearização enunciativa .....	118
4.2.3 Terceira etapa: estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa .....	120

4.2.4 Quarta etapa: exposição dos critérios do discurso relatado compartilhado na Web.....	121
4.3 Análise do tuíte 3 – usuário SEFIS – UNICAMP .....	122
4.3.1 Primeira etapa: descrição do tuíte 3.....	123
4.3.2 Segunda etapa: deslinearização enunciativa .....	124
4.3.3 Terceira etapa: estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa .....	127
4.3.4 Quarta etapa: exposição dos critérios do discurso relatado compartilhado na Web.....	128
4.4 Análise do tuíte 4 – usuário Lourivaldcampos .....	129
4.4.1 Primeira etapa: descrição do tuíte 4.....	130
4.4.2 Segunda etapa: deslinearização enunciativa .....	132
4.4.3 Terceira etapa: estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa .....	134
4.4.4 Quarta etapa: exposição dos critérios do discurso relatado compartilhado na Web.....	135
4.5 Análise do tuíte 5 – usuário ClickCiencia.....	137
4.5.1 Primeira etapa: descrição do tuíte 5.....	138
4.5.2 Segunda etapa: deslinearização enunciativa .....	139
4.5.3 Terceira etapa: estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa .....	141
4.5.4 Quarta etapa: exposição dos critérios do discurso relatado compartilhado na Web.....	142
4.6 Quinta etapa: relação dos resultados obtidos .....	148
4.7 Sexta etapa: materialização do fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa e, no seu interior, dos diferentes enunciadores digitais em jogo no ecossistema <i>Twitter</i> e sua implicação para a divulgação científica ...	151
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>157</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>164</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com o advento da *Web 2.0*<sup>1</sup>, assistimos ao impacto do digital nas mais diversas esferas culturais e sociais. As diferentes mídias digitais nos permitem uma interação constante com textos eletrônicos e com a magnitude da tecnologia que essa realidade nos possibilita como escreitores<sup>2</sup>. Em vista disso, a partir da *Web 2.0* e do fenômeno da hipertextualidade<sup>3</sup>, a Análise do Discurso Digital (doravante ADD), proposta pela linguista francesa Marie-Anne Paveau, conduz pesquisadores da linguística a se debruçarem sobre a tecnolinguagem, isto é, sobre a simetria entre a linguagem e a tecnologia<sup>4</sup> na análise das produções discursivas nativas de ambientes digitais *on-line*.

Segundo Paveau (2016, p. 15, tradução nossa), o analista de discurso digital “[...] não pode, então, contentar-se com ferramentas conceituais e metodológicas discursivas; ele deve integrar conceitos e métodos que levem em conta a dimensão material do digital como uma dimensão intrínseca ao discurso<sup>5</sup>”. A ADD traz uma abordagem pós-dualista e ecológica, isto é, que toma o ambiente de produção, o objeto, o sujeito e o ecossistema<sup>6</sup>, e integra esses quatro elementos em simetria.

---

<sup>1</sup> Por muito tempo, “a *Web* foi utilizada somente para uso, recepção e consumo de conteúdos criados por empresas” (NUNES, 2020, p. 219). Tal período foi chamado de *Web 1.0*, no qual o usuário tinha papel passivo, sendo mero espectador do conhecimento transmitido (MORAIS *et al.*, 2012; NUNES, 2020). Por sua vez, o termo *Web 2.0* surgiu, pela primeira vez, em uma conferência de Tim O’Reilly, em 2004, ao falar de uma crise mundial da rede online. *Web 2.0* passou, assim, a representar a aproximação da *Web* ao usuário, em que se tornou potencializadora da interação, colaboração e distribuição. A *Web 2.0* transformou os usuários em colaboradores ativos da construção de conhecimento ao facilitar a publicação e a criação de comunidades virtuais (MORAIS *et al.*, 2012; DUDENEY *et al.*, 2016).

<sup>2</sup> Conforme Paveau (2016), a noção de escreitor origina-se do poder que o leitor hipertextual tem de decidir entre clicar na(s) hiperligação(ões) presente(s) ao longo do texto, tornando-se, segundo a linguista, tanto o leitor quanto o (novo) escritor desse texto.

<sup>3</sup> A hipertextualidade pode ser concebida como um fenômeno de organizar o conteúdo de um texto multilinear, ou seja, de um hipertexto. Ela auxilia na compreensão da organização desse texto, projetando os possíveis caminhos de leitura que o escreitor midiático poderá percorrer. Em linhas gerais, a hipertextualidade conecta os nós hipertextuais de informação por meios de cliques/toques, seja por conexões ícones, seja por palavras (EMPINOTTI, 2015).

<sup>4</sup> Em nossa pesquisa, de acordo com Paveau (2021, p. 290), entendemos que a “tecnologia não é mais pensada como um suporte, mas como um dado negociável e flexível, suscetível de ser apropriado pelos usuários, um dado detentor de um sentido social. Há uma relação mútua entre a tecnologia e seus usuários, o que torna as evoluções desta tecnologia codependentes e até constitutivas da vida social, ao contrário de uma concepção que veria a evolução tecnológica de modo linear e, sobretudo, autônomo.”. Trata-se, portanto, de um ambiente conectado, ecológico e simétrico.

<sup>5</sup> “[...] ne peut alors se contenter d’outils conceptuels et méthodologiques discursifs, mais doit intégrer des concepts et des méthodes qui rendent compte de la dimension matérielle du numérique comme une dimension intrinsèque du discours”.

<sup>6</sup> Para Paveau (2013), um ecossistema é o lugar no qual o texto se insere, é onde os textos se materializam e onde se pode encontrar a simetria entre a linguagem e a tecnologia.

Isso porque “os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira” (PAVEAU, 2021, p. 1), ou seja, os discursos produzidos *on-line* se coconstituem de linguagem e de tecnologia. E é por isso que Paveau (2016) afirma que as categorias linguísticas desenvolvidas no pré-digital não dão conta dessa realidade tecnodiscursiva, pois não levam em consideração esse imbricamento entre linguagem e tecnologia. Ao contrário, as categorias pré-digitais consideram o ambiente de produção – chamado de suporte discursivo, em uma perspectiva logocêntrica – como exterior à linguagem, e não como um dos elementos que está em simetria com ela, como na ADD.

Portanto, para Paveau (2013), falar em tecnodiscurso, em tecnolinguagem ou em análise tecnolinguística é inscrever-se numa prática ecológica e pós-dualista da linguística. Em outras palavras, na perspectiva pós-dualista, todos esses elementos estão em relação. O discurso digital não existe sem considerar a máquina, tendo em vista que os próprios ecossistemas definem a forma como o usuário interage (PAVEAU, 2017).

Dentre os variados temas que concernem à tecnodiscursividade, ainda pouco explorados, está a **heterogeneidade tecnoenunciativa**, que diz respeito à coexistência de diferentes enunciadores digitais em um único fio enunciativo (PAVEAU, 2015). Segundo Paveau (2016, p. 15),

Essa coexistência no mesmo fio de várias situações de enunciação não é sinalizada pelos processos de mudança de enunciação, tal como são identificados no discurso off-line (processos de heterogeneidade enunciativa como o discurso relatado, a citação, a intertextualidade, a evocação, a alusão); pode-se, portanto, vê-lo como um fenômeno de heterogeneidade tecnoenunciativa<sup>7</sup>.

Em outras palavras, investigar a heterogeneidade tecnoenunciativa é assumir que os diferentes enunciadores digitais são rastreáveis a partir de elementos marcadores de deslinearização (ou seja, próprios do discurso digital), como um *hiperlink*, e não do cotexto de um enunciado – isto é, no interior do discurso –, como é visto em *corpora* pré-digitais. Em suma, a heterogeneidade tecnoenunciativa se

---

<sup>7</sup> “Cette coexistence dans le même fil de plusieurs situations d’énonciation potentielles n’est pas toujours signalée par les procédés de changement énonciatif tels qu’ils sont identifiés dans le discours hors ligne (procédés d’hétérogénéité énonciative comme le discours rapporté, la citation, l’intertextualité, l’évocation, l’allusion); il peut donc être vu comme un phénomène d’hétérogénéité techno-énonciative.”

debruça sobre o tecnodiscurso relatado, que é a forma digital do discurso relatado (PAVEAU, 2014).

No âmbito da ADD, ao investigar o tecnodiscurso relatado no ecossistema *Facebook*, Paveau (2014; 2021) propõe três tipos<sup>8</sup>: (i) tecnodiscurso relatado direto integral (TRDI) – quando o compartilhamento de um *post* citado, em sua totalidade, ocorre em um outro ecossistema por meio de um *post* citante; (ii) tecnodiscurso relatado resumidor (TRRes) – quando o compartilhamento de um *post* citante apresenta o resumo do *post* citado por meio da URL (*link*); e (iii) tecnodiscurso relatado repetidor (TRRep) – quando o discurso citado é copiado e compartilhado no discurso citante, por meio de um *post*. Esses tipos são melhor descritos no subcapítulo 2.3.

Destarte, propomo-nos, no escopo da heterogeneidade tecnoenunciativa, identificar como ocorre o tecnodiscurso relatado em um conjunto de dados gerados na plataforma *Twitter*<sup>9</sup>, por meio da *hashtag* #divulgaçãocientífica. Para isso, tomamos como parâmetro de análise os três tipos de tecnodiscurso relatado, seguindo a classificação de Paveau (2014; 2021), e examinamos se eles de fato se apresentam nos dados gerados e se ocorre alguma forma de tecnodiscurso relatado que não tenha sido arrolada pela linguista. Além disso, verificamos em que medida os tipos encontrados neste estudo apresentam características diferentes daquelas do ambiente *off-line* (AUTHIER-REVUZ, 1990; 1998; 1999; 2001; 2004; 2008; 2020; CHARAUDEAU, 1992, 2008, 2013; MAINGUENEAU, 2002; 2014).

Em outras palavras, verificaremos de que modo as ocorrências coletadas em nosso estudo diferem daquelas classificadas com bases nos critérios pré-digitais. Por isso, é necessário que nossa investigação aborde a concepção de discurso relatado *off-line*, bem como as suas tipologias.

Em linhas gerais, o discurso relatado *off-line* equivale, conforme Charaudeau (2013, 161-162), ao “ato de enunciação pelo qual um locutor relata o que foi dito por outro locutor, que, em princípio, não é o interlocutor de origem”. Trata-se, assim, de dois enunciadores em uma única enunciação. Salientamos que os tipos de discurso relatado desenvolvidos por Authier-Revuz (1990; 1998; 1999; 2001; 2004; 2008; 2020) e, posteriormente, estudados por Charaudeau (1992, 2008; 2013),

---

<sup>8</sup> Ver seção 2.3, p. 57.

<sup>9</sup> Embora o atual dono do *Twitter*, Elon Musk, tenha anunciado, em 24 de julho de 2023, a implementação do nome *X* à rede social (GZH, 2023), optamos por deixar a nomenclatura anterior, *Twitter*, visto que, na geração dos dados, esse era o nome da plataforma.

Maingueneau (2002; 2014), Brito (2010), Cavalcante *et al.* (2020) e Pinheiro *et al.* (2020) são descritos no subcapítulo 2.2.

Além dessas teorias, também adotamos os estudos de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019) acerca do **discurso relatado compartilhado na Web**, de acordo com a denominação desses autores. A partir dessas investigações, na seção destinada às análises dos tuítes, procuramos observar de que forma as considerações dos linguistas estabelecem ou não relação com o que postula e defende Paveau. Ressaltamos que as pesquisas de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019) são descritas no subcapítulo 2.5.

Isso posto, destacamos que, ao investigarmos a heterogeneidade tecnoenunciativa no ecossistema *Twitter*, nossa preocupação está em estudar como se manifestam os diferentes enunciadoreis digitais em cada fio enunciativo de cada tuíte. Para Paveau, (2021, p. 33),

[...] a própria natureza da linguagem e de suas manifestações que é questionada: on-line, já não são propriamente os escritores e os locutores que escrevem e falam, mas, para ser breve, são as máquinas e seus programadores que permitem que as produções linguísticas, fruto da intencionalidade dos sujeitos, sejam realizadas e adquiram uma existência.

Desse modo, prosseguindo com Paveau (2021), em nossa pesquisa, procuramos investigar como podemos classificar/categorizar os enunciadoreis digitais em jogo no ecossistema *Twitter*. Em outras palavras, assumimos que, em uma manifestação de heterogeneidade tecnoenunciativa no *Twitter*, mediante marca de clicabilidade, diferentes situações de enunciação (e seus respectivos enunciadoreis digitais) são conectadas em um mesmo fio enunciativo (nesta tese, o tuíte).

Por isso, visto que esse campo de estudo é considerado recente nas diversas áreas de conhecimento, especialmente nas do Discurso, há muitas indagações que podem ser feitas nesse âmbito, tais como: *os tipos de tecnodiscurso relatado desenvolvidos por Paveau (2014; 2021) se aplicam ao ecossistema Twitter? Em que medida os postulados de Paveau (2014; 2021) assemelham-se ou não aos de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019)? Como se apresentam os tipos de tecnodiscurso relatado em um conjunto de tuítes reunidos pela hashtag #divulgaçãocientífica no ecossistema Twitter? É possível quantificar o número de enunciadoreis digitais nos tuítes de divulgação científica? Como se manifestam os*

*diferentes enunciadores digitais em cada fio enunciativo de cada tuíte? Em que medida os modos de citar o outro encontrados neste estudo distanciam-se dos tipos de discurso relatado em gêneros pré-digitais em conformidade com Authier-Revuz (1990; 1998; 1999; 2001; 2004; 2008; 2020), Charaudeau (2008; 2013) e Maingueneau (2002)? Qual a relevância do fenômeno da heterogeneidade tecnodiscursiva para a divulgação científica na esfera do discurso digital?*

Além dessas, muitas outras perguntas podem surgir e, por isso, fizemos um recorte e formulamos nossa pergunta de pesquisa: *como se materializam o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa e, no seu interior, os diferentes enunciadores digitais em jogo em um conjunto de tuítes reunidos pela hashtag #divulgaçãocientífica, cujo foco é divulgar a ciência?*

Assim, para o desenvolvimento deste estudo, estabelecemos a seguinte hipótese de pesquisa: *o tecnodiscurso relatado, pertencente à heterogeneidade tecnoenunciativa, precisa ser analisado por categorias diferentes daquelas usadas na análise do discurso relatado, da heterogeneidade enunciativa, nos discursos pré-digitais, para dar conta da dimensão tecnológica no âmbito da ecologia do discurso. No Twitter, essa categoria é atualizada, a partir da complexidade do discurso digital nativo, coconstituído de linguagem e tecnologia informática, permitindo um novo conceito para esse objeto de estudo mediante congruência entre Grossmann e Rosier (2018), Grossmann (2019) e Paveau (2021).*

Definidos o tema de nossa investigação, seus questionamentos e a hipótese que a orienta, buscamos delimitar, a seguir, o objetivo geral da presente pesquisa: investigar o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa, em particular o tecnodiscurso relatado, e sua implicação para a ação de divulgar a ciência, em tuítes de divulgação científica reunidos pela *hashtag* #divulgaçãocientífica.

Esse objetivo se pormenoriza nos seguintes objetivos específicos:

- a) observar a incidência de elemento clicável a partir da deslinearização enunciativa (PAVEAU, 2016; 2021), bem como identificar para qual enunciator digital esse(s) elemento(s) remete(m) o esrileitor;
- b) identificar as estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa, considerando as categorias de tecnodiscurso relatado desenvolvidas por Paveau (2014; 2021);

- c) examinar os dados gerados por meio do discurso relatado compartilhado na *Web*, à luz de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019);
- d) discutir os resultados obtidos, examinando como os tipos de tecnodiscurso relatado encontrados diferem daqueles do ambiente *off-line*; e
- e) propor categoria(s) própria(s) ao tecnodiscurso relatado para o ecossistema *Twitter* mediante exame dos dados gerados para a presente investigação.

Para o alcance do objetivo geral e dos objetivos específicos mencionados, adotamos os seguintes teóricos e sua respectiva contribuição epistemológica: (a) Paveau (2013; 2016; 2021) e Costa (2019), com os aspectos relativos ao ecossistema *Twitter* e, especialmente, à *hashtag*; (b) Paveau (2016; 2021), com estudos sobre a deslinearização enunciativa; (c) Authier-Revuz (1990; 1998; 1999; 2001; 2004; 2008; 2020), Charaudeau (1992, 2008; 2013), Maingueneau (2002; 2014), Brito (2010), Cavalcante *et al.* (2020) e Pinheiro *et al.* (2020), com as investigações sobre a heterogeneidade enunciativa e o discurso relatado em *corpora* de gêneros pré-digitais; (d) Paveau (2014; 2021), com suas pesquisas sobre a heterogeneidade tecnoenunciativa e o tecnodiscurso relatado; e (e) Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019), cujos postulados remetem ao que os linguistas denominam discurso relatado compartilhado na *Web*.

Dito isso, diferentemente de Paveau (2014; 2021), em nossa pesquisa, o ecossistema objeto escolhido é o *Twitter*. Escolhemos o *Twitter* (i) por ser uma rede social que conta com a adesão de grande parte dos usuários brasileiros, bem como (ii) porque, uma vez que os tipos de tecnodiscurso relatado postulados por Paveau (2014; 2021) focalizam o ecossistema *Facebook*, sentimos necessidade de investigar se esses tipos se aplicam (e em que medida) ao conjunto de tuítes selecionado para nosso estudo.

Em relação aos dados atualizados sobre o acesso dos brasileiros às mídias digitais, cabe-nos ainda salientar que houve um aumento de oito milhões e meio de usuários nas redes sociais em 2020 (KEMP, 2020). De acordo com a pesquisa realizada pelo pesquisador Simon Kemp, em 2020, havia cerca de 140 milhões de brasileiros nas redes sociais digitais, sendo o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter*, o *WhatsApp* e o *YouTube* as mais utilizadas (KEMP, 2020). Nesse cenário, estima-se haver cerca de 30 milhões de brasileiros no *Twitter*. Um pouco diferente da realidade

brasileira, nos Estados Unidos, verifica-se uma utilização de cunho mais empresarial, em que 65,8% das empresas adotaram a rede de *microblog* como estratégia de *marketing* em 2019. Além do elevado número de usuários, “[...] o *Twitter* tem-se destacado entre as plataformas de comunicação via internet, sobretudo, para a divulgação de informações de maneira rápida e com grande capilaridade”. (OLIVA, p. 1, 2018, grifo nosso).

Ademais, em uma limitação de 280 caracteres, o *Twitter* tem se tornado um ambiente digital para diferentes finalidades, sejam elas mercadológicas, pessoais, político-ideológicas (COSTA, 2019), entre outras.

Dentre as *affordances*<sup>10</sup> do *Twitter*, as quais explicitaremos a *posteriori*, na etapa de fundamentação teórica (subcapítulo 2.1), está a *hashtag*. Essa tecnopalavra (PAVEAU, 2016) permite aos usuários a organização dos assuntos mais variados, bem como facilita a retomada de tópicos para a discussão no seu próprio ecossistema (OLIVA, 2018). Na verdade, para Marie-Anne Paveau, precursora da ADD, a *hashtag* é uma das principais *affordances* do *Twitter* (PAVEAU, 2013; 2021), configurando-se como uma prática tecnodiscursiva. A *hashtag* é um

[...] segmento de linguagem precedido do símbolo #, utilizado originalmente na rede *Twitter*, mas adaptado a outras plataformas, como o *Facebook*. Essa associação faz com que se torne uma *tag* clicável, inserida manualmente no *Twitter* que permite acessar um fio que reúne o conjunto dos enunciados que contém a *hashtag* [...]. (PAVEAU, 2021, p. 223, grifo nosso).

É importante destacar que o signo #, chamado de cerquilha, não *nasceu* na *Web* digital; portanto, ele, por si só, não é nativo digital, “mas a *hashtag* que ele contribui para elaborar efetivamente o é”. (PAVEAU, 2021, p. 223, grifo nosso). E, de acordo com o que ensina Paveau (2013; 2021), a *hashtag*, no âmbito da ADD, é uma tecnopalavra clicável, uma vez que, por meio dela, o discurso digital se torna investigável.

Por isso, junto com Paveau (2013; 2021), para categorizar a *hashtag* no ecossistema *Twitter*, nossa pesquisa leva em consideração as suas especificidades. São elas: (i) a afiliação difusa dos usuários – práticas discursivas próprias aos

<sup>10</sup> Consoante Paveau (2015), no âmbito da ADD, as *affordances* – termo cunhado por Gibson (1977) – são concebidas como possibilidades oferecidas por um ecossistema digital. Trata-se dos ícones visíveis e clicáveis nos ambientes digitais, como tecnopalavras em negrito, sublinhadas etc., sempre em cada ecossistema.

participantes da rede; (ii) a tecnoconversacionalidade – *a quem falamos no Twitter?*; e (iii) a investigabilidade – a *hashtag* é um dispositivo tecnolinguageiro rastreável, que torna a *tag* clicável. Essas especificidades são descritas a *posteriori*, no subcapítulo 2.1.

Em nosso estudo, no ecossistema *Twitter*, a *hashtag* é um dos critérios de seleção para a coleta de dados. Dentre as variadas *hashtags* no *Twitter*, optamos por escolher, para nossa pesquisa, a *hashtag* *#divulgaçãocientífica*, coletando tuítes que a contêm. Isso porque, em nossa pesquisa, (i) estudamos a relevância da heterogeneidade tecnodiscursiva para a divulgação científica na esfera do discurso digital, bem como (ii) expomos como se materializa o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa e, no seu interior, os diferentes enunciadores digitais em jogo no ecossistema *Twitter* e sua implicação para a divulgação científica.

Da mesma forma, (iii) salientamos que nossa pesquisa toma como temática os discursos de divulgação científica, bem como se insere no conjunto de estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa intitulado Comunicação da Ciência: estudos linguísticos e discursivos (CCELD), coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Eduarda Giering. Nos estudos do grupo, tratamos sobre como podemos divulgar a ciência a um público não especializado, em especial, com o advento da *Web 2.0*, nas redes sociais. Além disso, destacamos que, nesta pesquisa, concebemos a Linguística Aplicada a partir de uma perspectiva transdisciplinar<sup>11</sup> (CELANI, 2004; MOITA LOPES, 2004), uma vez que convocamos outras áreas do conhecimento, como a Tecnologia e a Divulgação Científica, para dar conta do fenômeno tecnodiscursivo em estudo.

Nossa escrita da tese organiza-se em cinco capítulos, além desta Introdução. No segundo capítulo, apresentamos o referencial teórico selecionado para embasar este trabalho.

No terceiro capítulo, descrevemos e justificamos a metodologia adotada, com a apresentação do conjunto de dados gerados; além disso, explicitamos o percurso metodológico de nossa pesquisa.

---

<sup>11</sup> Moita Lopes (2004, p. 122) sustenta ser possível, ao linguista aplicado, "atuar em grupos de pesquisa de natureza transdisciplinar que estão estudando um problema em um contexto de aplicação específico para cuja compreensão as intravisiões do linguista aplicado possam ser úteis". Por sua vez, consoante Celani (2004, p.132), "a transdisciplinaridade refere-se à coexistência de diferentes ramos do saber em um estado de interação dinâmica, de modo que a interação se apresenta como sua condição essencial".

No quarto capítulo, procedemos à análise dos cinco tuítes que compõem os dados gerados, com a ocorrência da heterogeneidade tecnoenunciativa no ecossistema *Twitter*, por meio da *hashtag* #divulgaçãocientífica.

Finalizamos com o quinto capítulo, em que apresentamos as conclusões decorrentes dos resultados alcançados por meio das análises, bem como trazemos ao texto de tese as possíveis contribuições oferecidas ao conjunto de investigações sobre a heterogeneidade tecnoenunciativa no âmbito da Linguística Aplicada, sobretudo na Análise do Discurso Digital.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos as noções que sustentam nosso trabalho, bem como os fundamentos teóricos que àquelas estão associados. Seguem:

- a) o ecossistema *Twitter* e, especialmente, a *hashtag* (PAVEAU, 2013; 2016; 2021; COSTA, 2019);
- b) a heterogeneidade enunciativa e o discurso relatado em gêneros discursivos pré-digitais (AUTHIER-REVUZ, 1990; 1998; 1999; 2001; 2004; 2008; 2020; BRITO, 2010; CAVALCANTE *et al.*, 2020; PINHEIRO *et al.*, 2020; CHARAUDEAU, 1992, 2008, 2013; MAINGUENEAU, 2002; 2014);
- c) a heterogeneidade tecnoenunciativa e o tecnodiscurso relatado em discursos nativos digitais (PAVEAU, 2014; 2021);
- d) a deslinearização enunciativa (PAVEAU, 2016; 2021); e
- e) o discurso relatado compartilhado na *Web* (GROSSMANN; ROSIER, 2018; GROSSMANN, 2019).

Nossa pesquisa insere-se no âmbito da Análise do Discurso Digital (ADD), postulada pela linguista francesa Marie-Anne Paveau. Na perspectiva da ADD, há uma ligação indissociável entre matéria languageira e tecnologia, em que se investigam os mais variados fenômenos que concernem à tecnolinguagem. Como declara Paveau (2021, p. 272, grifo nosso):

Essas três noções [hipertextualidade, presença digital e redocumentação] permanecem inexploradas na Linguística, uma vez que ela ainda não se encarregou da simetria entre discurso e técnica, o que chamo de tecnodiscursividade, isto é, do fato de que as declarações produzidas *online* são constituídas de matéria híbrida e não apenas languageira.

Frente a isso, Paveau (2016; 2021) concebe a ADD como uma Linguística Simétrica, que consiste em uma virada epistemológica, a partir do conceito de simetria, cunhado pelo antropólogo, sociólogo e filósofo da ciência Bruno Latour<sup>12</sup> (2012). Como já explicamos no capítulo introdutório desta tese, isso implica dizer

---

<sup>12</sup> Para Latour (2012, p. 158), os objetos têm agência, o que significa “estar associado de tal modo que fazem outros atores fazerem coisas”. Em vista disso, o pesquisador advoga o mesmo *status* e a mesma atenção aos atores humanos e não humanos. Trata-se de uma verdadeira simetria.

que, nessa perspectiva, há uma ligação indissociável entre matéria languageira e tecnologia, ou seja, há um *continuum* entre o verbal e o não verbal.

Nesse sentido, a Linguística Simétrica se opõe à Linguística Logocêntrica, pois rompe com a noção de linguístico e extralinguístico. Na perspectiva logocêntrica, há aspectos que competem à linguagem e outros que são exteriores a esta. Isso significa que os observáveis são de natureza puramente languageira, diferentemente da visão simétrica, em que os observáveis compõem-se de natureza tecnolinguageira, num verdadeiro compósito.

Assim, diferentemente de pesquisas realizadas no âmbito do discurso que se valem exclusivamente de teorias linguístico-discursivas para as análises sobre o discurso relatado em gêneros pré-digitais, neste estudo, adotamos a ADD, para dar conta da realidade tecnodiscursiva dos dados gerados. Por isso, assumindo pressupostos de Paveau (2021), nossa investigação insere-se numa abordagem pós-dualista e ecológica, isto é, toma o ambiente de produção, o objeto, o sujeito e o ecossistema, e integra esses quatro elementos em simetria.

Em outras palavras, na perspectiva pós-dualista, todos esses elementos estão em relação. O discurso digital não existe sem considerar a máquina, uma vez que os próprios ecossistemas definem a forma como o escritor interage (PAVEAU, 2021). Diante disso, Paveau (2021, p. 1) esclarece que

[...] os discursos digitais nativos não são de ordem puramente languageira;  
[...] as determinações técnicas coconstroem as formas tecnolinguageiras, e  
[...] as perspectivas logo e antropocêntricas devem ser descartadas em prol de uma perspectiva ecológica e integradora, que reconhece o papel dos agentes não humanos nas produções languageiras.

Por essa razão, no discurso digital, a tecnologia não é extralinguística; é o ecossistema quem determinará os caminhos e as possibilidades de interação possíveis para o escritor. Portanto, para o universo do discursivo digital a partir da *Web 2.0*, Paveau (2016; 2021) formula a noção de tecnodiscurso.

Além disso, ao desenvolver a noção do tecnodiscurso, Paveau (2017; 2021) estabelece seis características que o definem. São elas: (i) composição; (ii) deslinearização; (iii) ampliação; (iv) relacionalidade; (v) investigabilidade; e (iv) imprevisibilidade.

Brevemente, a característica da composição refere-se ao fato de os tecnodiscursos constituírem-se de natureza indissociável entre matéria languageira e

matéria tecnológica, consubstanciando um verdadeiro compósito. Estamos, portanto tratando, de acordo com o que escreve Paveau (2017, p. 13, tradução nossa), da “[...] coconstituição do languageiro e do técnico nos discursos digitais nativos<sup>13</sup>”. Isto é, há uma simetria entre a linguagem e o que é externo a ela, isto é, a tecnologia. Em vista disso, uma hiperligação é um elemento do tecnodiscurso, uma vez que ela consiste e existe nesse compósito (PAVEAU, 2017). Para a linguista, todos os ecossistemas com elementos clicáveis, tecnolinguageiros, são considerados compósitos.

A segunda característica desenvolvida por Paveau é a deslinearização. Paveau (2017, p. 1, tradução nossa) explica que

A deslinearização é uma elaboração do fio do discurso na qual as questões tecnológicas e linguísticas são coconstitutivas, e afetam a sintagmática combinatória, criando um discurso composto com dimensão relacional. A deslinearização é um fenômeno totalmente dependente da tecnologia discursiva<sup>14</sup>

De outra forma explicado, trata-se de um elemento clicável por meio de um *gesto* visual (PAVEAU, 2017). O nó hipertextual deslineariza o texto, conectando o texto de origem com o de destino. Essa categoria será detalhada no quarto subcapítulo, com enfoque na deslinearização enunciativa (PAVEAU, 2016; 2021), para fins deste estudo.

De acordo com Paveau (2021), a terceira característica, ampliação, pode realizar-se em dois tipos. São estes: (i) a possibilidade de as produções textuais produzidas e compartilhadas on-line serem elaboradas por mais de um usuário ao mesmo tempo simultaneamente (PAVEAU, 2021), e (ii) a possibilidade de “[...] prolongar os escritos por adições (os comentários, especialmente) e por circulações facilitadas (compartilhamentos e reblogagem)”. (PAVEAU, 2021, p. 53).

A quarta característica, relacionalidade, “é um dos traços estruturais dos discursos digitais nativos, em particular da web” (PAVEAU, 2021, p. 311). Essa característica pode ser vista (i) entre as próprias produções nativas digitais; (ii) na relação entre os tecnodiscursos e a máquina; e (iii) na subjetividade do internauta.

<sup>13</sup> “[...] la coconstitution du langagier et du technique dans les discours numériques natifs”.

<sup>14</sup> “La délinéarisation est une élaboration du fil du discours dans laquelle les matières technologiques et langagières sont co-constitutives, et affectent la combinatoire phrastique en créant un discours composite à dimension relationnelle. La délinéarisation est un phénomène relevant pleinement de la technologie discursive”.

Para a linguista, qualquer enunciado produzido em contexto digital nativo é materialmente relacional (PAVEAU, 2021).

A quinta característica, investigabilidade, apresenta-se pelo fato de toda produção on-line poder ser rastreada, devido à interferência da máquina (da tecnologia). Eis a possibilidade de rastreamento, endêmico ao discurso digital nativo (PAVEAU, 2021), como a *hashtag*.

Por fim, a sexta característica, imprevisibilidade, é o resultado “[...] da impossibilidade de o enunciador-escreitor prever a forma, a circulação ou mesmo o conteúdo de suas produções languageiras on-line”. (PAVEAU, 2021, p. 249). Nos ecossistemas digitais, dadas as possibilidades da máquina, dos algoritmos, não há como prever a alcance dos discursos produzidos naquele ambiente digital. Salientamos que essas seis características serão levadas em consideração na análise dos dados gerados para esta pesquisa.

Além disso, salientamos que, em contexto brasileiro, há diferentes pesquisadores e pesquisadoras que se debruçam sobre diversos fenômenos tecnodiscursivos. A saber, Cristiane Dias, Professora Adjunta da UNICAMP, desenvolve pesquisa sobre linguagem no espaço digital, espaço urbano, refletindo sobre a produção e circulação dos sentidos, bem como sobre os processos de constituição dos sujeitos no mundo contemporâneo (DIAS, 2020; 2019<sup>15</sup>).

Por sua vez, no Grupo CCELD, enfatizamos duas pesquisas concluídas recentemente: Dieila Nunes dos Santos<sup>16</sup> defendeu sua tese de Doutorado em 2023, investigando os comentários-trolls com violência verbal direcionados ao cientista e divulgador científico Átila Iamarino. Além disso, Daiana Campani<sup>17</sup> defendeu sua tese em janeiro de 2024, analisando a encenação tecnoenunciativa e a escrita digital da cientista e divulgadora científica Natália Pasternack.

Isso posto, este capítulo divide-se em quatro subcapítulos. No primeiro subcapítulo, descrevemos o ecossistema *Twitter* e, especialmente, a *hashtag* (PAVEAU, 2013; 2016; 2021; COSTA, 2019). No segundo subcapítulo,

---

<sup>15</sup> Para saber mais:

DIAS, C. Ensino e Tecnologia: o texto pelo digital. **Revista Ecos**, v. 28, p. 157-175, 2020.

DIAS, C. O sentido da automatização na Análise de Discurso: sobre a maquinaria dos sentidos. **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v. 2, p. 196-2018, 2019.

<sup>16</sup> Para saber mais: *A ciberviolência discursiva presente na ampliação tecnodiscursiva: comentários-troll dirigidos ao divulgador científico Átila Iamarino em tuites sobre a Covid-19* (NUNES, 2023).

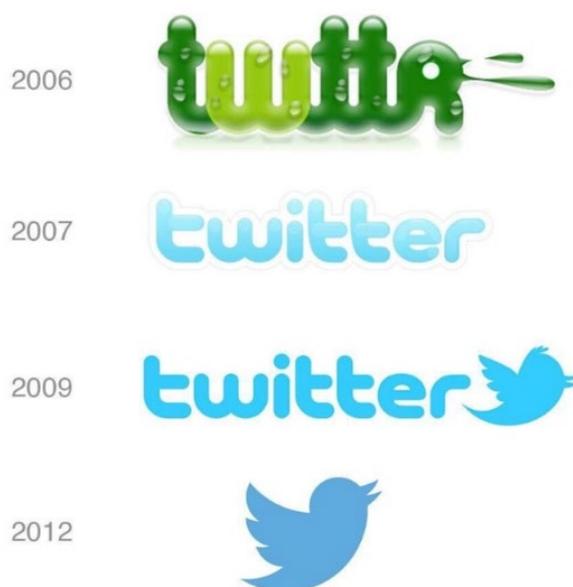
<sup>17</sup> Para saber mais: *ESCRITA DIGITAL E ENCENAÇÃO TECNOENUNCIATIVA NA REDE SOCIAL TWITTER: a Voz de Natalia Pasternak em Defesa da Ciência durante a Pandemia de Covid 19* (CAMPANI, 2024).

apresentamos a heterogeneidade enunciativa e o discurso relatado em gêneros discursivos pré-digitais (AUTHIER-REVUZ, 1990; 1998; 1999; 2001; 2004; 2008; 2020; BRITO, 2010; CAVALCANTE *et al.*, 2020; PINHEIRO *et al.*, 2020; CHARAUDEAU, 1992, 2008, 2013; MAINGUENEAU, 2002; 2014). No terceiro, focamos na heterogeneidade tecnoenunciativa e no tecnodiscurso relatado (PAVEAU, 2014; 2021) em discursos nativos digitais. No quarto subcapítulo, discorremos sobre a deslinearização enunciativa (PAVEAU, 2016; 2021). Por fim, no quinto subcapítulo, apresentamos os postulados de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019) acerca do que os linguistas denominam *discurso relatado compartilhado na Web*. Passamos a eles.

## 2.1 A rede social Twitter: ecossistema digital

Em 21 de março de 2006, em São Francisco, nos Estados Unidos, quatro desenvolvedores de *software*, chamados Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass, donos da empresa *Obvious*, fundavam uma das maiores redes sociais – também denominada *microblog*, por restringir o número de caracteres de uso: o *Twitter*. Em julho desse mesmo ano, o *Twitter* era lançado (HISTORY, 2006). Desde então, a marca *Twitter*, que ficou mundialmente conhecida, já está em seu quarto *layout*. A Figura 1, a seguir, mostra algumas etapas dessa mudança.

Figura 1 – A evolução da marca *Twitter*

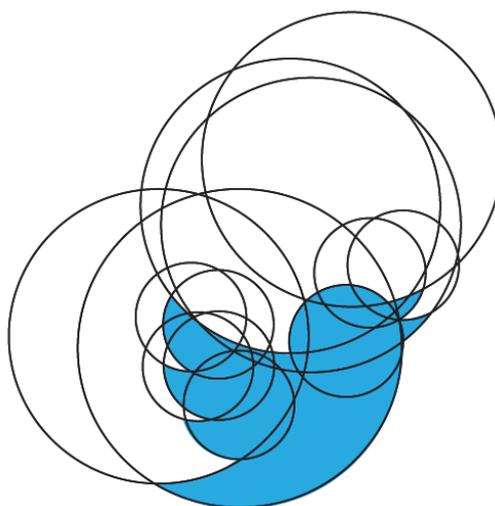


Fonte: Kleina (2017).

Como visualizado na Figura 1, os criadores dessa rede social, com o passar dos anos, foram modificando aspectos de sua marca, bem como de sua cor, até chegarem ao formato conhecido hoje: o pássaro azul. Isso porque, em inglês, *Twitter* significa *informação inofensiva* ou *assobio de pássaros*.

De acordo com Kinast (2020), o conceito *atraiu* os criadores do *Twitter*, que adotaram a metáfora do pássaro azul para nomear o *microblog* desenvolvido por eles. O resultado final, a figura do pássaro, também é resultado de um trabalho do grupo de desenvolvedores. A Figura 2, a seguir, explicita a concepção da marca dessa rede de *microblog*.

Figura 2 – O logo do *Twitter*



Fonte: Kinast (2020).

Conforme Kinast (2020, p. 4, grifo nosso),

Esse logo é o símbolo universalmente reconhecível do *Twitter*. Esse pássaro foi projetado apenas a partir de três conjuntos de círculos sobrepostos - semelhante à maneira como redes, interesses e ideias se conectam e se cruzam. Assim, um pássaro em voo com o bico apontando para o céu é a representação definitiva da possibilidade de liberdade e esperança ilimitada.

A partir de então, a empresa só ganhou visibilidade no mundo, conquistando cada vez mais usuários. Em 2008, o *Twitter* obteve popularidade no Brasil, embora a versão em português tenha surgido um ano depois, em 2009. E foi em 2012 que houve a inauguração do primeiro escritório físico no Brasil, precisamente em São Paulo. (CANALTECH, 2020).

Em relação a esse ecossistema, Zappavigna (2011, p. 18, tradução nossa) explica que “o *Twitter* é o lugar para onde você [o leitor] vai quando deseja descobrir o que as pessoas estão dizendo sobre um tópico no momento e para se envolver em comunidades de valor compartilhado que lhe interessam neste momento<sup>18</sup>”. Atualmente, o *Twitter* conta com mais 566 milhões de usuários (BELING, 2023), sendo a nova rede social mais utilizada do mundo. Em nossa pesquisa, que está ancorada na teoria da ADD de Paveau (2013; 2015; 2016; 2021), o *Twitter* é concebido como um ecossistema digital (PAVEAU, 2013). Ele abrange tecnôgêneros nativos, bem como possibilidades tecnológicas, que somente são possíveis porque, nos ecossistemas digitais, a linguagem está imbricada com a tecnologia.

De 2006 a 2016, 140 era o limite de caracteres por tuíte, mas, em novembro de 2017, houve uma mudança: o limite passou a 280 caracteres. De acordo com Pacete (2017, p. 1), “a empresa testava o novo formato desde setembro [de 2017] e alegou que o objetivo era permitir que os usuários se manifestassem com mais facilidade”. Desde 2018, o *Twitter* continua com o formato dos 280 caracteres. Essa limitação de caracteres decorre da imbricação da linguagem com a tecnologia, pois a enunciação e os tecnôgêneros do *Twitter* estão permeados por essa restrição. Em outras palavras, o próprio ecossistema é que estabelece o número de caracteres que o usuário poderá utilizar e, nesse espaço, ele poderá enunciar-se tecnodiscursivamente, utilizando tanto a linguagem quanto as possibilidades tecnológicas oferecidas pelo *Twitter*.

A par disso, no dia 27 de outubro de 2022, essa plataforma foi vendida para o bilionário empresário Elon Musk<sup>19</sup> (O GLOBO, 2022). Como relata Dang (2022), da agência Reuters, Elon Musk é fundador da *SpaceX*<sup>20</sup> e da *Tesla*<sup>21</sup>, sendo o segundo homem mais rico do mundo em 2023 (EXAME, 2023), e pagou US\$ 44 bilhões - em torno de R\$ 235 bilhões de reais - pela nova aquisição. A transação com os antigos

---

<sup>18</sup> “Twitter is the place you go when you want to find out what people are saying about a topic right now and in order to involve yourself in communities of shared value that interest you in this given moment”.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/10/28/elon-musk-e-twitter-a-cronologia-da-primeira-negociacao-ate-a-compra-da-rede-social.ghtml>. Acesso em 02 maio 2023.

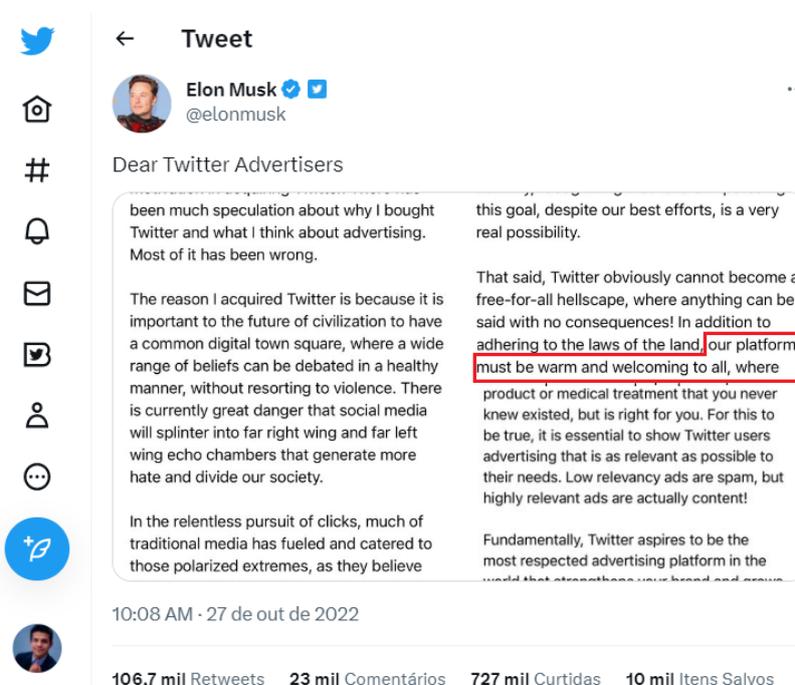
<sup>20</sup> *Space Exploration Technologies Corp.*, cujo nome comercial é *SpaceX*, é uma fabricante estadunidense de sistemas aeroespaciais, transporte espacial e comunicações com sede em Hawthorne, Califórnia. Disponível em: <https://www.spacex.com/>. Acesso em 02 maio 2023.

<sup>21</sup> Tesla é uma empresa automotiva e de armazenamento de energia norte americana que desenvolve, produz e vende automóveis elétricos de alto desempenho, componentes para motores e transmissões para veículos elétricos e produtos à base de baterias. Disponível em: <https://www.tesla.com/>. Acesso em 02 maio 2023.

donos do *Twitter* levou cerca de seis meses, resultando na quase desistência do mais novo dono. Além disso, após a compra, Musk demitiu inúmeros funcionários, sendo estes do alto escalão de executivos da plataforma. Para O Globo (2022), o novo dono da rede social já havia demitido, ainda em 2022, o presidente-executivo, Parag Agrawal, o diretor financeiro, Ned Segal, e o chefe de assuntos jurídicos e de políticas, Vijaya Gadde.

Outrossim, como noticiou o Estado de Minas (2022), o empresário tem criticado as políticas de moderação do *Twitter*, chegando a alegar que a suspensão da plataforma ao ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, era "tola" e que ele reverteria essa ação. Por esse motivo, muitos usuários têm receio de que o *relaxamento* nas políticas de moderação abra caminho para a proliferação do discurso de ódio (ESTADO DE MINAS, 2022). Dessa maneira, publicou o Estado de Minas (2022), em um tuíte endereçado aos anunciantes da rede social, Musk disse que a plataforma deve ser "quente e acolhedora para todos". Tal pronunciamento pode ser lido na Figura 3, a seguir, com destaque no trecho original.

Figura 3 – Pronunciamento de Elon Musk no *Twitter*



Fonte: Elon Musk (2022)<sup>22</sup>.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://twitter.com/elonmusk/status/1585619322239561728>. Acesso em: 27 out. 2022.

Ademais, em junho de 2023, o empresário decidiu, inclusive, trocar o então conhecido logo do *Twitter*, ilustrado anteriormente como pássaro azul. Nesse sentido, o G1 (2023)<sup>23</sup> declara: “Adeus, pássaro azul. O novo logo do *Twitter* agora é um grande ‘X’ em linhas brancas com fundo preto, revelou nesta segunda-feira (24) o dono da plataforma, o bilionário Elon Musk.”. Vejamos, a seguir (Figura 4), o novo logo:

Figura 4 – Novo logo do *Twitter*



Fonte: Martins (2023).

Até agosto de 2023, apenas quatro meses depois de Musk comprar a plataforma, muitas mudanças foram feitas, sendo as mais importantes apontadas neste texto. Acreditamos que muitas outras virão e, com isso, ocorrerão consequências para os usuários. Um exemplo é a escolha de renomados cientistas de não mais utilizar o ecossistema, como decidiu Natalia Pasternak Taschner.

Dito isso, dando continuidade à descrição do ecossistema, ao acessar a página inicial do *Twitter*, há um *layout* com as possibilidades de clique disponíveis ao escritor. Somentamos que esse *layout* varia de acordo com o dispositivo utilizado (computador, celular ou *tablet*). No caso de nossa pesquisa, os dados foram gerados por meio do computador do pesquisador, em sua conta pessoal (@edugluck). Essas possibilidades, juntamente com o modo como tal ecossistema se configura, são mostrados na Figura 5, a seguir.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/07/24/novo-logo-do-twitter-e-revelado.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Figura 5 – *Layout da página inicial no Twitter*

Fonte: Glück (2020).

Como visualizado na Figura 5, o *layout* do *Twitter* é organizado em três partes. Na primeira parte, abaixo do pássaro azul, ao lado esquerdo da tela, há nove possibilidades de clique. São elas: (i) página inicial; (ii) explorar; (iii) notificações; (iv) mensagens; (v) itens salvos; (vi) listas; (vii) perfil; (viii) mais; e (ix) tuitar.

Na segunda parte, que ocupa a porção central da tela, há o espaço para tuitar. Além do texto verbal, é possível adicionar fotos, um GIF e/ou um vídeo. Ademais, abaixo desse espaço, aparecem os tuítes mais recentes, que foram postados por outros usuários. Esses usuários são seguidos pelo dono da conta. No exemplo acima, assim escolhido por motivos éticos, a conta do *Twitter* mostrada pertence ao autor desta tese: o tuíte que aparece em sua página inicial é o da Revista Linguarudo<sup>24</sup>, vinculada ao PPGLA da UNISINOS.

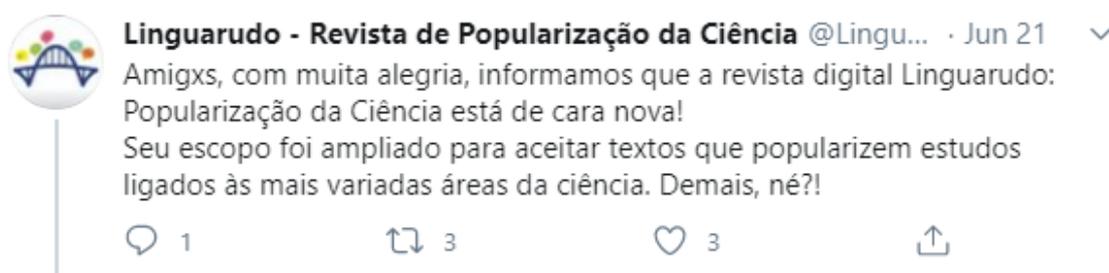
Na terceira parte, ao lado direito da tela, está o espaço destinado à busca no *Twitter*. Neste, é possível procurar os variados assuntos de interesse do escritor. Também, abaixo desse espaço de busca, aparecem (i) as últimas notícias internacionais; (ii) o assunto do momento no Brasil, (iii) os *trending topics*; e (iv) o assunto do momento do Rio Grande do Sul. Cabe salientar que o *Twitter* tem acesso à localização de cada usuário e, por isso, as organizações são feitas a partir de onde o escritor mora. No caso da Figura exemplificada, o autor deste projeto de tese é brasileiro e gaúcho. Por isso, aparecem assuntos do Brasil e do Rio Grande do Sul.

<sup>24</sup> A conta do *Twitter* da Revista Linguarudo pode ser acessada em: <https://twitter.com/LinguarudoC>. Acesso em: 15 jul. 2020.

Observando tais características e possibilidades, no ecossistema *Twitter*, o gênero tecnodiscursivo é o tuíte. Inclusive, a rede social descreve, na central de ajuda, os principais tipos de tuítes aos usuários<sup>25</sup>. De acordo com a própria rede de *microblog*, um tuíte é “uma mensagem publicada no *Twitter* que contém texto, fotos, um *GIF* e/ou um vídeo<sup>26</sup>” (TWITTER, 2020). Para Paveau (2013, p. 8, tradução nossa, grifo nosso), “um tuíte é um enunciado plurissemiótico, produzido nativamente na plataforma do *microblog Twitter*; o tuíte aparece nas *timelines* do tuiteiro e de seus assinantes, constituindo seu ambiente tecnodiscursivo nativo<sup>27</sup>.”.

A partir da postagem de um tuíte, quatro possibilidades de interação se apresentam. São elas: (i) curtir – em formato de coração; (ii) retuitar – o RT, como referem os usuários, em formato de duas setas curvas. Inclusive, “o mecanismo de retuíte permite que os usuários espalhem informações de sua escolha além do alcance dos seguidores do tuíte original<sup>28</sup>.” (KWAK *et al.*, 2010, p. 1, tradução nossa); (iii) responder ao tuíte – em formato de balão; ou (iv) compartilhar o tuíte, seja enviando-o a um outro usuário por mensagem direta (*direct message*, em inglês), seja salvando-o, seja copiando o link do tuíte, seja compartilhando o tuíte em um outro ecossistema – em formato de seta para cima com um colchete embaixo dela. Essas possibilidades são mostradas a seguir, na Figura 6.

Figura 6 – Quatro possibilidades de interação no tuíte



Fonte: Linguarudo (2020).

<sup>25</sup> Os principais tipos de tuítes estão disponíveis em:

<https://help.twitter.com/pt/usingtwitter/types-of-tuítes>. Acesso em: 15 jul. 2020.

<sup>26</sup> Essa definição está disponível em *Twitter* (2020). Acesso em: 15 jul. 2020.

<sup>27</sup> “[...] un tweet est un énoncé plurisémiotique produit nativement sur la plateforme de microblogging *Twitter*; le tweet apparaît dans la TL du tuiteur et dans celle de ses abonnés, la TL constituant son environnement tecnodiscursif natif”.

<sup>28</sup> “The retweet mechanism empowers users to spread information of their choice beyond the reach of the original tweet’s followers.”.

Como exemplificado na Figura 6 acima inserida, as quatro possibilidades de interação se apresentam lado a lado, abaixo do tuíte. Esse exemplo foi gerado da Revista Linguarudo, vinculada ao PPGLA da UNISINOS. Linguarudo é uma revista digital de popularização da ciência que se dirige a um público amplo, tratando de temas de diferentes áreas de conhecimento<sup>29</sup> (LINGUARUDO, 2020).

Além disso, na Figura 6, é possível visualizar que, até 13 de julho de 2020, data em que o autor deste projeto de tese gerou o tuíte, havia um comentário, três retuítes e três curtidas. Todas essas interações foram feitas por escreiteiros<sup>30</sup> inseridos nesse mesmo ecossistema digital.

Na Figura 7, a seguir, são mostradas as quatro possibilidades que o escreiteiro tem ao compartilhar um tuíte, conforme descrito acima.

Figura 7 – Quatro possibilidades de compartilhamento de tuíte



Fonte: Twitter (2020).

Como apresentadas e visualizadas acima na Figura 7, as quatro possibilidades de compartilhamento de tuíte estão disponíveis ao escreiteiro inserido no ecossistema *Twitter*. Por essa razão, o escreiteiro tem a liberdade de escolhê-los, ou não, motivado por suas próprias intenções de interação.

No limite de 280 de caracteres por tuíte, possibilidades se apresentam para que o escreiteiro possa interagir com seus contatos, sejam eles quem forem. Dentre elas, está a *hashtag*. Para Paveau (2013), a *hashtag* é uma das principais *affordances*<sup>31</sup> do *Twitter*.

<sup>29</sup> Essas informações estão disponíveis em: Linguarudo (2020). Acesso em: 13 jul. 2020.

<sup>30</sup> Retomando nota de rodapé de n.2, para Paveau (2016), a noção de escreiteiro origina-se do poder que o leitor hipertextual tem de decidir entre clicar na(s) hiperligação(ões) presente(s) ao longo do texto, tornando-se, segundo a linguista, tanto o leitor quanto o (novo) escritor deste texto

<sup>31</sup> Conforme nota de rodapé de n. 7 (PAVEAU, 2015), no âmbito da ADD, as *affordances* – termo cunhado por Gibson (1977) – são concebidas e definidas como as possibilidades oferecidas por

Desse modo, e considerando que nossa pesquisa está no escopo da divulgação científica, a *hashtag* #divulgaçãocientífica é um dos nossos critérios de seleção dos dados gerados para análise. Por isso, a subseção 2.1.1, a seguir, descreve a *hashtag*, enquanto *affordance* no ecossistema *Twitter*.

### 2.1.1 A hashtag como affordance no ecossistema Twitter

Paveau (2013; 2021), no cenário da *Web 2.0*, concebe a *hashtag* tanto como uma tecnopalavra quanto como um dispositivo tecnolinguageiro, “utilizada pelos movimentos sociais na internet” (COSTA, 2019, p. 8). Nesta pesquisa, a *hashtag* é tratada como uma das possibilidades disponíveis ao escritor no ecossistema *Twitter*. Ou seja, “a *hashtag* está entre as principais *affordances* técnicas que foram inseridas na rede *Twitter*, a partir de 2007”.<sup>32</sup> (PAVEAU, 2013, p. 1, tradução nossa, grifo nosso). Na tecnodiscursividade, cada possibilidade de ação/clique no ecossistema é considerada uma *affordance*, e a *hashtag* é uma das principais nessa rede de *microblog*.

Conseqüentemente, de acordo com Paveau (2013, p. 12, tradução nossa), a *hashtag* pode ser definida como

Uma tecnopalavra, [...] porque tem uma natureza compósita: de segmento linguageiro (estas siglas, palavras, frases, ou mesmo frases inteiras), mas também pode ser clicada, uma vez que constitui um link que permite a criação de um fio.<sup>33</sup> (PAVEAU, 2013, p. 12).

Em vista disso, a *hashtag* está situada e consubstanciada no compósito entre linguagem e tecnologia, em um verdadeiro imbricamento entre eles. Quanto ao linguageiro, ela está visivelmente verbalizada no enunciado, do mesmo modo que, no que concerne ao tecnológico, ela é clicável. Portanto, trata-se, como esclarece Paveau (2013), de uma tecnopalavra.

Da mesma forma, como tecnopalavra, é compreendida como um

---

cada ecossistema digital. Remete-se aos ícones visíveis e clicáveis nos ambientes digitais, como tecnopalavras em negrito, sublinhadas etc.

<sup>32</sup> “[...] le hashtag fait partie des principales possibilités techniques qui ont été introduites dans le réseau Twitter, à partir de 2007”.

<sup>33</sup> “[...] une nature composite: le segment est bien langagier (il s’agit de sigles, mots, expressions ou même de phrases entières) mais également cliquable, puisqu’il constitue un lien qui permet la création d’un fi”.

[...] segmento de linguagem precedido do símbolo #, utilizado originalmente na rede *Twitter*, mas adaptado a outras plataformas, como o *Facebook*. Essa associação faz com que se torne uma *tag* clicável, inserida manualmente no *Twitter*, a qual permite acessar um fio que reúne o conjunto dos enunciados que contém a *hashtag* [...] (PAVEAU, 2021, p. 223, grifo nosso).

Por isso, embora a origem da *hashtag* na tecnodiscursividade tenha sido no *Twitter*, como explica Paveau (2021), atualmente, ela é utilizada em outros ecossistemas. Ao clicarmos na *hashtag*, somos remetidos a um outro documento. Desse modo, a *hashtag* é considerada um elemento de deslinearização, pois ela remete o escritor a um outro documento, sendo este interno – quando permanece na mesma janela – ou externo – quando abre uma nova janela. A *hashtag* conecta dois discursos, e isso ocorre por consequência de um imbricamento da linguagem com a tecnologia. Trata-se de uma das possibilidades da hipertextualidade a partir da *Web 2.0*.

Contudo, o símbolo para a *hashtag* não nasceu no ambiente digital, com o advento da *Web 2.0*. Em ambiente pré-digital, a cerquilha, que é representada pelo signo #, também é conhecida, no Brasil, como *jogo da velha* ou *hash*. A esse respeito, narra Paveau (2021 p. 223, grifo nosso) que

O signo # não surgiu no *Twitter*: ele é de um lado, o símbolo de número em inglês americano e, de outro, é muito usado em linguagem de programação onde pode, por exemplo, introduzir um código de cor ou um comentário. O signo em si não é, portanto, nativo da internet, mas a *hashtag* que ele contribui para elaborar efetivamente o é.

Desse modo, a *hashtag* é resultado do signo hash – # – com a tag, que é clicável. No espaço digital, explica Martins (2020, p. 51, grifo nosso), a *hashtag* “[...] é clicável, pois, quando clicamos numa *hashtag*, ela nos leva a uma nova janela (link), onde há arquivos relativos àquele assunto”.

No *Twitter*, ecossistema objeto deste estudo, “o uso da *hashtag* é proposto em 2007 por Chris Messina” (PAVEAU, 2021, p. 223), um dos fundadores dessa rede de *microblog*. E no que diz respeito às variadas formas de compor uma *hashtag* nesse ecossistema, Paveau (2013, p. 6, grifo nosso) declara que

A variedade morfológica de *hashtags* é infinita: no limite de 140<sup>34</sup> sinais, de fato, 139 se contarmos o #, tudo pode ser *hashtag*. Alguns são lexicalizados

<sup>34</sup> Em 2013, ano em que Paveau compôs o verbete da *hashtag*, o limite de caracteres por tuíte era de 140. A partir de 2017, o limite passou a ser o dobro: 280 caracteres (PACETE, 2017).

e conhecidos pelos usuários, especialmente aqueles que designam rituais discursivos específicos para a rede, outros semilexicalizados, outros decididos por um corpo externo (a *tag* tuíte, ao vivo, de um evento), outros finalmente perfeitamente individuais, como algumas *hashtags* lúdicas.

Com base nesses relatos e explicações, anotamos que, no *Twitter*, há uma variedade de *hashtags*, dependendo da intenção de cada usuário ou movimento que esteja inserido neste ecossistema. Por isso, para Zappavigna (2011, p. 18, tradução e grifo nossos), “o uso de *hashtag* no *Twitter* é um exemplo de alavancagem de uma das disponibilidades essenciais da Nova Mídia: a disponibilização do banco de dados para tornar as informações pesquisáveis e para fazer relacionamentos visíveis<sup>35</sup>”.

Na verdade, o uso da *hashtag* já ultrapassou as plataformas digitais e encontra-se também em ambientes não clicáveis, sem uma função hipertextual. Para Paveau (2013, p. 12, tradução nossa),

Encontramos as *hashtags* em um e-mail ou um texto, ou em alguns sites, nos quais eles são integrados linguisticamente nos enunciados, sem sua função hipertextual. Notamos que a forma migrou para contextos em que ela não funciona como um tecnopalavra; ela possui, portanto, outra função, que será preciso determinar.<sup>36</sup>

É comum, inclusive, encontrarmos *hashtags* nativas da *Web* migrarem para espaços não digitais, como muros, camisetas cartazes. A exemplo, durante a campanha presidencial no Brasil de 2018, muitos eleitores de esquerda levaram às ruas cartazes com a *hashtag* #EleNão, contra o então candidato de extrema direita à presidência da república, Jair Messias Bolsonaro. Vejamos a Figura 8, a seguir:

---

<sup>35</sup> “Hashtag usage on Twitter is an example of leveraging one the essential affordances of New Media: the affordance of the database to render information searchable and to make visible relationships that would not otherwise be recognizable.”

<sup>36</sup> “Il arrive de rencontrer des hashtags dans un mail ou un texto, ou sur certains sites, où ils sont intégrés linguistiquement dans les énoncés, sans leur fonctionnalité hypertextuelle. On constate que la forme a migré vers des contextes dans lesquels elle ne fonctionne pas comme un mot techno; il a donc une autre fonction, qu’il faudra déterminer.”

Figura 8 – Uso da *hashtag* em contexto não digital



Fonte: Alberti (2018)<sup>37</sup>.

Na Figura 8, uma mulher está segurando um cartaz com a *hashtag* #EleNão, bem como utilizando uma bandana roxa com a mesma inscrição. Atrás dela, há faixas e outros cartazes também com a mesma *hashtag*. Como exemplificado, muitos são os usos da *hashtag*, tanto em ecossistemas digitais, quanto fora destes. Para a Análise do Discurso Digital, teoria desenvolvida por Paveau, investigar a *hashtag* no *Twitter* justifica-se e mostra sua relevância, uma vez que ela torna

o discurso pesquisável, e a capacidade de investigação assume várias formas: criar um tópico clicando em uma *hashtag*; uso do mecanismo de busca do *Twitter*, *Trending Topics* (TT), atualizadas em tempo real (caixa Tendências' à esquerda do TL). (PAVEAU, 2013, p. 15, grifo nosso).<sup>38</sup>

Em vista das considerações feitas, reiteramos que, em nossa investigação, a *hashtag* é um dos critérios de seleção dos dados gerados. Em outras palavras, é por meio da *hashtag* #divulgaçãocientífica que conseguimos reunir nossos tuítes para análise.

Aliás, na esfera da divulgação científica, nosso estudo objetiva investigar o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa, em particular o tecnodiscurso

<sup>37</sup> Disponível em: <https://rr.sapo.pt/noticia/mundo/2018/09/29/elenao-milhares-de-mulheres-contrabolsonaro-por-todo-o-brasil/126008/>. Acesso em: 04 out. 2022.

<sup>38</sup> “[...] le discours investigable (searchable) et l’investigabilité prend plusieurs formes: création d’un fil en cliquant sur un hashtag; utilisation du moteur de recherche de Twitter; consultation des trendings topics (TT) mis à jour en temps réel (encadré « Tendances » à gauche de la TL)”.

relatado, em tuítes de divulgação científica reunidos pela *hashtag* #divulgaçãocientífica e sua implicação para a ação de divulgar a ciência.

Para realizar a tarefa, aliamos-nos às especificações feitas por Paveau (2021). A caracterização da *hashtag* no ecossistema *Twitter* apresenta as seguintes especificidades: (i) afiliação difusa dos usuários – práticas discursivas próprias aos participantes da rede; (ii) tecnoconversacionalidade – a quem falamos no *Twitter*?; e a (iii) investigabilidade – *hashtag* é um dispositivo tecnolinguageiro rastreável, tornando a *tag* clicável. Partindo dessa nomeação, nas subseções seguintes, cada uma dessas especificidades serão brevemente descritas.

### 2.1.1.1 Afiliação difusa dos usuários

A afiliação difusa é a primeira especificidade apresentada por Paveau (2021) para categorizar a *hashtag* no *Twitter*. Para Paveau (2021, p. 223, grifo nosso), “a *hashtag* é uma convenção criada pelos usuários da rede (KWAK *et al.*, 2010). É uma forma tecnolinguageira cuja função é essencialmente social, permitindo afiliação difusa”. Em outras palavras, a *hashtag* cria inúmeras possibilidades de trocas, sejam elas de conhecimento, seja de ativismo, entre outras, motivadas pela intenção de cada escreitor. Assim, pelo uso das *hashtags*, o escreitor cria comunidades tecnodiscursivas.

Para tratar da afiliação difusa, Paveau (2021) ancora-se nos estudos de Zappavigna (2011), a qual propõe a noção de *afiliação ambiental*, ao falar do uso das *hashtags* no *Twitter*. No que diz respeito à afiliação ambiental, Zappavigna (2011, p. 14, tradução nossa, grifo nosso) explica que

as *hashtags* no *Twitter* são visíveis nos dispositivos dos tuítes e nenhuma tecnologia é usada para ocultá-los. Dessa maneira, os usuários podem optar por significar de maneira explicitamente pesquisável, integrando metadados em suas conversas por meio de convenções tipográficas, como a *hashtag*, que aumenta a ‘sonoridade’ de seu discurso, aumentando a probabilidade de que suas palavras sejam encontradas. Isso, por sua vez, aumenta a probabilidade de que a produção de textos de um usuário ao longo do tempo seja ativamente ‘seguida’ por outros. Em outras palavras, cria a possibilidade de afiliação ambiental<sup>39</sup>.

<sup>39</sup> “[...] hashtags on Twitter are visible within clauses in tweets and no technology is used to obscure them. In this way users can choose to mean in an explicitly searchable manner by integrating metadata into their talk through typographic conventions, such as the hashtag, that increase the ‘loudness’ of their discourse by increasing the likelihood that their words will be found. This, in turn,

Dessa forma, a afiliação se manifesta em diversas práticas tecnodiscursivas (PAVEAU, 2021). Inclusive, para Zappavigna (2011, p. 1, tradução nossa), a *hashtag* “[...] ampliou seu potencial de significado para operar como um marcador linguístico referenciando o objetivo de avaliação em um tuíte<sup>40</sup>”. É o caso de *hashtags* utilizadas para cunho político, como *#elenão*<sup>41</sup>.

De acordo com Paveau (2021, p. 230), enfatizamos que “muitas *hashtags* [...] assinalam as práticas discursivas próprias aos participantes da rede.”. No caso de nossa investigação, situamo-nos na comunidade tecnodiscursiva *divulgação científica*.

### 2.1.1.2 Tecnoconversacionalidade

A tecnoconversacionalidade é a segunda especificidade abordada por Paveau (2021) para categorizar a *hashtag* no *Twitter*. Para Paveau (2021, p. 228, grifo da autora), “produzir uma *hashtag*, metadado performativo no centro do processo da *conversa pesquisável* é [...] uma *ação* tecnodiscursiva que modifica o ambiente.”. Em vista disso, a autora questiona: *a quem falamos no Twitter?*

Ao realizar um tuíte utilizando uma *hashtag*, o escritor é rastreado pelo dispositivo técnico do ecossistema *Twitter*. Na opção *buscar no Twitter*, ou até mesmo por meio dos *trending topics*, é possível visualizar as *hashtags* mais utilizadas do momento. Seja por um interesse pessoal, seja com a finalidade de inserção em um movimento político, social etc., a *hashtag* torna o tuíte rastreável.

Contudo, para Paveau (2021), responder à pergunta *a quem falamos no Twitter?*, embora a conversa seja pesquisável, está longe de ser uma tarefa fácil. Isso porque a rede social é pública, e é impossível reconhecer todos os usuários que leem o tuíte. Inclusive, muitos usuários tiram *print screen* (captura de tela) dos tuítes e os compartilham em outros ecossistemas, como o *Instagram*, o *WhatsApp* etc.

---

increases the probability that a user’s production of texts over time will be actively ‘followed’ by others. In other words, it creates the possibility of ambient affiliation.”.

<sup>40</sup> “[...] has extended its meaning potential to operate as a linguistic marker referencing the target of evaluation in a tweet.”

<sup>41</sup> A *hashtag* *#elenão* foi utilizada nas eleições presidenciais no Brasil em 2018, contra o ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que, na época, era candidato à presidência.

Destarte, Paveau (2021, p. 228-229) declara que

[...] de fato, o fio sendo público, é impossível saber quem lê o tuíte; no entanto, é possível saber quem curte o tuíte e quem retuita, pois essas ações tecnodiscursivas são traçadas pelo dispositivo técnico. Isso quer dizer que o público de um tuíte não corresponde à 'comunidade' construída pelo sistema de assinatura: os locutores não são necessariamente unicamente os seguidores; e, inversamente, lemos apenas os tuítes dos seguidos, sempre de acordo com o princípio de filiação difusa.

Assim, o próprio retuíte é uma forma de o escreitor não saber quem leu seu tuíte, pois o este pode ser lido (i) por seus seguidores, (ii) por seguidores de quem retuitou, e até mesmo (iii) por quem procurou a *hashtag* em questão.

No caso de nossa pesquisa, a *hashtag* #divulgaçãocientífica está em uma conversa rastreável, e é caracterizada, à luz de Paveau (2021), pela technoconversacionalidade. Em outras palavras, a prática tecnodiscursiva de utilizar a *hashtag* #divulgaçãocientífica é uma forma de unir os tuítes que a utilizaram.

### 2.1.1.3 Investigabilidade

A investigabilidade (*searchability*, em inglês) é mais uma especificidade apresentada por Paveau (2021) para categorizar a *hashtag* no *Twitter*. Para ela,

A *hashtag* torna o discurso investigável (*searchable*) e a investigabilidade ocorre de diversas formas: criação de um fio clicando na *hashtag*, utilização de um motor de pesquisa do *Twitter*; consulta dos *trending topics* (TT) atualizada em tempo real (caixa "Tendências" na coluna à esquerda na *timeline*). (PAVEAU, 2021, p. 229, grifo da autora).

Dessa forma, *hashtag* é um dispositivo tecnolinguageiro rastreável, que torna a *tag* clicável, hipertextual e, portanto, pesquisável. Para Zappavigna (2011, p. 5, tradução nossa, grifo nosso),

Ser pesquisável abre um novo tipo de socialidade, em que os *microbloggers* se envolvem na afiliação ambiental. A afiliação é ambiental no sentido em que os usuários podem não ter interagido diretamente e provavelmente não se conhecem e podem não interagir novamente.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> "Being searchable opens up a new kind of sociality where microbloggers engage in ambient affiliation. The affiliation is ambient in the sense that the users may not have interacted directly and likely do not know each other, and may not interact again".

A par disso, de acordo com Kwat at *al.* (2010), o *Twitter* é um *space crawl*, isto é, um espaço de rastreamento, e a *hashtag* é uma das *affordances* desse ecossistema que faz com que isso seja possível. O imbricamento da linguagem com a tecnologia permite que dois discursos sejam conectados: eis a hipertextualidade.

Descritas as três especificidades – (i) afiliação difusa dos usuários; (ii) tecnoconversacionalidade; e (iii) investigabilidade (PAVEAU, 2021) – que categorizam a *hashtag* – neste caso, a *hashtag* #divulgaçãocientífica – no ecossistema *Twitter*, passamos, a seguir, à heterogeneidade enunciativa e ao discurso relatado em gêneros discursivos pré-digitais.

## **2.2 A heterogeneidade enunciativa e o discurso relatado em gêneros discursivos pré-digitais**

Para investigarmos a heterogeneidade tecnoenunciativa, com foco no tecnodiscurso relatado, os quais serão aprofundados *a posteriori*, no subcapítulo 2.3, é necessário, em um primeiro momento, abordarmos a heterogeneidade enunciativa e caracterizarmos os tipos de discurso relatado em gêneros discursivos pré-digitais. Essa etapa é importante para a nossa pesquisa, principalmente, por duas razões: (i) pelo fato de Paveau (2014, p. 1, tradução nossa) declarar que “o tecnodiscurso relatado é a forma digital do discurso relatado”<sup>43</sup>, bem como (ii) porque, uma vez que os tipos de tecnodiscurso relatado postulados por Paveau (2014; 2021) dão conta do ecossistema *Facebook*, sentimos a necessidade de investigar se esses tipos se aplicam (e em que medida) ao conjunto de tuítes selecionado para nosso estudo.

Conforme anunciado no capítulo introdutório, os discursos produzidos *on-line* se coconstituem de linguagem e de tecnologia. Por isso, Paveau (2016; 2021) afirma que as categorias linguísticas desenvolvidas em ambiente pré-digital não dão conta dessa realidade tecnodiscursiva, pois não levam em consideração esse imbricamento entre linguagem e tecnologia. Ao contrário, as categorias pré-digitais consideram o ambiente de produção – chamado de suporte discursivo, em uma perspectiva logocêntrica – como exterior à linguagem, e não como um dos elementos que está em simetria com ela, como na ADD.

Da mesma forma, a partir dos resultados vistos ao longo da presente investigação, examinaremos como os tipos de tecnodiscurso relatado encontrados

---

<sup>43</sup> “Le technodiscours rapporté est une forme numérisée de discours rapporté”.

diferem daquelas do ambiente *off-line*, propondo, se necessário, categoria(s) própria(s) ao tecnodiscurso relatado para o ecossistema *Twitter*, com bases nos estudos de Paveau (2014; 2021) e de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019). Nessa perspectiva, valemo-nos dos postulados da linguista Authier-Revuz (1990; 1998; 1999; 2001; 2004; 2008; 2020), bem como dos estudos de Charaudeau (1992; 2008; 2013), Maingueneau (2002; 2014), Brito (2010), Cavalcante *et al.* (2020) e Pinheiro *et al.* (2020) acerca da heterogeneidade enunciativa.

Salientamos, contudo, que esse subcapítulo, devido ao enfoque desta pesquisa e dos objetivos propostos, apresenta-se brevemente. Em outras palavras, traremos, de forma geral, as investigações dos linguistas supracitados, não adentrando às especificidades de cada teoria, sobretudo de Authier-Revuz, já que a necessidade nesta tese consiste em examinar os estudos da heterogeneidade enunciativa em contexto digital. Exporemos, assim, os principais postulados dos autores em âmbito pré-digital, de modo a considerar as diferenças encontradas em relação ao tecnodiscurso relatado no ecossistema *Twitter*.

Igualmente, ressaltamos que nossa intenção nesta etapa da pesquisa é apresentar diversos olhares teóricos sobre o mesmo objeto de análise, a saber, o discurso relatado. A fim de pavimentar com precisão nosso percurso analítico, apresentamos os postulados essenciais dos conceituados linguistas que se debruçam sobre essa categoria linguística. Em primeiro lugar, a precursora da teoria da heterogeneidade enunciativa, Authier-Revuz, bem como aqueles que se afiliam à sua teoria em âmbito brasileiro (BRITO, 2010; CAVALCANTE *et al.*, 2020; PINHEIRO *et al.*, 2020); em segundo, Charaudeau e, em terceiro lugar, Maingueneau. Por essa razão, parece-nos necessária e adequada uma apresentação justaposta do discurso relatado focada em tais estudos, embora nos caiba ainda reconhecer que tanto os estudos de Charaudeau quanto os de Maingueneau são posteriores aos de Authier-Revuz. Assim, é importante mencionar que as investigações de Charaudeau e de Maingueneau não fundaram as categorias da heterogeneidade enunciativa.

Dadas essas premissas e anotados tais esclarecimentos, trazemos que, ao desenvolver sua teoria, Authier-Revuz (1990; 1998; 1999; 2001; 2004; 2008; 2020) fundamenta-se em pressupostos da psicanálise freudo-lacanianana, do dialogismo de Bakhtin (1979) e dos postulados de Pêcheux (1978), para explicar que todo discurso está em diálogo com outro discurso. Para Authier-Revuz (1990; 2008), portanto, um

discurso é considerado heterogêneo, porque se constitui sempre de discursos de outrem. Nesse sentido, a linguista concebe um estudo da língua que elege uma compreensão de enunciador, o qual não está nem inteiramente livre e intencional, nem completamente assujeitado (PINHEIRO *et al.*, 2020).

A partir dessa concepção, todo enunciado é considerado o resultado de outros enunciados. Por esse motivo, ela esclarece que “nenhuma palavra é neutra, mas inevitavelmente carregada, ocupada, habitada, atravessada pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 26). Portanto, em cada enunciado, o ponto de vista do enunciador é sempre expresso, bem como está em diálogo com seu enunciatário.

Destarte, a heterogeneidade enunciativa é formulada a partir de dois tipos: a constitutiva e a mostrada (sendo esta última marcada ou não marcada). O primeiro tipo diz respeito aos processos reais de constituição de um discurso (AUTHIER-REVUZ, 2008). Trata-se de um princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem, ou seja, é constitutivo da língua; é um princípio da linguagem e não pode ser abordado diretamente, pois não há materialidade de sua existência abstrata (AUTHIER-REVUZ, 1990; 2001; 2004). Nesse tipo de heterogeneidade enunciativa, ecoa o postulado bahktiniano de que todo discurso resulta de discursos anteriores.

Ademais, para a linguista,

[...] a *heterogeneidade representada* por e no discurso, através das formas localizáveis na linearidade pelo receptor, e pelo linguista, como referindo a do outro, articula-se em um outro nível de heterogeneidade: este, totalmente diferente, separado e teorizado em abordagens não propriamente linguísticas da linguagem, reconhecendo – com acentuações teóricas diversas – o caráter constitutivo de todo dizer, e, em cada ponto, do alhures, do já-dito, que eu [Authier-Revuz] chamo de *heterogeneidade constitutiva*. (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 11).

Dessa forma, pode-se dizer que a heterogeneidade constitutiva constrói o discurso sócio-historicamente, não sendo localizada no discurso citante. Por essa razão, consoante Authier-Revuz (1990), ela está ligada ao inconsciente. Isso porque, no discurso, sempre há a voz do outro, que, muitas vezes, não é retomada no discurso citante. Por isso, para a linguista, não há discurso que não passe pela heterogeneidade constitutiva, isto é, que não se constitua por outros discursos já ditos.

Por sua vez, o segundo tipo, heterogeneidade mostrada, refere-se aos “processos de representação, em um discurso, de sua constituição” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32). Em suma, trata-se das manifestações linguísticas e textuais de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990; 2001; 2004). Portanto, a heterogeneidade mostrada está em uma relação com a constitutiva.

Desse modo, podemos dizer que a heterogeneidade mostrada ocorre quando, no discurso citante, há formas detectáveis – no nível da frase ou do discurso – que evidenciam o outro, de forma marcada ou não marcada (AUTHIER-REVUZ, 2004). Todavia, Brito (2010) e Pinheiro *et al.* (2020) consideram problemática a distinção feita por Authier-Revuz entre a heterogeneidade mostrada marcada e não marcada. Os linguistas advogam que essa distinção foi feita com fins metodológicos.

Além disso, Brito (2010) explica que o que Authier-Revuz “considera como ‘marca’ é apenas a sinalização tipográfica e, por vezes, léxico-gramatical realizada pelo locutor ao perceber a presença da alteridade em seu discurso.” (PINHEIRO *et al.*, 2020, p. 124). Para Pinheiro *et al.* (2020), há situações nas quais esses subtipos podem, inclusive, se somar<sup>44</sup>. Por sua vez, Brito (2010) defende que a heterogeneidade mostrada será sempre marcada nos discursos, uma vez que “a própria representação oral ou escrita constitui sua materialidade linguística nos textos.” (PINHEIRO *et al.*, 2020, p. 127). Em sua tese de Doutorado, Brito (2010), enfatizamos, explica que uma das formas de evidenciar essa marcação na heterogeneidade mostrada pode ser vista na e pela construção referencial.

Por essa razão, Cavalcante *et al.* (2020) sustentam que o interesse dos estudos linguísticos decorre das formas de heterogeneidade mostrada marcada. Relendo Authier-Revuz (1998), podemos dizer que essa forma da heterogeneidade enunciativa é organizada via mecanismo enunciativo, o qual, pela linguista, é chamado de *modalização autonímica*. Trata-se de um “modo enunciativo desdobrado” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 179), isto é, que torna o que é dito seu próprio objeto, sendo utilizado e mencionado pelo locutor simultaneamente. De acordo com Cavalcante *et al.* (2020, p. 159),

a modalização autonímica representa um modo de dizer complexo em que um elemento qualquer do texto é duplicado por sua própria representação

---

<sup>44</sup> Para saber mais, Pinheiro *et al.* (2020).

de modo reflexivo e opacificante, isto é, as palavras, ao invés de simplesmente aparecerem no texto, perdem a sua transparência natural e são opacificadas pelo locutor que, simultaneamente, as usa e menciona, como se elas não fossem palavras quaisquer, mas palavras-objeto, cuja simples unificação evoca, necessariamente, uma reflexão do locutor sobre o seu estatuto no texto.

Em suma, podemos dizer que a modalização autonímica é a forma de o sujeito representar aquilo que lhe escapa (AUTHIER-REVUZ, 1998). Ao desenvolver esse conceito, Authier-Revuz (1998) divide-o em dois grupos: (i) formas segmentais e (ii) formas suprasegmentais. Em linhas gerais, o primeiro grupo diz respeito às glosas e aos comentários, os quais “refletem sobre o estatuto de um segmento do texto” (CAVALCANTE *et al.*, 2020, p. 160). Por sua vez, o segundo grupo concerne ao que ocorre no cotexto do discurso, como as aspas, o itálico, o negrito etc.

A par disso, quando marcada no discurso, Authier-Revuz (1990) mostra como exemplo as glosas, o discurso relatado (DD e DI) e as aspas. Por sua vez, quando a heterogeneidade mostrada não é marcada no discurso, podemos citar a ironia e o discurso relatado livre (DIL). O DIL pode ser considerado uma heterogeneidade não marcada, uma vez que há a voz do outro no discurso citado sem estar explícito no discurso citante (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Ainda em relação ao DIL, para Authier-Revuz (2004), na obra intitulada *Marxismo e Filosofia da Linguagem*<sup>45</sup>, de Volóchinov (2007) – embora as primeiras traduções em 1929-1930 dessem os créditos a Bakhtin – estabelecemos uma nova tendência de DIL: em um único discurso, ecoam diferentes vozes, as quais já foram ditas em outros discursos *a priori*. Por isso, “[...] de acordo com a expressão de Bakhtin, o discurso indireto livre abre às formas híbridas e aos gêneros, que são sua sistematização” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 38).

Em linhas gerais, Authier-Revuz (1990, p. 25) explica que “a heterogeneidade mostrada inscreve o outro na sequência do discurso – discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia – relativamente ao estatuto das noções enunciativas”. Desse modo, os casos de heterogeneidade mostrada são “formas linguísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito

---

<sup>45</sup> De acordo com Pistori (2018, p. 2), “Várias questões nos chamam a atenção na referência. Em primeiro lugar, a autoria da obra. Se, na conhecida versão brasileira do francês para o português, cuja primeira edição é de 1979, constava a autoria de Mikhail Bakhtin (V. N. Volochínov), agora temos VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). As tradutoras nos esclarecem: nos originais russos que foram a fonte da tradução (primeira edição de 1929 e segunda de 1930), a autoria é de Valentin Nikoláievitch Volóchinov.”.

falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32).

Alicerçada nesses postulados, ao se debruçar sobre os modos de representação de alteridade dos sujeitos no discurso, os estudos mais recentes de Authier-Revuz (2008; 2020), na teoria das Heterogeneidades Enunciativas, utilizam a nomenclatura Representação do Discurso Outro (doravante RDO), atualizando suas investigações da década de 1980. Para Cavalcante *et al.* (2020, p. 162), foi “vislumbrando um afinamento da discussão sobre a heterogeneidade mostrada marcada que Authier-Revuz (2020) desenvolve a noção de RDO”.

Assim, as Heterogeneidades Enunciativas, dentre as quais estão as formas de Discurso Relatado (DR), pertencem a um campo mais amplo, o da RDO. E o DR, na perspectiva da teoria das Heterogeneidades Enunciativas<sup>46</sup>, designa a manifestação do discurso outro nos discursos. Salientamos que, em suas investigações, Brito (2010) explica que, para a teoria psicanalítica, o “Outro” é utilizado com “O” maiúsculo, para tratar de um diálogo com alteridade psíquica, diferentemente do “outro” com o “o” minúsculo, que remete ao outro interlocutor, com identidade discursiva (CAVALCANTE *et al.*, 2020).

De acordo com Authier-Revuz (2008, p. 1), “a RDO é descrita como fenômeno permeado pela heterogeneidade, que participa de uma das propriedades essenciais da linguagem humana, a reflexividade.”. Consoante Authier-Revuz (2008), a RDO é uma ampliação da noção de DR. A autora argumenta que a noção de DR é problemática, porque os termos “relatado” ou “reportado” não dariam conta de discursos vindouros, futuros ou possíveis, encapsulando somente discursos anteriores ao que está se fazendo e que, portanto, só poderiam ser reportados. Por isso, Authier-Revuz (2008; 2020) explica que a RDO encontra-se no campo englobante da metadiscursividade, isto é, do discurso sobre o discurso.

Nesse sentido, Authier-Revuz (2020) constituiu uma parte do campo mais amplo de sua teoria, atualizando os tipos previamente desenvolvidos pela linguista, chegando a cinco modos de RDO: (i) Discurso Direto (DD); (ii) Discurso Indireto (DI); (iii) Discurso Indireto Livre (DIL); (iv) Modalização Autônômica de Empréstimo (MAE); e (v) Modalização como Asserção Segunda (MAS).

---

<sup>46</sup> Authier-Revuz (1990; 2008) ancora-se em Bakhtin sobre dialogismo e polifonia e na Psicanálise lacaniana, a fim de compreender de que modo o discurso de outrem também integra e determina outros discursos.

A fim de sintetizar e exemplificar esses modos de RDO formulados por Authier-Revuz (2020), trazemos o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Cinco modos de RDO

<b>Tipo RDO</b>	<b>Exemplo</b>
Discurso Direto (DD)	Ele diz: eu vencerei todos eles!
Discurso Indireto (DI)	Ele diz que vai superar todos
Discurso Indireto Livre (DIL)	Ele não tem dúvidas: vencerá todos eles
Modalização Autonímica de Empréstimo (MAE)	Segundo ele, ele vai superar a todos
Modalização como Asserção Segunda (MAS)	Espero que ele os “pulverize”, como ele gosta de dizer

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Cavalcante *et al.* (2020).

Notamos, no quadro acima, que os três primeiros modos de RDO já são trazidos desde o início da teoria das Heterogeneidades Enunciativas de Authier-Revuz. A autora, em 2004<sup>47</sup>, atualizou sua teoria, desenvolvendo os dois últimos tipos ilustrados acima. Apresentados os modos de RDO e, de forma breve, a teoria de Authier-Revuz, podemos dizer que, no discurso, as marcas enunciativas podem ser representadas nos textos, de modo mais explícito, ou de modo menos explícito (AUTHIER-REVUZ, 1999; CAVALCANTE *et al.*, 2020).

No que concerne às investigações de Charaudeau (2013), todo discurso poderia ser considerado um discurso relatado, uma vez que ele assume que a palavra de um outro está sempre presente nos atos de enunciação do sujeito de fala. Em vista disso, o linguista convoca o dialogismo bakhtiniano<sup>48</sup>, para ressaltar a permanência entre aquele que fala e o outro em seu discurso.

Nesse sentido, o discurso relatado equivale, conforme Charaudeau (2013, 161-162), ao

[...] ato de enunciação mediante o qual um locutor (Loc/r) relata (Dr) o que foi dito (Do) por um outro locutor (Loc/o), dirigindo-se a um interlocutor (Interloc/o). O dito, o locutor e o interlocutor de origem (Do, Loc/o e

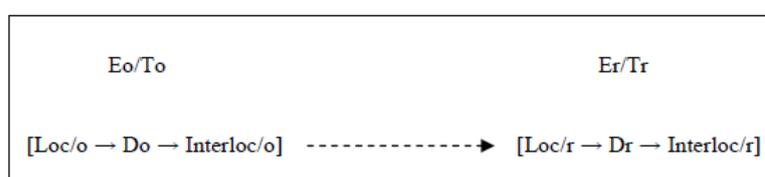
<sup>47</sup> Para saber mais: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. La représentation du discours autre: un champ multiplement hétérogène. In: LOPEZ-MUNÓZ, J. M.; Marnette, S. & ROSIER, L. (éds). **Le discours rapporté dans tous ces états**. Paris: Harmattan, p. 35-53, 2004.

<sup>48</sup> Sobre *dialogismo*, ver Bakhtin (1979).

Interloc(o) encontram-se num espaço (Eo-To) diferente daquele (Er-Tr) do dito relatado (Dr), do locutor-relator (Loc/r) e do interlocutor final (Interloc/r).

Dessa forma, o discurso relatado diz respeito a um ato de enunciação mediante o qual um locutor, que está em um espaço e em um tempo determinados, relata a um interlocutor o que foi dito por outro (inter)locutor, que está em um espaço e em um tempo distintos do dito primeiro. No nível de exemplificação, o mecanismo do discurso relatado é visualizado a seguir, na Figura 9.

Figura 9 – Representação do discurso relatado



Fonte: Charaudeau (2013, p. 162).

O discurso relatado é, assim, caracterizado pelo encaixe de um discurso citante no discurso citado, manifestando o que o semiolinguista francês denomina heterogeneidade no discurso (CHARAUDEAU, 2013). Essa heterogeneidade deve ser marcada no discurso citante, de modo que o enunciador citante indique que uma parte de seu discurso foi atribuída por um outro enunciador.

Contudo, o referido Charaudeau (2013) adverte que nem sempre as marcas de discurso relatado são explícitas, causando um problema na fronteira entre a interdiscursividade e o próprio discurso relatado. Além disso, consoante o semiolinguista, o enunciador nem sempre fornece índices do dito relatado de forma inconsciente, ou seja, às vezes, é uma estratégia linguística deste para apagar o locutor de origem. Nesse caso, é como se o dito pertencesse apenas a ele, e não a outrem. Assim, “é nesse jogo de marcação-demarkação, por um lado, não marcação-integração, de outro, que se situa o discurso das mídias de informação” (CHARAUDEAU, 2013, p. 162).

Além disso, cabe, aqui, dizer que a maneira de relatar pode ocorrer de diferentes formas. Para Charaudeau (2013), o discurso relatado pode ser: (a) citado; (b) integrado; (c) narrativizado; e (d) evocado. A seguir, como mostra o Quadro 2, esses quatro tipos do relato são brevemente descritos:

Quadro 2 – Tipos de discurso relatado para Charaudeau

Tipo de discurso relatado	Descrição
Citado	discurso relatado que corresponde ao que a gramática tradicional chama de estilo direto, o (Do) é citado (mais ou menos integralmente) numa construção que o reproduz tal como foi enunciado, de maneira autônoma em relação ao dizer enunciativo que ele retoma.
Integrado	discurso relatado que correspondente ao estilo indireto da gramática tradicional, o (Do) é retomado numa construção que o integra parcialmente ao dizer daquele que relata, o que provoca a transformação do enunciado: o discurso é relatado em terceira pessoa, e então os pronomes, assim como o tempo verbal, não dependem do momento de enunciação de origem, mas do momento de enunciação do locutor que relata.
Narrativizado	o (Do) é relatado de tal forma que se integra totalmente, ou mesmo desaparece, no dizer daquele que relata. O locutor de origem torna-se agente de um ato de dizer.
Evocado	o (Do) aparece apenas como um dado evocador do que o locutor de origem disse, ou tem o hábito de dizer.

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Charaudeau (2013).

Em suma, podemos dizer, de acordo com o que aponta Charaudeau (2013), que o discurso relatado corresponde “[...] à integração, em um novo ato de enunciação, de um dito que passa a se subordinar ao locutor-relator”. (BECKER, 2011, p. 9). Por isso, o discurso relatado trata-se de um discurso de prova.

Para Maingueneau (2002), o discurso relatado constitui-se de uma sobreposição de enunciações, colocando em relação dois acontecimentos enunciativos. Desse modo, para o linguista, a enunciação citada pode ser considerada objeto da enunciação citante. O discurso relatado pode ocorrer de diferentes formas. Assim, em seus estudos sobre esse fenômeno, Maingueneau (2002) apresenta três tipos de discurso relatado: (i) discurso direto (DD); (ii) discurso indireto (DI); e (iii) discurso indireto livre (DIL).

O primeiro tipo de discurso relatado apresentado nos estudos de Maingueneau (2002) é o discurso direto (DD). Este, conforme o autor em exame, caracteriza-se pelo fato de o enunciador trazer em seu discurso a fala direta de um outro, não o eximindo de sua responsabilidade enunciativa. Maingueneau (2022, p. 140, grifo do autor) diz que o enunciador, “[...] ainda simula *restituir as falas citadas* e se caracteriza pelo fato de dissociar claramente as suas situações de enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado” (MAINGUENEAU, 2002, p. 140, grifo do autor). Em outras palavras, o DD ocorre quando há as próprias palavras daquele que foi citado. Por isso, a fala do enunciador citado está sempre marcada por aspas no discurso citante.

Segundo Maingueneau (2002), esse tipo de discurso relatado está relacionado com a questão da fidelidade. Isso porque, para o linguista, no DD, pode ocorrer a reprodução exata das palavras do enunciador citado. Assim postula Maingueneau (2002, p. 141): as falas relatadas por meio do DD são apenas uma “encenação, visando criar um efeito de autenticidade:”.

Na verdade, ainda pautados no que sustenta Maingueneau (2002), por se tratar de um discurso escrito, o DD não é considerado uma fala propriamente efetiva, pois ele não convoca elementos extralinguísticos, como o gesto, a fala etc. O linguista declara que se trata, portanto, de uma enunciação que é reconstruída de forma subjetiva pelo enunciador, o qual condiciona essa enunciação mediante sua interpretação no discurso citado. Em vista disso, Maingueneau (2012, p. 141) declara que tal característica implica dizer que o discurso direto “não pode, então, ser objetivado: por mais fiel que seja, o discurso direto é sempre apenas um

fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal.”.

Ainda na abordagem do DD, Maingueneau (2002) enumera algumas razões por que utilizar esse tipo de discurso relatado no discurso citante: (i) para criar autenticidade, indicando que as palavras relatadas são aquelas realmente proferidas; (ii) para distanciar-se: porque o enunciador citante não adere ao que é dito e não quer misturar o dito com aquilo que ele efetivamente assume; e (iii) para mostrar-se objetivo, sério.

Ademais, para Maingueneau (2002), no discurso verbal, o DD deve atender a duas exigências: (i) marcar a fronteira que o separa do discurso citado; e (ii) delimitar o discurso citado. Há recursos que contribuem para essas exigências, como o emprego de um verbo e de sinais tipográficos. No que concerne aos sinais tipográficos, estes podem aparecer de diversas formas, como os dois pontos, os travessões, as aspas e os itálicos (MAINGUENEAU, 2002).

O segundo tipo de discurso relatado apresentado por Maingueneau (2002) é o discurso indireto (DI), que ocorre quando as palavras citadas (conteúdo de pensamento) são traduzidas pelo enunciador citante.

No que tange ao discurso indireto (DI), Maingueneau (2002) postula que sua importância consiste em relatar o conteúdo do pensamento do autor citado, permitindo que o enunciador possua diversas formas de traduzir as falas que deseja citar em seu discurso. Dessa forma, diferentemente do DD, em que havia a reprodução fidedigna das palavras do autor citado no discurso citante, no DI, o enunciador citante materializa o discurso citado com as suas próprias palavras (MAINGUENEAU, 2002). Em vista disso, o linguista afirma que, no DI, “[...] a escolha do verbo introdutor é bastante significativa, pois condiciona a interpretação, dando um certo direcionamento ao discurso citado”. (MAINGUENEAU, 2002, p. 150).

Ainda em relação ao DI, Maingueneau (2002) explica que, nesse tipo de discurso relatado, há *apenas uma situação de enunciação*. Isso ocorre porque, no caso do DI, a situação de enunciação do discurso citante sempre é identificável tanto pela pessoa citada quanto pelos dêiticos espaço-temporais. Em suma, o DI ocorre quando o enunciador citante utiliza suas próprias palavras para reproduzir o discurso citado.

Por sua vez, o terceiro tipo de discurso relatado apresentado nas investigações de Maingueneau (2002) é o discurso indireto livre (DIL). Para

Maingueneau (2002), trata-se de um discurso relatado que conserva as características de um discurso direto, porém, sem que haja uma sinalização explícita no discurso. Encontramos, por conseguinte, um caso mais clássico de hibridismo, no qual há “[...] uma discordância enunciativa que deixa suas vozes serem ouvidas” (MAINGUENEAU, 2002, p. 155). No DIL, uma parte do discurso citante não é assumida pelo enunciador citante. Assim, o DIL contém palavras atribuídas a um enunciador segundo.

Em vista dessas particularidades, para Maingueneau (2002), o DIL é uma *mistura* perfeita entre DD e DI, uma vez que “[...] a polifonia<sup>49</sup> do DIL não é a de duas vozes claramente distintas (DD), nem a absorção de uma voz pela outra (DI)”. Dessa forma, no DIL, não podemos dizer quais palavras pertencem ao enunciador citado e quais palavras remetem ao enunciador citante.

Apresentados o discurso relatado e as suas tipologias, no subcapítulo a seguir, com base em Paveau (2014; 2021), abordamos a heterogeneidade tecnodiscursiva e o tecnodiscurso relatado. Salientamos que as investigações apresentadas neste subcapítulo (AUTHIER-REVUZ, 1990; 1998; 1999; 2001; 2004; 2008; 2020; CHARAUDEAU, 1992, 2008; 2013; MAINGUENEAU, 2002; 2014) são levadas em conta em nossa análise, a fim de examinar como os tipos de tecnodiscurso relatado encontrados em nossa pesquisa diferem daqueles do ambiente *off-line*.

### **2.3 A heterogeneidade tecnoenunciativa e o tecnodiscurso relatado em discursos nativos digitais**

Paveau (2014; 2021) esclarece que a heterogeneidade tecnodiscursiva ocorre mediante um elemento tecnolinguageiro. As diferentes vozes, isto é, os diferentes enunciadores digitais coexistem em um único fio enunciativo – no caso desta pesquisa, no tuíte – a partir de um elemento de deslinearização. Dessa forma, metodologicamente, nossa pesquisa se inicia a partir de um observável tecnolinguageiro. Portanto, a categoria da deslinearização torna-se essencial para que esta pesquisa possa alcançar os objetivos propostos e investigar os diferentes enunciadores digitais no ecossistema *Twitter*.

---

<sup>49</sup> Para Maingueneau (2002, p. 137, grifo do autor), “[...] o indivíduo que fala e se manifesta como o ‘eu’ no enunciado é também aquele que se *responsabiliza* por esse enunciado”.

Junto ao que ensina Paveau (2017), advogamos que o discurso outro é materializado no discurso citante a partir de uma marca de clicabilidade, uma vez que ela conecta duas situações de enunciação (e seus respectivos enunciadores digitais) em um mesmo fio enunciativo (nesse caso, o tuíte). Essa

[...] coexistência no mesmo fio de várias situações de enunciação não é sinalizada pelos processos de mudança de enunciação, tal como são identificados no discurso *off-line* (processos de heterogeneidade enunciativa como o discurso relatado, a citação, a intertextualidade, a evocação, a alusão); pode-se, portanto, vê-lo como um fenômeno de heterogeneidade tecnoenunciativa.<sup>50</sup> (PAVEAU, 2016, p. 15, tradução nossa, grifo nosso).

Dessa forma, amparados no que pesquisa Paveau (2016), podemos dizer que se estabelecem duas situações de enunciação (com enunciadores digitais distintos) conectadas por meio de um elemento tecnolinguageiro clicável, chamado de elemento de deslinearização. Em vista disso, uma das perguntas de pesquisa apresentadas no capítulo introdutório foi formulada justamente sobre esta discussão: *é possível quantificar o número de enunciadores digitais nos tuítes de divulgação científica?* No que concerne aos estudos de Paveau (2016; 2021), sabemos que há múltiplas situações de enunciação quando se verifica a clicabilidade do *hiperlink*, mas a questão sobre como esses enunciadores digitais se manifestam parece-nos um problema a ser investigado e alcançado nesta pesquisa.

Na tecnodiscursividade, a heterogeneidade tecnoenunciativa ocorre por meio de uma ação, isto é, um clique. As *affordances* disponíveis no ecossistema implicam uma ação, a partir de um gesto visual. Nos tuítes, por exemplo, há vários elementos clicáveis, como as *hashtags*, as hiperligações, os usuários, que são mencionados a partir da arroba (@), entre outros. Ao clicarmos em um desses elementos tecnolinguageiros, somos remetidos a um outro documento, permanecendo ou não no ecossistema *Twitter*.

Nesse cenário, para Paveau (2016, p. 6, tradução nossa),

O ‘pedido de amizade’ na rede do Facebook, por exemplo, passa pelo botão ‘add’, no qual basta clicar para produzir a declaração de convite, acompanhada (ou não) de uma mensagem escritural explícita. É o mesmo para o compartilhamento de enunciado de um ecossistema (por exemplo, um blog) para outro (por exemplo, rede *Twitter*), que se realiza num simples

<sup>50</sup> Cette coexistence dans le même fil de plusieurs situations d’énonciation n’est pas signalée par les procédés de changement énonciatif tels qu’ils sont identifiés dans le discours hors ligne (procédés d’hétérogénéité énonciative comme le discours rapporté, la citation, l’intertextualité, l’évocation, l’allusion); on peut donc y voir un phénomène d’hétérogénéité techno-énonciative.

clique num botão de compartilhamento pré-instalado no site ou pelo escritor mesmo em seu navegador. Esse fenômeno do tecnodiscurso relatado (Paveau, 2015a) apaga a linearidade do discurso das citações para substituí-lo por um gesto de enunciação.<sup>51</sup>

À vista disso, Glück (2017), no curso de sua pesquisa, assumiu que um enunciado digital com um elemento tecnolinguageiro é considerado multissequencial. Isso porque cada enunciado digital possibilita diferentes percursos ao escritor, uma vez que é o escritor quem decide em qual elemento de deslinearização clicar ou não. Desse modo, não se trata, como bem explica Paveau (2016), de um enunciado linear, como ocorria no discurso pré-digital (a saber, MARCUSCHI, 1999; 2008; 2017; KOCH, 2002), pois o elemento clicável apaga essa linearidade.

A esse respeito, para Giering e Pinto (2021, p. 34),

Marcuschi (1999) salienta a relevância dos estudos dos processos de coerência dinâmica que poderiam vir a criar condições para que um menor esforço cognitivo por parte dos leitores fosse exigido, ao efetuarem as suas buscas na Internet.

O referido autor, desse modo, já antevia que características tecnológicas do hipertexto atuavam no âmbito da construção da coerência, alertando que “o centro da coerência passa para o navegador, pois é ele que tem o mouse” (MARCUSCHI, 2017, p. 185). Por sua vez, Koch (2002) partilha do postulado desenvolvido por Marcuschi (1999) no que concerne ao papel multifacetado do leitor; contudo, a linguista advoga a autonomia desse leitor, que pode vir a fazer escolhas dos caminhos hipertextuais que achar pertinentes.

Dito isso, o discurso digital, desencadeado por um gesto de enunciação, substitui a linearidade do discurso das citações; essa substituição faz com que ocorra o fenômeno do tecnodiscurso relatado. Portanto, como explica a linguista, “o tecnodiscurso relatado é forma digital do discurso relatado<sup>52</sup>.” (PAVEAU, 2014, p. 1, tradução nossa). Isto é, por meio da hiperligação contida em um tuíte, há uma

<sup>51</sup> “La «demande d’amitié» sur le réseau Facebook par exemple, passe en effet par le bouton «ajouter» en français, sur lequel il suffit de cliquer pour produire l’énoncé d’invitation, accompagné (ou pas) d’un message scriptural explicite. Il en est de même pour le partage d’énoncé d’un écosystème (par exemple un blog) à un autre (par exemple le réseau Twitter) réalisable par un simple clic sur un bouton de partage préinstallé sur le site ou par l’écriteur lui-même sur son navigateur: ce phénomène de technodiscours rapporté (Paveau, 2015a) efface la linéarité du discours citant pour remplacer par un geste d’énoncé”.

<sup>52</sup> “Le technodiscours rapporté est une forme de discours rapporté native du web”.

abertura para um tecnodiscurso outro, mas não uma citação propriamente dita, como víamos em discursos pré-digitais com marcas puramente languageiras no interior do discurso. Isso porque, como bem postula Paveau (2016, p. 5): “o elemento de deslinearização não cita, ele abre”. Em outras palavras, o elemento de deslinearização materializa o discurso outro a partir de um clique. É preciso agir tecnodiscursivamente para que o escreitor seja remetido ao tecnodiscurso aberto pelo tuíte.

Em vista disso, consoante Ensslin (2007), um elemento hipertextual sempre implica a presença de um outro. No caso da ADD, o discurso outro ocorre por intermédio de uma marca de deslinearização, a hiperligação, diferentemente dos discursos *off-line*, em que o outro era implicado no cotexto do discurso. Essas questões serão revisitadas na seção destinada à análise dos tuítes.

Desse modo, para que o escreitor saiba quem é esse outro trazido no discurso, é preciso que ele realize essa ação. No caso dos dados gerados de nossa pesquisa, é necessário clicar na hiperligação presente no tuíte, a qual remeterá o escreitor ao discurso outro, ao enunciador digital segundo – chamado aqui de Ed2.

Ademais, de acordo com Paveau (2014, p. 1, tradução nossa, grifo nosso),

As palavras de outros, produzidas no tempo  $t$  e no espaço  $e_1$  da *web 2.0*, são relatadas em um tempo  $t + 1$  no espaço  $e_2$ , via ferramentas de compartilhamento de conteúdo, ativadas, principalmente, por *tecnosignos* (botões de partilha nos espaços em questão, *bookmarklets* nas barras de navegação dos usuários da Internet), que garantem, assim, a função de representação do ato de enunciação. A distinção enunciativa prototípica do discurso relatado *off-line* (entre o locutor 1 citante e o locutor 2 citado, os dois se confundindo nas formas indiretas), é assegurada, em parte, pelo dispositivo tecnológico.<sup>53</sup>

Dessa forma, Paveau (2014; 2021) esclarece que, no tecnodiscurso relatado, o discurso citado é materializado pela ferramenta tecnológica. Um enunciado digital, em tempo e espaço primeiro, por meio da ferramenta tecnológica, é citado em um tempo e espaço segundo. No tecnodiscurso relatado, portanto, há sempre um

---

<sup>53</sup> “Les paroles d’autrui, produites en un temps  $t$  et un espace  $e_1$  du web 2.0, sont rapportées en un temps  $t+1$  sur un espace  $e_2$ , via des outils de partage de contenu, activés la plupart du temps par des technosignes (boutons de partage sur les espaces concernés, bookmarklets dans les barres de navigation des internautes) qui assure donc la fonction de représentation de l’acte d’énonciation. La distinction énonciative prototypique du discours rapporté hors ligne (entre le locuteur 1 citant et le locuteur 2 cité, les deux se confondant dans les formes indirectes), est assurée en partie par le dispositif technologique”.

elemento de deslinearização, que se constitui ou consubstancia no imbricamento da linguagem com a tecnologia.

Cabe-nos salientar que, conforme Paveau (2014), o tecnodiscurso relatado pode ser realizado em várias etapas. Ao desenvolver essa categoria, a linguista descreveu esse processo no ecossistema *Facebook*. Na presente pesquisa, entretanto, nós a investigamos no ecossistema *Twitter*.

Nas investigações de Paveau (2014; 2021) sobre o tecnodiscurso relatado no *Facebook*, três tipos dessa categoria foram desenvolvidos: (i) tecnodiscurso relatado direto integral; (ii) tecnodiscurso relatado resumidor; e (iii) tecnodiscurso relatado repetidor. Contudo, Paveau (2014; 2021) explica que outros tipos podem surgir quando examinado em outro ecossistema, como o *Twitter*, que é o foco/objeto do nosso estudo.

Por isso, na seção destinada às análises, consoante Paveau (2014; 2021), observamos a incidência de tecnodiscurso relatado no ecossistema *Twitter* por meio da *hashtag* #divulgaçãocientífica a partir dos tipos de tecnodiscurso relatado e/ou de outros oriundos das análises, se for o caso. Da mesma forma, examinamos como os tipos de tecnodiscurso relatado encontrados diferem daqueles do ambiente *off-line*, propondo, se necessário, subcategorias próprias ao tecnodiscurso relatado para o ecossistema *Twitter*, retomando o que sustenta Paveau (2014; 2021). Em vista disso, a seguir, apresentamos os três tipos de tecnodiscurso relatado desenvolvidos pela linguista.

### 2.3.1 Tecnodiscurso relatado direto integral

O primeiro tipo de tecnodiscurso relatado estudado por Paveau (2014; 2021) é o tecnodiscurso relatado direto integral (TRDI). Esse tipo ocorre quando há o compartilhamento de um enunciado digital, em sua totalidade, por meio de uma janela de compartilhamento. Nesse compartilhamento, pode ou não haver ampliação de um comentário por um enunciador digital citante.

Em suma, de acordo com Paveau (2014, p. 4, tradução nossa, grifo nosso),

O tecnodiscurso citado é, então, compartilhado-relatado integralmente, com o conjunto de seus metadados, portanto, em parte, com seus contextos, sendo o todo verificável por um simples clique no espaço de produção inicial; esses dois fenômenos, a conservação do contexto e a

verificabilidade da integridade ou 'fidelidade' (PLANE *et al.*, 2013) distinguem-no fortemente do discurso relatado direto prototípico *off-line*.<sup>54</sup>

Esse postulado de Paveau (2014) vai ao encontro dos estudos de Maingueneau (2012) acerca do discurso relatado. Maingueneau dedica-se aos estudos discursivos em *corpora off-line*, propondo a noção de *encenação* no discurso direto em contexto pré-digital. Segundo o autor, nesse contexto pré-digital, não é possível ter acesso ao contexto real de produção do discurso citado, já que ele é transferido para o contexto do discurso citante.

Além de um compartilhamento direto integral de um *post* do *Facebook*, Paveau (2014; 2021) categoriza outros tipos pertencentes a um *post*. São alguns deles: (i) compartilhamento de conteúdo interno a uma rede (compartilhamento de *status* no *Facebook*, retuíte (RT) no *Twitter*); (ii) refixação de um alfinete de um assinante (*pin*) no Pinterest; (iii) integração de conteúdo em uma plataforma de curadoria (*Pearltree*, *Scoopit*); e (iv) apropriação de conteúdo nessas plataformas (apropriação de uma *perl* de um assinante no *Pearltrees*; um conteúdo de um assinante no *Scoop.it*).

A seguir, na Figura 10, mostramos um exemplo deste tipo de tecnodiscurso relatado.

---

<sup>54</sup> "Le technodiscours cité est alors partagé-rapporté intégralement, avec l'ensemble de ses métadonnées, donc, en partie, de ses contextes, le tout étant vérifiable par simple clic sur l'espace de production initial; ces deux phénomènes, conservation du contexte et vérifiabilité de l'intégrité ou «fidélité» (Plane *et al.*, 2013) le distinguent fortement du discours rapporté direct prototypique hors ligne".

Figura 10 – Exemplo de TRDI



Fonte: Felipe (2020)<sup>55</sup>.

Como podemos ver no exemplo da Figura 10, há um compartilhamento direto integral do tuíte de *Minas de Lama*, feito por Miguel Felipe. No exemplo, há a ampliação de um comentário de Felipe, com texto verbal e três *hashtags*. verificamos a integridade ou fidelidade ao tuíte de origem, um retuíte, característico desse tipo de tecnodiscurso relatado apresentado e caracterizado pelos estudos de Paveau (2014; 2021).

### 2.3.2 Tecnodiscurso relatado resumidor

O segundo tipo de tecnodiscurso relatado mencionado por Paveau (2014; 2021) é o tecnodiscurso relatado resumidor (TRRes). Este ocorre quando o compartilhamento de um *post* citante apresenta o resumo do *post* citado por meio da URL (*link*). Nesse compartilhamento, o *link* da URL pode estar no seu formato completo ou reduzido, bem como conter comentário do enunciador digital citante.

A seguir, na Figura 11, ilustramos com um exemplo esse tipo de tecnodiscurso relatado.

<sup>55</sup> Disponível em: [https://twitter.com/mff\\_felippe/status/1332087529852506112](https://twitter.com/mff_felippe/status/1332087529852506112). Acesso em: 20 nov. 2020.

Figura 11 – Exemplo de TRRes



Fonte: Fiocruz (2020)<sup>56</sup>.

Como vimos na Figura 8 acima, há um *hiperlink* no tuíte feito pela Fiocruz (2020), o qual remete o escreitor a um outro ecossistema. No final do *hiperlink*, há reticências, que mostram que o link está em seu formato reduzido. Trata-se, assim, de um TRRes.

### 2.3.3 Tecnodiscurso relatado repetidor

O terceiro tipo de tecnodiscurso relatado desenvolvido por Paveau (2014; 2021) é o tecnodiscurso relatado repetidor (TRRep). Quando o discurso citado é copiado e compartilhado no discurso citante, por meio de um *post*, ocorre esse tipo de tecnodiscurso relatado.

Como explica Paveau (2014, p. 4, tradução nossa, grifo nosso):

[...] este é, por exemplo, o caso do *reblogging*, mencionado como tal, fornecido por certas plataformas (o *Tumblr* é baseado neste princípio) e

<sup>56</sup> Disponível em: [https://twitter.com/Icict\\_Fiocruz/status/1331334007733317635](https://twitter.com/Icict_Fiocruz/status/1331334007733317635). Acesso em: 20 nov. 2020.

antecipado por blogueiros, por intermédio da licença *Creative Commons*, por exemplo, permitindo o compartilhamento livre sob certas condições<sup>57</sup>.

Dessa forma, este tipo de tecnodiscurso situa-se em uma linha tênue próximo do plágio, por exemplo. Isso porque, caso um enunciador digital compartilhe um *post* sem menção à sua origem – quem o postou, o *link* que remete a ele etc. –, não é possível comparar as duas versões. Esta é uma característica do TRRep, como aponta Paveau (2014; 2021).

A seguir, na Figura 12, apresentamos um exemplo de TRRep.

Figura 12 – Exemplo de TRRep



Fonte: CCELD (2020)<sup>58</sup>.

No exemplo da Figura 12, vemos o compartilhamento de um card que o grupo de pesquisa CCELD realizou, sobre um evento promovido pela Universidade Federal Fluminense (UFF). No *post*, não há o link que remete à página do evento nem informações sobre o enunciador digital citado. Trata-se, portanto, de uma repetição de um *post* anterior, configurando o tipo TRRep.

Isso posto, salientamos que é por intermédio da categoria da deslinearização, também proposta por Paveau (2016; 2021), que podemos investigar o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa e, no seu interior, os diferentes enunciadores

<sup>57</sup> “[...] c’est par exemple le cas du reblogging, mentionné comme tel, prévu par certaines plateformes (Tumblr repose sur ce principe) et anticipé par les blogueur.ses.s par le biais de la licence Creative Commons par exemple, permettant le libre partage sous certaines conditions”.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/grupocceld>. Acesso em: 20 nov. 2020.

digitais em jogo nos tuítes de divulgação científica reunidos pela *hashtag* #divulgaçãocientífica. Tal categoria também possibilita analisar a implicação desse fenômeno na ação de divulgar a ciência. Em outras palavras, é por meio da deslinearização enunciativa que podemos examinar as diferentes situações de enunciação – e seus respectivos enunciadores digitais - nos tuítes desta pesquisa. Dado esse destaque, abrimos o próximo subcapítulo, 2.4, que versa sobre a categoria da deslinearização.

## 2.4 A deslinearização enunciativa

Conforme exposto no subcapítulo 2.3, no contexto tecnodiscursivo, Paveau (2016, p. 16, tradução nossa) explica que a deslinearização é uma característica específica do enunciado digital nativo, uma vez que ela “consiste na intervenção de elementos clicáveis no encadeamento do discurso, que direcionam o escrileitor de um fio-fonte para um fio-alvo, estabelecendo uma relação entre dois discursos”<sup>59</sup>. Ou seja, o fio do discurso é deslinearizado por traços tecnolinguageiros: elementos clicáveis (palavras ou signos) que conduzem a outros textos *on-line*, como os *hyperlinks* (ou hiperligações) e as *hashtags*. A deslinearização é, portanto, a capacidade tecnodiscursiva de relacionar dois discursos.

Contudo, ressaltamos que a relação entre dois discursos resulta da decisão de o escrileitor ativar o(s) elemento(s) hipertextual(is) por intermédio de um clique. Por isso, a relação que a deslinearização estabelece é o produto da decisão do escrileitor, que tem a possibilidade de ativar, ou não, esse(s) elemento(s) tecnolinguageiros(s). Tal ação, Paveau (2016), que se utiliza do termo cunhado por Bouchardon (2011), chama de “enunciado de gestos”. Portanto, com base no que defende Paveau (2016; 2021), poderíamos dizer que o escrileitor também se coloca como um enunciator no discurso, já que faz um enunciado de gesto para ir ao fio-alvo. Em outras palavras, essa ação depende dele para que a deslinearização ocorra.

Assim, um elemento clicável, por meio de um *gesto* visual (PAVEAU, 2017) – que convencionamos chamar de hiperligação – deslineariza o texto, conectando o

---

<sup>59</sup> “[...] l’intervention d’éléments cliquables dans le fil du discours, qui dirigent l’écrilecteur d’un fil-source vers un fil-cible, instaurant par là une relation entre deux discours”.

texto de origem com o de destino. No caso desta pesquisa, o elemento clicável conecta o tuíte a um outro documento.

Em suma, Paveau (2017, p. 1, tradução nossa) esclarece que

[...] A deslinearização é uma elaboração do fio do discurso na qual as questões tecnológicas e linguísticas são coconstitutivas, e afetam a sintagmática combinatória, criando um discurso composto com dimensão relacional. A deslinearização é um fenômeno totalmente dependente da tecnologia discursiva.<sup>60</sup>

Dessa forma, para Paveau (2017), a deslinearização direciona o escritor a um outro discurso, a um outro contexto de enunciação. Isso porque, na tecnodiscursividade, os discursos não são desenvolvidos necessariamente em um único eixo sintagmático, isto é, em um único fio do discurso: eles podem ser deslinearizados pelos *links* hipertextuais (PAVEAU, 2016; 2017).

Ademais, convém destacar que a deslinearização não pode ser confundida com a noção de descontinuidade, visto que a primeira focaliza a hiperligação no texto, mas não ocorre necessariamente uma quebra da coesão textual do enunciado. Por conseguinte, o traço da deslinearização acontece na relação entre dois discursos, e não em uma descontinuidade entre eles. Em vista disso, a hiperligação “[...] constitui uma suspensão ou um desvio na ordem linear da deslinearização que modifica as lógicas internas do intradiscurso, produzindo, ao mesmo tempo, seu aumento e sua fragmentação”.<sup>61</sup> (PAVEAU, 2016, p. 8, tradução nossa).

Outro aspecto relevante sobre a deslinearização é que esta é sempre marcada visualmente no texto, com sinal de destaque. Isso significa que a deslinearização é carregada por uma marca visual específica, como o sublinhado, uma cor em destaque, entre outras. A Figura 13 exemplifica essa característica:

---

<sup>60</sup> [...] “La délinéarisation est une élaboration du fil du discours dans laquelle les matières technologiques et langagières sont co-constitutives, et affectent la combinatoire phrastique en créant un discours composite à dimension relationnelle. La délinéarisation est un phénomène relevant pleinement de la technologie discursive”.

<sup>61</sup> [...] “constitue une suspension ou une déviation dans l’ordre linéaire de la discursivité, tant en production qu’en réception: l’hyperlien produit une délinéarisation qui modifie les logiques internes de l’intradiscours en produisant à la fois son augmentation et sa fragmentation”.

Figura 13 – Traço da deslinearização visual



Fonte: Demografia UFRN (2020)<sup>62</sup>.

Como visualizamos na Figura 13, no ecossistema *Twitter*, os elementos clicáveis aparecem em azul, como forma de destaque no texto. No caso desse exemplo, há uma hiperligação, três *hashtags* e dois *user names*, todos marcados pela cor. Por meio do clique em qualquer um desses elementos, o escreiteiro é remetido a um outro documento. Essas marcas visuais efetivam a hiperligação, pois é por meio delas que o *link* ganha destaque no texto. Nesse exemplo mostrado, a marca tecnolinguageira ocorre com o uso da cor azul.

Quanto às hiperligações, Paveau (2016, p. 16, tradução nossa) explica que elas

[...] envolvem o desdobramento sintagmático do enunciado, seu funcionamento enunciativo e sua materialidade semiótica; elas também carregam uma marca visual específica, cor ou sublinhado, que são sinais de deslinearização<sup>63</sup>.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://twitter.com/ppgdem/status/1330480082184441860>. Acesso em: 23 nov. 2020.

<sup>63</sup> [...] “Les hyperliens engagent le déroulement syntagmatique de l’énoncé, son fonctionnement énonciatif et sa matérialité sémiotique; ils portent en outre une marque visuelle spécifique, la couleur ou le soulignement, qui sont des signaux de délinéarisation”.

Em vista disso, é importante assinalarmos que é por meio desses sinais de deslinearização identificados, isto é, (neste caso) as hiperligações, que podemos analisar a heterogeneidade tecnoenunciativa. A deslinearização é, portanto, uma categoria fundamental para nossa pesquisa, pois é por ela que temos acesso a esse discurso outro citado no tuíte.

Alem disso, Paveau (2016; 2021), ao analisar a categoria da deslinearização, divide-a em cinco formas diferentes<sup>64</sup>, as quais são cumulativas. São estas:

- a) deslinearização visual: possui existência visual e material manifestada na hiperligação. A cor, por exemplo, assume papel relevante no discurso, seja na escrita, seja na leitura. Isso porque qualquer elemento do texto que seja clicável aparece em cor, requerendo uma ação do escrileitor (PAVEAU, 2016; 2021);

Para exemplificar as possibilidades de marcas visuais, a seguir (Figura 14), mostramos a imagem de hiperligações inseridas em uma notícia de divulgação científica digital da revista on-line *Superinteressante*, intitulada *Por que pica-paus não sofrem concussões? Estudo sugere uma hipótese*, publicada no dia 24 de julho de 2022.

Figura 14 – Exemplo de hiperligação como marca visual específica



**SUPER INTERESSANTE** BUSCAR 🔍

EDIÇÃO DO MÊS | TODAS AS EDIÇÕES | VÍDEOS | CIÊNCIA | CULTURA | HISTÓRIA | SAÚDE | LIVROS

Ciência

## Por que pica-paus não sofrem concussões? Estudo sugere uma hipótese

Pesquisadores analisaram a biomecânica desses animais – e propõem que talvez o cérebro deles seja pequeno demais para sofrer danos

Por Leo Caparroz 24 jul 2022, 19h16



Os animais que chamamos popularmente de [pica-paus](#) são membros da família Picidae, que contém cerca de 240 espécies. Eles se alimentam principalmente de larvas encontradas dentro de troncos de [árvores](#), e, para chegar ao seu alimento, precisam perfurar a madeira. Depois de bicar muito e abrir um buraco, ele usa sua fina língua para pegar a recompensa.

O bico faz parte do crânio dessas aves. Depois de aplicar tanta força para bicar, como eles não desenvolvem danos cerebrais?

Um [estudo](#) sobre a biomecânica dos [pica-paus](#) apresentou uma hipótese interessante: talvez seus cérebros podem ser pequenos demais para sofrerem danos.

Fonte: Caparroz (2022)<sup>65</sup>.

<sup>64</sup> A forma de apresentação é feita com base em Glück (2019).

Com o exemplo anterior (Figura 14), visualizamos, de fato, a hiperligação no corpo do texto, como uma marca visual específica e concreta, segundo explica Paveau (2017; 2021). No exemplo, as hiperligações estão visualmente, primeiro, marcadas em vermelho e, segundo, sublinhadas na notícia.

- b) deslinearização sintagmática: remete a um elemento clicável que opera uma suspensão na sequência do texto, possibilitando a inserção de outro segmento discursivo conectado a ele. Em outras palavras, o “fio do discurso é deslinearizado sintaticamente” (PAVEAU, 2021, p. 147);

A fim de exemplificar a deslinearização sintagmática, na Figura 15, demonstramos o exemplo da função sintática de uma hiperligação em uma notícia de divulgação científica digital. A notícia tem por título *Pesquisa identifica 3 causas para asfixia imperceptível por Covid-19*<sup>66</sup>, publicada na revista *Galileu*, em 2021.

Figura 15 – Exemplo de deslinearização sintagmática

The image shows a screenshot of a news article from the website Galileu. At the top, there is a navigation bar with the Galileu logo and menu items: REVISTA DIGITAL, NOTÍCIAS, MEIO AMBIENTE, CULTURA, SAÚDE, UM SÓ PLANETA, ASSINE, and a search icon. Below the navigation bar, there is a blue button labeled 'SAÚDE'. The main title of the article is 'Pesquisa identifica 3 causas para asfixia imperceptível por Covid-19'. Below the title, there is a short summary: 'Muitos pacientes experimentam a chamada hipóxia silenciosa, uma queda nos níveis de oxigênio no sangue sem que se manifestem sintomas de falta de ar. Entenda'. Below the summary, there is a button that says '3 min de leitura'. The author's name is 'MARÍLIA MARASCIULO' and the date is '24 JAN 2021 - 09H15 | ATUALIZADO EM 24 JAN 2021 - 09H15'. The main text of the article starts with 'Em um estudo publicado no periódico Nature Communications, cientistas conseguiram elencar três possíveis causas para uma das mais misteriosas e preocupantes complicações causadas pela Covid-19: a hipóxia silenciosa. A condição é descrita como a queda dos níveis de oxigênio no sangue sem a presença de sintomas de asfixia, como respiração curta. É isso mesmo: o paciente não se dá conta de que está ficando sem ar.' A red arrow points to the underlined text 'Nature Communications'.

Fonte: Marasciulo (2021)<sup>67</sup>.

Como vimos na Figura 15, em relação à deslinearização sintagmática, a hiperligação faz parte da organização de sintagmas do respectivo período. No

<sup>65</sup> Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/por-que-pica-paus-nao-sofrem-concussoes-estudo-sugere-uma-hipotese/>. Acesso em: 26 jul. 2022.

<sup>66</sup> Mantivemos a grafia original *Covid-19* do documento citado, em vez de COVID-19, conforme utilizamos ao longo da pesquisa.

<sup>67</sup> Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2021/01/pesquisa-identifica-3-causas-para-asfixia-imperceptivel-por-covid-19.html>. Acesso em: 26 jul. 2022.

exemplo em questão, a hiperligação *Nature Communications* exerce função de aposto no eixo sintagmático do período em que se encontra<sup>68</sup>.

- c) deslinearização enunciativa: decorre da deslinearização sintagmática, isto é, “o ponto de saída do fio do discurso é também um ponto de saída do fio enunciativo; o fio-alvo é, então, materializado no interior do fio-fonte por marcas hipertextuais” (PAVEAU, 2021, p. 148). A coexistência, no mesmo fio, de várias situações potenciais de enunciação é sempre marcada por uma forma gráfica (PAVEAU, 2016; 2021);

Para exemplificar o caso de uma deslinearização enunciativa em uma hiperligação inserida em uma notícia digital, recorreremos à mesma notícia apresentada no exemplo acima, ao ilustrar um exemplo da deslinearização sintagmática. Vejamos a Figura 16, a seguir:

Figura 16 – Exemplo deslinearização enunciativa

The image shows a screenshot of a web page from Nature Communications. The page title is "Modeling lung perfusion abnormalities to explain early COVID-19 hypoxemia". The authors listed are Jacob Herrmann, Vitor Mori, Jason H. T. Bates, and Béla Suki. The article is published in Nature Communications, volume 11, article number 4883, in 2020. The page includes a navigation menu at the top with options like "Explore content", "About the journal", and "Publish with us". On the right side, there is a "Download PDF" button and a list of sections: Abstract, Introduction, Results, Discussion, Methods, Data availability, Code availability, References, Acknowledgements, Author information, Ethics declarations, and Additional information.

Fonte: Herrmann *et al.* (2020)<sup>69</sup>.

<sup>68</sup> Esse exemplo foi analisado por Glück, Iracet e Giering (2021).

<sup>69</sup> Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41467-020-18672-6>. Acesso em: 26 jul. 2022.

Nesse exemplo, o escritor tem acesso aos enunciadores de destino (do texto de destino) quando clicar na hiperligação em análise, neste caso, *Nature Communications*. Como visualizamos na Figura 16 acima, ao identificarmos uma deslinearização enunciativa da hiperligação *Nature Communications*, reconhecemos os autores do texto de destino os quais são: Jacob Herrmann, Vitor Mori, Jason H. T. Bates e Béla Suki. Trata-se dos autores do artigo científico que originou a matéria, intitulado *Modeling lung perfusion abnormalities to explain early COVID-19 hypoxemia*, disponível no site da própria *Nature Communications*.

- d) deslinearização discursiva: indica que o “fenômeno do tecnodiscurso relatado apaga a linearidade do discurso das citações para substituí-lo por um gesto enunciativo” (PAVEAU, 2021, p. 148, tradução nossa). Isto é, passamos, por meio do hipertexto, de um hiperdiscurso a outro hiperdiscurso;

Para exemplificarmos a deslinearização discursiva, também utilizamos o exemplo acima, da notícia *Pesquisa identifica 3 causas para asfixia imperceptível por Covid-19*, publicada na revista *Galileu*, em 2021. Para tal, vejamos a mesma Figura 16, com a qual ilustramos a deslinearização enunciativa.

A fim de explicar a deslinearização discursiva, notemos que a hiperligação *Nature Communications*, sendo um elemento clicável, abre caminho para um novo hipertexto (ou seja, para um discurso outro), que conecta o texto de origem com o de destino. Em outras palavras, a hiperligação *Nature Communications* remete para o gênero artigo científico na renomada revista *Nature*.

- e) deslinearização semiótica: inclui a combinação de elementos não verbais, como imagem, som, gráfico ou ação, em razão da natureza compósita dos enunciados digitais. Qualquer elemento clicável pode remeter também a algumas formas que combinam o verbal e o não verbal. Por exemplo, em uma notícia digital, quando o produtor textual compartilha um vídeo antes, durante ou no final de seu texto. (PAVEAU, 2016; 2021).

Por fim, com a finalidade de ilustrarmos a deslinearização semiótica, mostramos uma notícia digital publicada pela Universidade Federal de Santa

Catarina, em 2019, intitulada *UFSC apresenta podcast para divulgação da produção científica*. Vejamos a Figura 17, a seguir:

Figura 17– Exemplo deslinearização semiótica

Fonte: UFSC Ciência (2019)<sup>70</sup>.

A Figura 17 acima inserida, exemplificando uma deslinearização semiótica, mostra um elemento não linguageiro no final da notícia digital. Observemos que há um vídeo disponibilizado por meio de um elemento clicável. Eis uma das possibilidades de deslinearização semiótica apontadas por Paveau (2016; 2021), uma vez que outras manifestações semióticas, neste caso um vídeo, no qual se integram ao verbal a imagem e o som, são utilizadas.

A par disso, ainda no âmbito da deslinearização enunciativa, Paveau (2021, p. 148, tradução nossa) esclarece que

[...] a saída do fio do discurso também é uma saída do fio enunciativo, sendo o fio-destino, então, materializado dentro do fio-origem pelas marcas de clicabilidade. Essa coexistência no mesmo fio de várias situações de enunciação não é sinalizada pelos processos de mudança de enunciação, tal como são identificados no discurso off-line (processos de heterogeneidade enunciativa como o discurso relatado, a citação, a

<sup>70</sup> Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2019/04/editar-ufsc-ganha-podcast-para-divulgacao-da-producao-cientifica/>. Acesso em: 26 jul. 2022.

intertextualidade, a evocação, a alusão); pode-se, portanto, vê-lo como um fenômeno de heterogeneidade tecnoenunciativa.”

Em vista dessas anotações teóricas, como escrito no subcapítulo 2.3 (vide p. 56), no âmbito da tecnodiscursividade, a heterogeneidade tecnodiscursiva se instaura a partir do uso e clique do elemento tecnolinguageiro. As diferentes situações de enunciação (e seus respectivos enunciadores digitais) coexistem em um mesmo fio enunciativo (nesse caso, o tuíte), desencadeados por um elemento de deslinearização.

Por essa razão, para fins metodológicos, nossa pesquisa se inicia com foco em um observável, a saber, o elemento tecnolinguageiro clicável que marca a deslinearização. Apoiando-se na categoria da deslinearização, nossa pesquisa pode investigar os diferentes enunciadores digitais no ecossistema *Twitter* e, desse modo, orientar-se para o alcance dos objetivos propostos.

Em vista disso, optamos por focalizar ações na deslinearização enunciativa, uma vez que estamos na ordem enunciativa do discurso, isto é, investigamos os enunciadores digitais no escopo da divulgação científica. Dessa forma, nesta tese, desconsideramos os outros tipos de deslinearização. Isso porque é recorrendo à deslinearização enunciativa que podemos analisar os diferentes enunciadores digitais em um mesmo fio enunciativo no ambiente digital. Assim, orientados pelos objetivos delineados no início desta investigação, para examinarmos a heterogeneidade tecnoenunciativa, valemo-nos da deslinearização enunciativa.

Apresentada esta subseção e com olhar mais atento à categoria da deslinearização enunciativa, passamos aos postulados de Grossmann e Rosier acerca do discurso relatado compartilhado na *Web*.

## **2.5 Os postulados de Francis Grossmann e Laurence Rosier sobre discurso relatado compartilhado em contexto digital**

Nesta subseção, apresentamos os postulados de Francis Grossmann<sup>71</sup> e Laurence Rosier<sup>72</sup> acerca do que os linguistas denominam *discurso relatado compartilhado na Web*. Tal nomenclatura, consoante os autores, aproxima-se e,

---

<sup>71</sup> Professor Emérito da área de Ciências da Linguagem na Universidade de Grenoble Alpes.

<sup>72</sup> Professora de Linguística na Universidade Livre de Bruxelas. É membra do *Striges*, uma estrutura de investigação interdisciplinar sobre gênero, igualdade e sexualidade, e do *Ladisco*, um centro de investigação sobre linguagem e discurso.

paradoxalmente, distancia-se dos estudos de Paveau (2021) sobre o tecnodiscurso relatado.

Por esse motivo, ao longo desta subseção, traremos as investigações de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019), bem como as nomenclaturas instituídas por eles, visando mostrar de que forma seus estudos estabelecem, ou não, relação com o que postula e defende Paveau (2021). Saliemos que, na seção destinada às análises dos tuítes, haverá uma etapa designada aos estudos dos autores em questão, para que, no final, possamos nos posicionar teórico-metodologicamente por meio do exame dos dados gerados para a presente pesquisa.

Ao investigar o discurso relatado em ambiente digital, Grossmann (2019, p. 1, tradução nossa), reconhece que “os usos digitais e a escrita na Web mudaram profundamente algumas das práticas tradicionais de discurso relatado<sup>73</sup>”. Por isso, o linguista, diante da complexidade da tecnologia digital, assume que uma das questões centrais que se apresenta é se o próprio objeto se modifica ao estar em contexto digital. Quando assume tal complexidade, o autor interroga-se: “[...] cabe, no contexto da escrita digital, falar de discurso relatado (DR), ou devemos considerar que se trata de uma reconfiguração mais completa, de formas discursivas, o que dissolve a própria noção de DR?”<sup>74</sup> (GROSSMANN, 2019, p. 2, tradução nossa). Isso acontece porque, segue explicando o linguista, tanto a escrita na *Web* quanto os usos digitais têm mudado as práticas tradicionais do discurso relatado (GROSSMANN, 2019).

De acordo com Grossmann (2019), com o advento da tecnologia, há a possibilidade de o discurso outro estar inteiramente no discurso relatado, por meio de um elemento hipertextual, como a hiperligação. No entanto, para ele, as formas clássicas de citação - de relatar - não desaparecem por estar em ambientes digitais, mas se somam aos recursos tecnológicos.

Para buscar responder a essas indagações, Grossmann (2019), em primeira instância, recorre à noção de discurso relatado em contexto *off-line*, para, atento a

---

<sup>73</sup> “Les usages numériques et l’écriture sur la Toile ont bouleversé en profondeur certaines des pratiques traditionnelles du discours rapporté.”

<sup>74</sup> “est-il approprié, dans le contexte des écritures numériques, parler de discours rapporté, ou bien faut-il considérer que l’on a affaire à une reconfiguration plus complète des formes discursives, qui dissout la notion même de DR?”

este, demonstrar o que ele chama de discurso *compartilhado*, num contexto digital. A seguir, exporemos brevemente os postulados do pesquisador.

O discurso relatado, de acordo com Grossmann e Rosier (2018, p. 4, tradução nossa), diz respeito a um “[...] conjunto de processos que permitem sinalizar, introduzir um discurso, escrito ou oral ou polissemiótico, emitido por um enunciador diferente do enunciador principal”<sup>75</sup>. Por essa razão, conforme Grossmann (2019), no discurso relatado, o enunciador, em seu texto, traz um outro ao seu enunciado para expressar sua posição argumentativa. Nesse cenário, o autor chama o enunciador primeiro de *principal* e o outro trazido em seu discurso de *secundário*.

Na sequência, explica Grossmann (2019), o autor principal “dá a palavra” a esse enunciador secundário, em seu texto. Ao trazer o conceito de discurso relatado, Grossmann (2019) reconhece que os postulados acerca desse fenômeno linguístico iniciaram a partir dos estudos de Authier-Revuz (1990; 1998; 1999; 2001; 2004; 2008), segundo a qual há diferentes tipos de discurso relatado, a saber: direto, indireto e indireto livre, antes descritos na subseção 2.2 desta tese, ao longo da exposição da Fundamentação Teórica.

Dito isso, no contexto digital, Grossmann (2019) compreende que diversos gêneros discursivos evoluíram ao se materializarem na *Web*. E prossegue, relatando que outros gêneros, ainda, são endêmicos ao ambiente digital, como o tuíte, no ecossistema *Twitter*. Ao abordar essa noção, no entanto, Grossmann (2019) recorre à Paveau. Ele assume que foi Paveau, a partir de 2013, quem se debruçou, em um primeiro momento, sobre o discurso digital e denominou os gêneros nativos digitais. Dessa maneira, por meio dos estudos de Paveau, o autor interroga-se se existe ou não um “tecnodiscurso relatado” (GROSSMANN, 2019).

De acordo com Grossmann (2019, p. 4, tradução nossa), “Paveau (2017) abandonou o termo discurso compartilhado por causa de seu significado muito geral e muito polissêmico<sup>76</sup>”. No entanto, para o linguista, os termos tecnodiscurso relatado, postulado por Paveau (2017), e discurso compartilhado, assumido por Grossmann (2019), assemelham-se em três etapas. São elas:

---

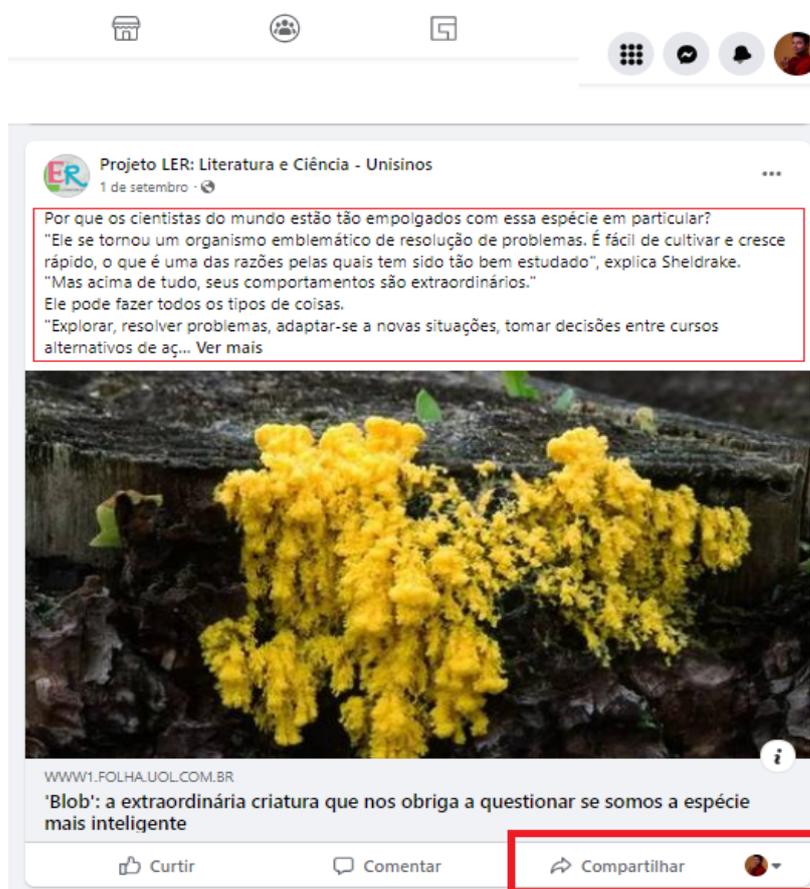
<sup>75</sup> “[...] l’ensemble des procédés permettant de signaler, d’introduire un discours, écrit ou oral ou polysémiotique, émis par un énonciateur différent de l’énonciateur principal”.

<sup>76</sup> “Paveau (2017) signale qu’elle a renoncé à la dénomination discours partagé en raison de son sens trop général et trop polysémique”.

- a) etapa 1: produção do quadro do discurso citante (o botão de compartilhamento do *Facebook*, apresentado como tecnosigno, abre uma janela, "forma de discurso citante", que transfere o discurso que se pretende relatar (discurso citado). Trata-se, em suma, da responsabilidade do ecossistema *Facebook* por meio da existência do botão de compartilhamento;
- b) etapa 2: a possibilidade de ampliação do discurso de citação por um comentário. Isso é de responsabilidade do usuário do ecossistema, neste caso, o *Facebook*; e
- c) etapa 3: clicar no botão "compartilhar um link" (PAVEAU, 2017) completa o compartilhamento do discurso citado, que é, então, integrado a outro ambiente.

Em relação a essas etapas, vejamos a Figura 18, a seguir:

Figura 18 – Semelhanças entre tecnodiscurso relatado e discurso compartilhado



Fonte: Projeto Ler (2022), destacado pelo autor.

Na Figura 18, vemos um *post* no ecossistema *Facebook* no perfil do Projeto Ler: Literatura e Ciência – Unisinos<sup>77</sup>. Nessa figura, notamos a primeira etapa mencionada por Grossmann (2019) na parte inferior direita, enfatizando, com um retângulo vermelho, o verbo *compartilhar*. Eis a possibilidade que a plataforma fornece ao escritor, caso ele queira transferir/compartilhar o enunciado tanto para outro perfil no próprio *Facebook* quanto para um outro ecossistema. Essa etapa estabelece relação com a terceira, que é a realização da partilha. Caso o escritor de fato clique no mencionado botão, consoante Grossmann (2019), será completado o compartilhamento do discurso relatado. Por sua vez, a segunda etapa é vista na parte superior do *post*, a partir da ampliação de um comentário: “*por que os cientistas [...] entre cursos alternativos de ações [...]*”. Como pontua Paveau (2021), a adição de um comentário no discurso relatado em contexto digital é opcional. Essa possibilidade é fornecida ao escritor, que decide adicionar algo – comentar - ou não. Tal abertura a uma ação, que remete à etapa 2 em que se interseccionam as caracterizações e denominações de Paveau (2017; 2021) e Grossmann (2019), está marcada na Figura 18 pela cor verde do retângulo.

Por outro lado, embora exponha tais semelhanças entre os termos adotados por ele e por Paveau (2017; 2021), Grossmann (2019) critica a utilização do prefixo “tecnó” para tratar do discurso relatado em ambiência digital, como faz a pesquisadora. A esse respeito, assevera o linguista:

Essa maneira de apresentar as coisas me parece questionável. Por um lado, pressupõe uma simetria ou mesmo uma redundância (a dimensão ‘tecnó’ que se acrescenta) entre o novo sistema e o antigo. Por outro lado, o rótulo tecnodiscurso relatado parece implicar que o sistema citacional está inteiramente renovado. A adição do prefixo ‘tecnó’ arrisca obscurecer as coisas em vez de iluminá-las. (GROSSMANN, 2019, p. 4, tradução nossa).<sup>78</sup>

Para o autor em tela, o fenômeno do discurso relatado, na *Web*, não é inteiramente renovado, como postula Paveau (2017), nem está numa relação simétrica com o ecossistema no qual está inserido. Além disso, Grossmann (2019) questiona por que os estudos de Paveau (2017) não levam em conta a relação entre

<sup>77</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/cceld>. Acesso em: 03 out. 2022.

<sup>78</sup> “Cette manière de présenter les choses me paraît discutable. D’une part, elle présuppose une symétrie voire une redondance (la dimension « techno » qui venant s’ajouter) entre le nouveau système et l’ancien. D’autre part, l’étiquette technodiscours rapporté semble impliquer le fait que le système citationnel est entièrement renouvelé. L’adjonction du préfixe « techno » risque d’obscurcir les choses plutôt que de les éclairer”.

o discurso relatado clássico - em ambiente *off-line* - e o tecnodiscurso relatado. Grossmann (2019) relata que a linguista alega estar se tratando de um fenômeno inteiramente novo. No entanto, para Grossmann (2019, p. 5), “[...] os novos processos não abolem os antigos, mas se combinam com eles<sup>79</sup>”.

Embora o autor reconheça que os estudos de Paveau sejam importantes para a Linguística, sobretudo acerca dos fenômenos digitais, ele assume que as denominações defendidas pela linguista parecem não satisfatórias. Portanto, Grossmann (2019) não adere à nomenclatura e à teoria proposta por Paveau, embora identifique sua relevância para a área. Por essa razão, o pesquisador prefere chamar, em contexto digital, *discurso relatado compartilhado na Web*, em vez de *tecnodiscurso relatado* (PAVEAU, 2021).

Os postulados de Grossmann (2019) voltam-se mais para as funções do discurso relatado em contexto digital, em vez de focar se ele é ‘tecno’ ou não, como investiga e defende Paveau (2017; 2021). Na verdade, mesmo na *Web*, para ele, há características de um discurso relatado clássico, ou seja, de discursos secundários importados no discurso primeiro, com o acréscimo de indexação hipertextual, como os *hiperlinks*. Segundo o pesquisador, concretiza-se um discurso compartilhado em decorrência do ecossistema que está em vigor, e que tem funções próprias.

Por isso, o discurso relatado compartilhado na *Web* é, de acordo com Grossmann (2019), plurissemiótico, mostrado e comentado<sup>80</sup>. Ele é plurissemiótico, pois pode conter imagens, vídeos, *gifs* etc.; mostrado, pois é evidencial, isto é, está em destaque no discurso citado – um *hiperlink* destaca-se por sua cor, por estar sublinhado no texto, por exemplo -; por fim, é comentado, porque o enunciador, no digital, comenta sobre o discurso outro em decorrência do seu próprio enunciado.

Por um lado, os estudos de Grossmann (2019) estabelecem relação com os de Paveau (2017; 2021), na medida em que há uma dimensão tecnológica. Por outro, ao passo que se trata de um fenômeno totalmente novo para Paveau (2017; 2021), por estar em um novo ambiente, o linguista defende que há funções discursivas próprias da internet que se somam com as funções clássicas pré-digitais.

---

<sup>79</sup> “alors qu’en fait les nouveaux procédés n’abolissent pas les anciens, mais se combinent avec eux.”.

<sup>80</sup> Embora Grossmann (2019) não explicita, podemos inferir que esse postulado é baseado em Authier-Revuz (1990), uma vez que a mencionada linguista, ao desenvolver a noção de discurso relatado e de seus tipos, explicou que se trata de um fenômeno *mostrado*, direta ou indiretamente marcado.

Grossmann (2019) enfatiza que é fulcral levar em conta que esse fenômeno adquire, em contexto digital, uma outra dimensão, a tecnológica.

Ademais, há uma discussão feita por Grossmann e Rosier (2018) acerca da utilização dos verbos “relatar” ou “compartilhar”, em contexto digital. Isso porque, para eles, é necessário estabelecer um esclarecimento terminológico no que diz respeito a esses verbos. Em vista disso, os autores abordam que

Muitas discussões têm ocorrido sobre o significado do verbo ‘relatar’, herdado do inglês *reported speech*, e não faltam alternativas terminológicas, como a fala representada, por exemplo. No contexto digital, o tecnodiscurso relatado certamente insiste na dimensão tecnológica, mas mantém o termo usual. Como faço para relatar? Não se pode fugir à questão da própria prática de relatar na Web; da mesma forma, qual é a ação discursiva que faço quando pratico o discurso hipertextualizado? (GROSSMANN; ROSIER, 2018, p. 5, tradução nossa).<sup>81</sup>

Por essa razão, para os autores, parece mais contundente utilizar o termo *discurso compartilhado*, uma vez que a lexia *compartilhamento* diz respeito à dimensão circulante do discurso. Trata-se da finalidade comunicativa do discurso (GROSSMANN; ROSIER, 2018).

No caso de nossa pesquisa, buscaremos analisar quais dessas regularidades se apresentam no escopo da divulgação científica no *Twitter* (como ocorre o fenômeno linguístico em questão). Em outros termos, observaremos o papel dessa complexidade plurissemiótica para os dados gerados desta tese.

Apresentada a noção de discurso relatado compartilhado na *Web*, Grossmann (2019) estabelece seis parâmetros que definem o compartilhamento discursivo. Estes, segundo o autor, caracterizam esse fenômeno na mídia digital. São eles:

- i) **o modo de endereçamento:** público ou privado; embora o autor reconheça que, em uma rede social como o *Twitter*, um *post* possa ser endereçado a um outro usuário, estando na rede, muitos outros podem lê-lo;

---

<sup>81</sup> “De nombreuses discussions ont eu lieu sur la signification du verbe « rapporter », héritée de l’anglais *reported speech* et les alternatives terminologiques n’ont pas manqué, comme discours représenté par exemple. Dans le cadre numérique, le technodiscours rapporté insiste certes sur la dimension technologique mais garde le terme usuel. Comment je rapporte ne peut éluder la question de la pratique même de rapporter sur la toile; de même, quelle est l’action discursive que je fais lorsque je pratique le discours hypertextualisé?”.

- ii) **o canal:** trata-se, de acordo com o autor, do modo pelo qual o discurso é realizado, como, por exemplo, oral, multimodal etc.;
- iii) **a inserção no fio da interação e o próprio *status* da mensagem:** iniciativa ou reativa; ou seja, se é um *post* novo ou se trata de uma resposta a um *post*;
- iv) **a natureza reduplicativa ou não da mensagem compartilhada:** trata-se da possível alteração do teor da mensagem durante a operação de compartilhamento;
- v) **partilhar em segundo plano ou trazer para primeiro plano:** trata-se de quando o usuário, ao compartilhar um *post*, dá destaque ou não a ele em seu discurso; e
- vi) **a intenção comunicativa e o tipo de ato de fala alcançado por meio do compartilhamento:** trata-se das possíveis intenções do discurso compartilhado, e de que forma o enunciador busca alcançar/atingir o outro.

Todas essas características são levadas em consideração por Grossmann quando incorpora a noção de discurso compartilhado em contexto digital.

Por essa razão, o autor, além das seis características expostas acima, propõe quatro elementos que contribuem para a caracterização de um discurso compartilhado, os quais, consoante Grossmann (2019), são essenciais. São eles: (i) o compartilhamento de um discurso integral; (ii) a reduplicação; (iii) a transmodalidade; e (iv) a estrutura hipertextual.

Brevemente, o *compartilhamento de um discurso integral* diz respeito à maneira pela qual “os novos dispositivos modificam profundamente as formas clássicas de citar o discurso [...], mesmo que estas continuem a ser mobilizadas em outros lugares para outras formas de citação<sup>82</sup> (GROSSMANN, 2019, p. 7, tradução nossa). Trata-se da possibilidade hipertextual de inserir um texto no discurso compartilhado, direta ou indiretamente.

Já a *reduplicação* concerne ao fato de o discurso compartilhado sempre poder ser reduplicado. Contudo, para o linguista, essa característica não é intrínseca ao contexto digital, porque todo o discurso pode ser reduplicado. No caso do digital, há

---

<sup>82</sup> “[...] nouveaux dispositifs modifient en profondeur les formes classiques du discours citant [...], même si ces dernières continuent à être mobilisées par ailleurs pour d’autres formes de citations”.

o compartilhamento; no pré-digital, a citação clássica direta. No entanto, Grossmann (2019) reconhece que essa característica da reduplicação já é viral no contexto digital, especialmente nas redes sociais.

Por sua vez, a *transmodalidade* diz respeito à possibilidade de o discurso compartilhado poder modificar o discurso outro: se antes se tratava de uma publicação em uma rede social, no compartilhamento, ela pode se tornar uma imagem, uma manchete, um *hiperlink* etc. Expresso diferentemente, esta é a capacidade que o discurso compartilhado tem de modificar, personalizar e utilizar o discurso outro de acordo com cada ambiente digital (GROSSMANN, 2019).

Por fim, a *estrutura hipertextual* reconhece que “o discurso hipertextualizado permite deportar o discurso relatado para o fundo do texto, que se tornou acessível com um simples clique em *links* de hipertexto<sup>83</sup>” (GROSSMANN, p. 8, tradução nossa). Tal elemento refere-se à possibilidade hipertextual de clique que o usuário tem, no momento em que se depara com um discurso compartilhado na mídia digital.

De maneira a sintetizar esses quatro elementos, trazemos o Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Quatro elementos que caracterizam o discurso compartilhado

Compartilhamento de um discurso integral	Possibilidade hipertextual de inserir um texto no discurso compartilhado (direta ou indiretamente)
Reduplicação	Possibilidade de o discurso compartilhado poder ser reduplicado
Transmodalidade	Possibilidade de o discurso compartilhado poder modificar o discurso outro
Estrutura hipertextual	Possibilidade hipertextual de clique que o usuário tem ao se deparar com um discurso compartilhado na mídia digital

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Grossmann (2019).

Apresentadas as características e os elementos do discurso relatado compartilhado na *Web*, Grossmann (2019) ainda propõe critérios para analisar esse fenômeno em ambiente digital. São eles: (i) tipo de discordância; (ii) discurso citado,

<sup>83</sup> "Le discours hypertextualisé donne la possibilité de déporter le DR dans l'arrière-plan du texte, devenu accessible par simple clic sur les liens hypertextuels"

reformulado, reproduzido; (iii) formas de integração do discurso relatado na *Web*; (iv) modo de compartilhamento e divulgação; e (v) situação no fio dialógico.

O primeiro critério, *discordância*, diz respeito às marcas verbais, semiográficas e multimodais que “[...] permitem identificar uma desconexão enunciativa e, portanto, identificar pelo menos dois espaços enunciativos<sup>84</sup>”. Nesse caso, o discurso outro pode ser apresentado verbalmente ou não, indicado ou não por marcas semiográficas ou multimodais.

No caso específico dos tuítes, Grossmann (2019) explica que, para fins financeiros e de engajamento, não há muito uso de verbos introdutórios de discurso relatado. Isso, a seu ver, acaba “[...] favorecendo o processo de citação direta sem citar o discurso, mas com referência à fonte”<sup>85</sup>. A esse respeito, vejamos o exemplo a seguir, na Figura 19:

Figura 19 – Exemplo do tipo de discordância



Fonte: A cada palavra (2022).

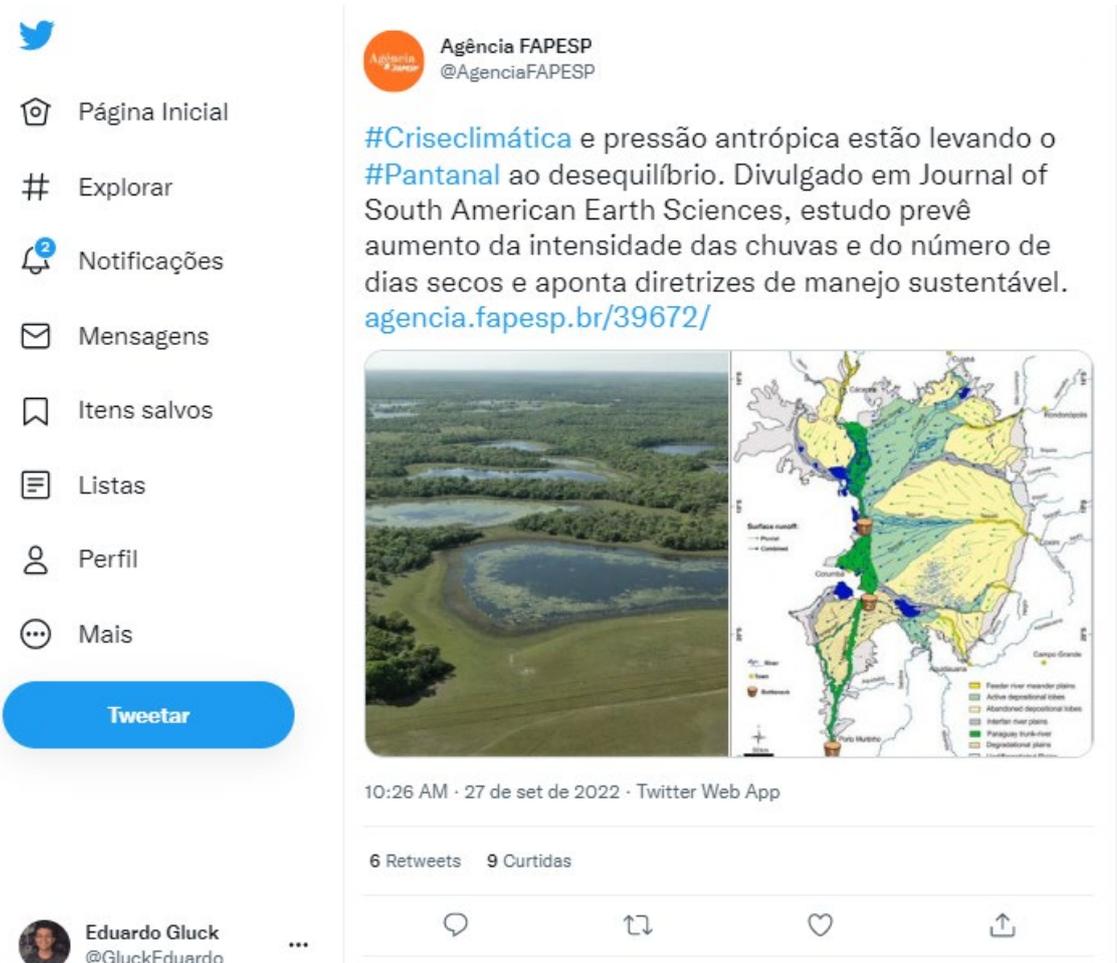
<sup>84</sup> "les marques sémiographiques et multimodales qui permettent d'identifier un décrochage énonciatif et donc de repérer au moins deux espaces énonciatifs".

<sup>85</sup> "ce qui conduit souvent à privilégier le procédé de la citation directe sans discours citant (mais avec référencement de la source)".

Como podemos visualizar imediatamente acima, o perfil @bii\_acs traz<sup>86</sup>, da locutora A cada palavra, no tuíte, traz um discurso de outrem, de Mário Sérgio Cortella. Embora não haja um verbo introdutório de discurso relatado, nem mesmo aspas para delimitar a fala de Cortella, o tuíte é composto por uma de suas conhecidas frases, com o nome entre parênteses, somado de sua foto, no final. Trata-se, consoante Grossmann (2019), de uma alteração de discursos, que é configurada pelo arranjo semiótico.

O segundo critério, *discurso citado, reformulado e reproduzido*, refere-se ao fato de o discurso compartilhado na *Web* poder apresentar-se por intermédio dessas três características. Para Grossmann (2019), citação e reformulação são duas formas comuns de relatar a fala de outrem – o enunciador pode citar diretamente o outro, assim como lhe é possível reformular o que o outro disse. No caso da reprodução, o tuíte pode reproduzir o discurso outro em uma unidade textual completa ou por um extrato, com ou sem metadados do texto fonte (GROSSMANN, 2019).

Figura 20 – Exemplo do tipo de reprodução



The image shows a screenshot of a Twitter interface. On the left is a navigation sidebar with icons for home, explore, notifications, messages, saved items, lists, profile, and more. The main content is a tweet from 'Agência FAPESP' (@AgenciaFAPESP) posted on September 27, 2022, at 10:26 AM. The tweet text reads: '#Criseclimática e pressão antrópica estão levando o #Pantanal ao desequilíbrio. Divulgado em Journal of South American Earth Sciences, estudo prevê aumento da intensidade das chuvas e do número de dias secos e aponta diretrizes de manejo sustentável. [agencia.fapesp.br/39672/](http://agencia.fapesp.br/39672/)'. Below the text are two images: an aerial photograph of a wetland area with several ponds, and a map of the Pantanal region in South America showing various hydrological features. The map legend includes: 'Fazedor river meander plains', 'Active depositional lobes', 'Abandoned depositional lobes', 'Inert river plains', 'Paraguay bank-riparian', 'Depositional plains', and 'Lack of depositional plains'. The tweet has 6 retweets and 9 likes. At the bottom left, there is a small profile picture and name for 'Eduardo Gluck' (@GluckEduardo).

<sup>86</sup> Disp



Fonte: Agência FAPESP (2022).

Na Figura 20 acima, notamos que a Agência FAPESP<sup>87</sup> reproduz as imagens disponíveis no estudo de origem. Além disso, ela cita informações que dizem respeito ao estudo referido, reformulando-as para adequar-se a este gênero nativo digital. No final do tuíte, há um *hiperlink* que remete para a matéria em questão. Como podemos perceber, segundo ensina Grossmann (2019), os três tipos podem ser cumulativos, e não necessariamente excludentes.

O terceiro critério, *formas de integração do discurso relatado na Web*, é apresentado por Grossmann (2019) mediante três formas. São elas: (i) inserção; (ii) referenciamento e indexação; e (iii) discurso de fundo.

Resumidamente, a primeira forma relativa ao critério *formas de integração do discurso relatado na Web*, *inserção*, como o nome sugere, é a inserção de um discurso outro no discurso fonte. Para o linguista, esse é um processo muito produtivo nas redes sociais. Essa inserção pode ocorrer por meio de texto, imagem, vídeo etc., dependendo das possibilidades de cada ecossistema digital. Na imagem anterior (Figura 20), da Agência FAPESP, foi inserida uma imagem no tuíte, por exemplo. Ainda de acordo com o que descreve Grossmann (2019, p. 3), “a fotografia do escritor contribui para a ancoragem referencial de toda a mensagem<sup>88</sup>”. No caso mostrado, as imagens trazidas pela Agência FAPESP contribuem para a temática do tuíte: as mudanças climáticas.

Por seu turno, na segunda forma relativa ao critério *formas de integração do discurso relatado na Web*, *referenciamento e indexação*, “[...] muitas vezes se combinam para permitir a identificação de uma fonte enunciativa (referenciamento) ou agrupamento temático (indexação)”<sup>89</sup> (GROSSMANN, 2019, p. 8). Um exemplo de referenciamento no *Twitter* é a inserção de uma URL remetendo ao artigo citado, pois se trata de uma marcação de outrem no discurso. Em vista disso, para

---

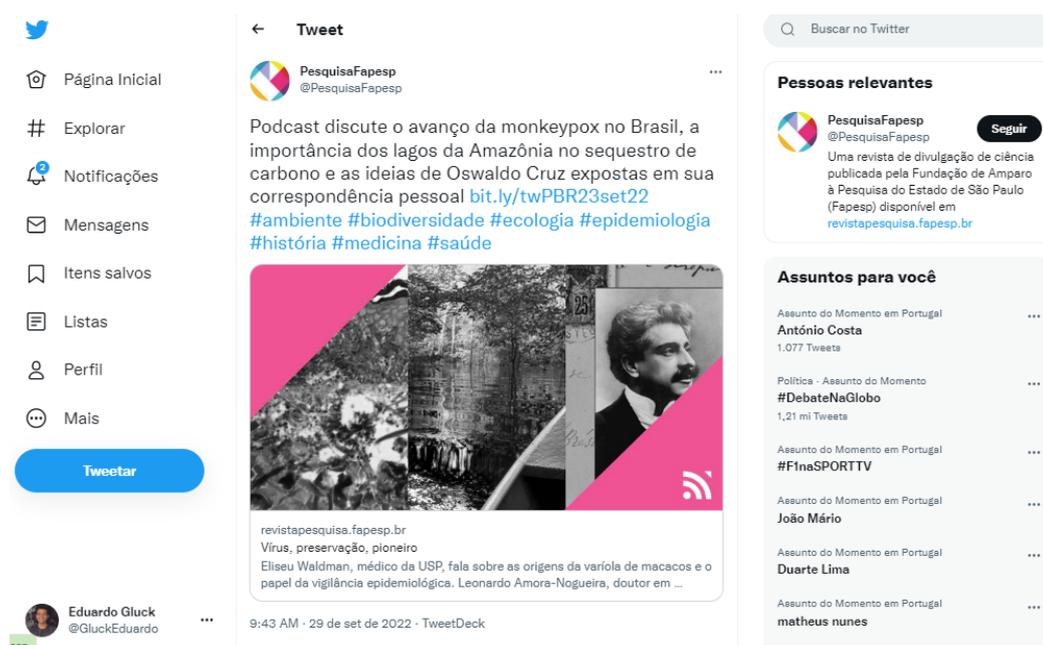
<sup>87</sup> Disponível em: <https://twitter.com/AgenciaFAPESP/status/1574752223762042881>. Acesso em 30 set. 2022.

<sup>88</sup> “la photographie de l'écrivain qui y figure contribue à l'ancrage référentiel de l'ensemble du message”.

<sup>89</sup> “Référencement et indexation se combinent souvent pour permettre l'identification d'une source énonciative (référencement) ou le regroupement thématique (indexation).”

Grossmann (2019), a referência combina frequentemente na internet uma tripla função: resumidora, apeladora e evidencial (a função evidencial garante a evidência do discurso relatado). O *link*, portanto, tem um valor evidencial. Eis um princípio de evidência, ou seja, trazer um artigo ou um documento para evidenciar o discurso relatado. Por sua vez, a indexação refere-se à dêixis, como no caso das *hashtags*. A Figura 21, a seguir, ilustra essa forma.

Figura 21 – Exemplo de indexação



Fonte: Pesquisa Fapesp (2022).

Como podemos visualizar na Figura 21, a Pesquisa Fapesp<sup>90</sup> cria uma série de indexações, por meio de *hashtags*: #ambiente, #biodiversidade, #ecologia, #epidemiologia, #história, #medicina e #saúde. Estas permitem explorar e elucidar um agrupamento temático, como postula Grossmann (2019) ao explicar o caso da indexação no discurso relatado em contexto digital.

Por sua vez, a terceira forma de integração do discurso relatado compartilhado na *Web*, *discurso de fundo*, concerne à possibilidade de o discurso digital inserir o discurso outro por intermédio de hipertextos. Em outras palavras, o discurso hipertextualizado permite acessar um discurso de fundo, sendo que o primeiro (texto de origem) fica visível diretamente na mensagem, e o secundário, de fundo (texto de destino), apenas é acessível mediante os hiperlinks textuais. No

<sup>90</sup> Disponível em: <https://twitter.com/PesquisaFapesp/status/1575466169636618240>. Acesso em: 30 set. 2022.

exemplo acima, da Pesquisa Fapesp, notamos que, no tuíte, há um *hiperlink* que remete para o discurso outro, que é um podcast disponível na própria Fapesp. O discurso fundo apresenta-se visualmente no tuíte via hipertextualidade.

Continuando esta definição de critérios para analisar o discurso relatado compartilhado na *Web*, chegamos ao quarto critério, intitulado *modo de compartilhamento e divulgação*, que se refere à posição daquele que fala, a partir do termo *prise en charge* (tradução livre de *assumir para si*). Trata-se da modalização e do posicionamento do enunciador, isto é, como aquele que se enuncia toma para si ou não o que é dito por outrem.

Nesse sentido, as investigações de Grossmann (2019) visam contribuir com a função da posição daquele que se enuncia em *corpora* digitais nativos, que podem ocorrer por inferência. Por inferência, ensina o autor, reunimos uma série de elementos para inferir uma posição; no caso desta tese, esses elementos são os técnicos e languageiros. Para Grossmann (2019), no caso de um retuíte sem comentário, não há uma *prise en charge* explícita, visto que não é o ponto de vista do enunciador citante. A respeito disso, vemos a Figura 22, a seguir.

Figura 22 – Exemplo de *prise en charge*

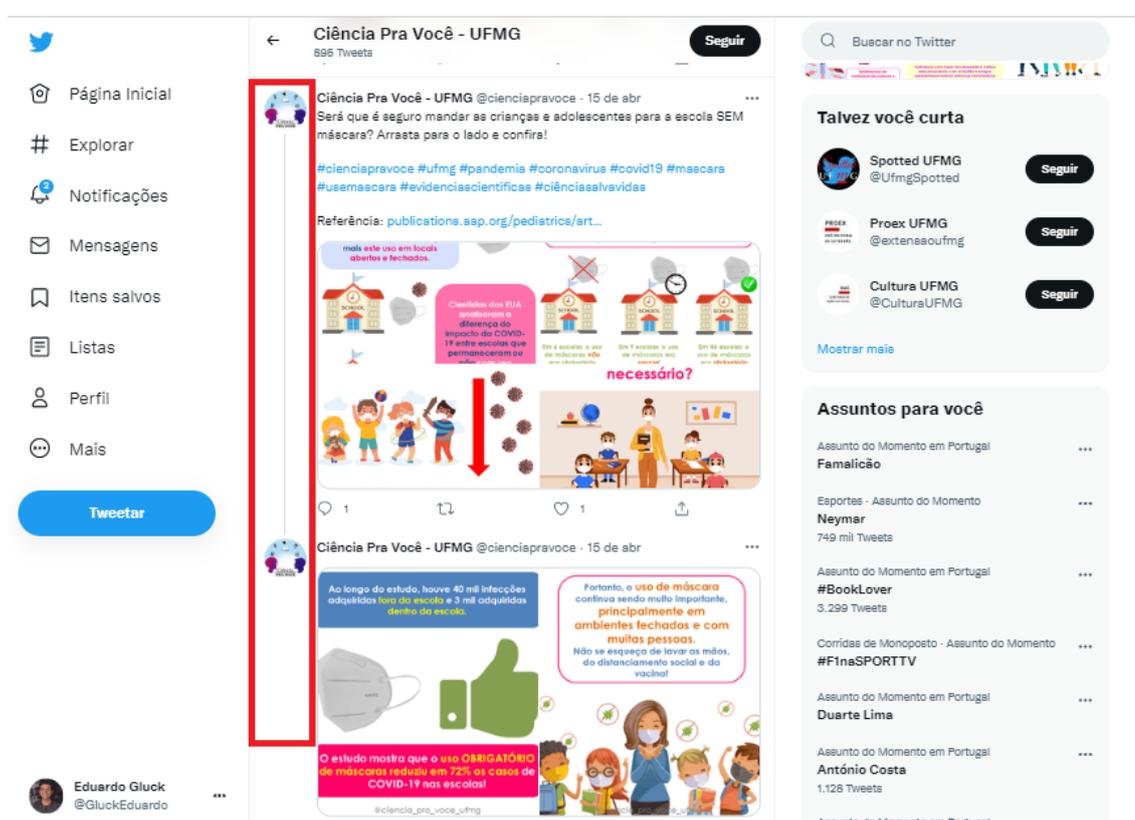
The image shows a screenshot of a Twitter interface. On the left is a navigation sidebar with options like 'Página Inicial', 'Explorar', 'Notificações', 'Mensagens', 'Itens salvos', 'Listas', 'Perfil', and 'Mais'. The main content area displays a tweet from 'Ciência Pra Você - UFMG' (@cienciapravoce) posted on April 25, 2022, at 8:13 PM. The tweet text reads: 'O sono é importantíssimo para a nossa memória. Vem entender a relação entre eles.' followed by hashtags #Ciencia, #CienciaPraVoceUFMG, #Memória, and #Sono. Below the text is a reference link: 'Referência: journals.physiology.org/doi/epdf/10.11...'. The tweet includes an infographic with two parts. The top part, titled 'memória.', shows a person sleeping with a brain icon and a checkmark, and text: 'Hormônios e neurotransmissores para favorecer este processo!'. The bottom part, titled 'Elos nos ajudam a lidar e aprender com o ambiente.', shows a person studying at a desk with a brain icon and text: 'Elos nos ajudam a lidar e aprender com o ambiente.'. The tweet has 1 retweet and 2 likes. On the right side of the interface, there are sections for 'Pessoas relevantes' (listing 'Ciência Pra Você - UF...') and 'Assuntos para você' (listing various trending topics like 'Assunto do Momento em Portugal', 'António Costa', 'Cuba', 'Neymar', 'Palhinha', 'Artur Soares Dias', and 'Famalicão').

Fonte: Ciência Pra Você (2022).

Na imagem 22, no tuíte da Ciência Pra Você<sup>91</sup>, da Universidade Federal de Minas Gerais, notamos uma *prise en charge* do enunciador, a partir do adjetivo *importantíssimo*. Há a opinião explícita do enunciador, defendendo que o sono é muito importante para nossa memória. No final do tuíte, há um *hiperlink* que remete o leitor a um discurso outro.

Por fim, chegamos ao quinto critério, *situação no fio dialógico*, que possibilita verificar se o discurso relatado na *Web* é um discurso novo ou se é reativo, como ocorre em um retuíte ou nas *threads*. A seguir, vejamos um exemplo de *thread* (Figura 23), com destaque na lateral esquerda.

Figura 23 – Exemplo de *thread*



Fonte: Ciência Pra Você (2022).

Utilizando novamente um exemplo do perfil da Ciência Pra Você<sup>92</sup>, da Universidade Federal de Minas Gerais, na Figura 23, verificamos que os tuítes estão conectados por um fio, chamado *thread*. Nesse caso, trata-se de um fio dialógico

<sup>91</sup> Disponível em: <https://twitter.com/cienciapravoce/status/1518730050035724289>. Acesso em: 30 set. 2022.

<sup>92</sup> Disponível em: <https://twitter.com/cienciapravoce>. Acesso em: 30 set. 2022.

reativo, em que um tuíte faz parte do outro. Grossmann (2019) sugere o termo reativo a todos os tuítes que fazem parte de *threads* ou retuítes.

A fim de sintetizar, para melhor entendimento, os critérios arrolados pelos linguistas, elaboramos o Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Critérios do discurso compartilhado na *Web*

Critérios	Características
Tipo de discordância	A possibilidade de o discurso outro poder ser apresentado verbalmente ou não, indicado ou não por marcas semiográficas ou multimodais
Discurso citado, reformulado, reproduzido	O fato de o discurso poder apresentar-se por meio destas três características: (a) citação e (b) reformulação, em que o enunciador pode citar diretamente o outro, assim como reformular o que o outro disse; (c) reprodução, no qual o tuíte pode reproduzir o discurso outro em uma unidade textual completa ou por um extrato, com ou sem metadados do texto fonte
Formas de integração do discurso relatado na <i>Web</i>	A possibilidade de o discurso apresentar-se sob estas três formas: (i) inserção: inserção de um discurso outro no discurso fonte; (ii) referenciamento, citação e indexação: permissão da identificação de uma fonte enunciativa (referenciamento) ou agrupamento temático (indexação); e (iii) discurso de fundo: possibilidade de o discurso digital inserir o discurso outro por intermédio de hipertextos
Modo de compartilhamento e divulgação	A modalização e o posicionamento do enunciador, isto é, como aquele que se enuncia toma para si ou não o que é dito por outrem ( <i>prise en charge</i> )

Situação no fio dialógico	A possibilidade de o discurso ser novo ou ser reativo, como no caso de um retuíte ou das <i>threads</i>
---------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Grossmann e Rosier (2018).

Apresentados os critérios que permitem analisar o discurso relatado compartilhado na *Web* – e a respectiva sistematização no Quadro 4 acima -, sublinhamos que Grossmann e Rosier (2018) relacionam esse fenômeno com a hipertextualidade. Para estes, o discurso relatado compartilhado na *Web* e a hipertextualidade relacionam-se na medida em que integram uma abordagem continuísta das práticas digitais, as quais reconfiguram práticas e gêneros antigos. Além disso, ressaltamos que tais critérios precisam ser levados em consideração quando se analisa um discurso compartilhado na *Web*, de acordo com o que defendem os autores mencionados neste parágrafo. Por essa razão, na seção destinada à etapa de análise, 2.5, a qual focaliza os postulados de Grossmann e Rosier (2018), os critérios serão apresentados linearmente, na ordem estabelecida pelos pesquisadores.

Vale enfatizarmos o que dizem, em complemento, os autores: “a tecnodiscursividade e suas tecnomarcas (conforme Paveau) são, portanto, apreendidas em termos de conformidade e renovação dos usos linguísticos do discurso relatado<sup>93</sup>.” (GROSSMANN; ROSIER, 2018, p. 3, tradução nossa). Por consequência, o discurso relatado na mídia digital torna-se, na verdade, uma reconfiguração de gêneros produzidos em *corpora* pré-digitais. O discurso compartilhado seria, então, seguindo o que dizem esses pesquisadores, uma renovação dos usos linguísticos do discurso relatado.

Assim, para Grossmann (2019), o que diferencia o discurso relatado do discurso compartilhado é a materialidade clicável, que é endêmica ao discurso digital. Trata-se, segundo o autor, de um discurso hipertextualizado polissêmico, por haver a dimensão tecnológica intrínseca, com elementos multissemióticos, como imagens, vídeos, botões etc. Contudo, o linguista enfatiza que há uma semelhança entre esses dois fenômenos, uma vez que

---

<sup>93</sup> “La technodiscursivité et ses techno-marques (Paveau op.cit.) s’appréhendent donc en termes de conformité et renouvellement des usages linguistiques du DR.”

As abordagens genéricas de discurso relatado estabeleceram vínculos estreitos com uma concepção vertical do discurso (MOIRAND, 2007) por meio do dialogismo, da heterogeneidade ou do interdiscurso/intertextualidade, da qual o discurso relatado foi uma faceta mostrada. A hipertextualidade é, portanto, também representada nessa dimensão vertical, mas permitindo a coexistência material e sincrônica do primeiro enunciado e do enunciado adicionado. (GROSSMANN, 2019, p. 4, tradução nossa)<sup>94</sup>.

Por isso, para os autores, a dimensão técnica, no contexto digital, é inegável, e está atrelada às novas ferramentas tecnológicas (GROSSMANN; ROSIER, 2018). Ademais, por intermédio do clique, os enunciados digitais se modificam pelas condições técnicas, que são únicas nos ecossistemas nativos da *Web*.

À vista disso, tanto no discurso pré-digital quanto no discurso digital nativo ocorrem falas de outrem no discurso alvo. Contudo, a dimensão tecnológica é constitutiva dos observáveis da *Web 2.0*. A título de exemplo, no capítulo destinado às análises dos dados gerados para esta investigação, no tuíte de n.3 (a saber, p. 121), vemos que as palavras do outro, produzidas em um tempo  $t$  e em um espaço  $e1$  são trazidas em um tempo  $t + 1$  em um espaço  $e2$  a partir de um elemento tecnolinguageiro. Ou seja, a pesquisa realizada pela Fapesp (enquanto espaço  $e1$ ) visa relatar o tuíte feito pela @semanadafisica (enquanto espaço  $e2$ ), por meio de uma ferramenta de compartilhamento de conteúdo.

Em vista desse exemplo, salienta-se que há uma constatação de Grossmann (2019) importante para nossa pesquisa, quando o pesquisador esclarece que:

O discurso hipertextualizado estaria sob a heterogeneidade mostrada, como o discurso relatado, e mesmo 'hipermostreado', por sua capacidade técnica performativa de ser aberto e depois compartilhável/compartilhado (o incentivo para clicar por sua marcação hipertextual), redobrada na maioria das vezes por introdutores de discursos clássicos relatados. (GROSSMANN, 2019, p. 5, tradução nossa)<sup>95</sup>.

Em outras palavras, pelo fato de o *hiperlink* estar em destaque no discurso, ele se encontra numa faceta mostrada, assim como pode ocorrer no discurso relatado *off-line*, com marcas linguísticas, como as aspas, glosas etc.

<sup>94</sup> "Par ailleurs, les approches génériques du DR ont tissé des liens étroits avec une conception *verticale* du discours (Moirand, 2007) par le dialogisme, l'hétérogénéité ou l'interdiscours/intertextualité, dont le DR était une facette montrée. L'hipertextualité se joue donc aussi dans cette dimension verticale mais en permettant la coexistence matérielle, synchronique de l'énoncé premier et de l'énoncé ajouté."

<sup>95</sup> "Le discours hypertextualisé relèverait donc de l'hétérogénéité montrée, à l'instar du DR, et même « hypermontrée » par sa capacité technique performative à être ouvert et puis partageable/partagé (l'incitation au clic par son marquage hypertextuel), redoublée la plupart du temps par des introductions de discours rapportés classiques"

Ao concluir seu estudo, Grossmann e Rosier (2018, p. 17-18, tradução nossa) chegam à seguinte constatação: “o que chamamos de hiperdiscurso relatado funciona hoje como um sistema complexo, no qual as diferentes formas de discurso relatado [...] são mobilizadas conjuntamente com marcas hipertextuais<sup>96</sup>”. O termo *hiperdiscurso relatado* consubstancia, na verdade, o *discurso relatado compartilhado*, de acordo com a investigação e teorização desses autores.

Apresentados os postulados de Grossmann e Rosier (2018) acerca do discurso relatado compartilhado na *Web*, passamos aos procedimentos metodológicos seguidos para o alcance do objetivo geral desta tese. Como salientado no início deste subcapítulo, haverá uma etapa analítica destinada às contribuições dos presentes autores e, mediante as análises dos dados gerados, nosso posicionamento teórico-metodológico sobre a relação ou não com os estudos de Paveau (2017; 2021).

---

<sup>96</sup> “ce que nous avons appelé le DR hyper fonctionne aujourd’hui comme un système complexe, dans lequel les différentes formes de discours rapporté [...] sont mobilisées conjointement aux technomarques hypertextuelles.”

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo dedica-se ao detalhamento dos procedimentos metodológicos adotados para nossa investigação. Conforme anunciado no capítulo introdutório, nossa pesquisa objetiva investigar o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa, em particular o tecnodiscurso relatado, e sua implicação para a ação de divulgar a ciência, em tuítes de divulgação científica reunidos pela *hashtag* #divulgaçãocientífica.

Para tanto, assumimos, aqui, uma abordagem qualitativa (CRESWELL, 2010). Para Creswell (2010), a pesquisa qualitativa visa investigar um fenômeno específico em profundidade, com alto nível de detalhes. Com esse fim, consideramos como unidade a ser estudada os tuítes que compõem os dados gerados<sup>97</sup> por nós, como um todo, a partir de uma minuciosa análise. Retomando o que advoga Paveau (2016; 2021), os tuítes a serem selecionados constituem o conjunto de dados<sup>98</sup> a serem examinados. São gerados tuítes que contenham a *hashtag* #divulgaçãocientífica, explicitados a *posteriori*, no subcapítulo 3.1.

Tendo em vista que nossa pesquisa se propõe a investigar o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa no ecossistema *Twitter*, ou seja, as diferentes vozes em cada fio enunciativo de cada tuíte, chamamos os enunciadores digitais de Ed1 e de Ed2. Reconhecemos o Ed1 como locutor – o enunciador digital primeiro – o tuiteiro, a exemplo do que nomeia Paveau (2016; 2021). Pela mesma razão, chamamos de Ed2 o enunciador digital segundo, o outro trazido no tuíte pelo elemento da deslinearização. Mais precisamente, Ed2 são os enunciadores digitais citados no tuíte por meio do *link*, os quais podem ser acessados e encontrados a partir do clique.

Isso posto, devido às inúmeras etapas do percurso metodológico para a geração de dados, visando a uma melhor descrição de cada estágio, dividimos a especificação da Metodologia em dois subcapítulos. No primeiro, 3.1, explicitamos

---

<sup>97</sup> Empregamos a nomenclatura postulada por Santos (2017), em sua dissertação de Mestrado, na Universidade Federal de Pernambuco. A autora adotou o termo “geração de dados” devido, segundo ela, “ao cunho crítico-reflexivo que subjaz à pesquisa, o que subentende uma atuação ativa e efetiva da pesquisadora na produção dos dados” (2017, p. 132). Santos argumenta que, por realizar escolhas, “não se considera uma ‘coletora’ neutra de informações sobre o mundo social” (SANTOS, 2017, p. 132), ainda que sejam grandes seus esforços na manutenção de uma possível neutralidade durante a geração de dados.

<sup>98</sup> Diferentemente de pesquisas linguístico-discursivas em gêneros pré-digitais, que utilizam a nomenclatura *corpus de estudo*.

os critérios de seleção para a composição dos dados e a sua caracterização. Em seguida, no subcapítulo 3.2, abordamos os procedimentos de análise. Passemos a eles.

### **3.1 Os dados gerados para a análise: critérios de seleção para a composição dos dados e a sua caracterização**

Para iniciar, salientamos que, devido ao fator “instabilidade”, próprio das redes sociais, e tendo em vista a característica compósita do conjunto de dados, foi realizada a captura de tela do ecossistema *Twitter* com os tuítes a serem estudados a partir do *notebook* do pesquisador, em sua conta pessoal nessa plataforma. Ou seja, o que aparece na tela do autor desta tese é único e não se repete para outro usuário. Expressa-se, aqui, a figura do pesquisador-usuário (ÉMÉRIT, 2016). Assim, se outro usuário digitar a *hashtag* #divulgaçãocientífica nesse ecossistema, poderá encontrar uma ordem cronológica diferente daquela obtida para esta pesquisa. Como se averiguou, isso também pode ocorrer caso o investigador escolha navegar utilizando seu aparelho celular em vez de seu computador pessoal. O dispositivo – computador, *tablet*, aparelho celular etc. –, como elemento máquina do processo, atua sobre a configuração da tela. Desse modo, as decisões sobre qual aparelho eletrônico utilizar, bem como sobre que percurso seguir, podem influenciar os resultados encontrados.

Dito isso, e mantendo em vista o enfoque de nosso estudo, estabelecemos sete critérios de seleção, explicitados a seguir. Cabe-nos, ainda, salientarmos que nossa pesquisa se insere no escopo da ADD e que os nossos dados gerados estão inseridos no *Twitter*.

Para Paveau (2021, p. 211), “a Internet, em particular a *Web*, não constitui um simples suporte para a produção escrita, mas antes a ambiência que configura estruturalmente a escrita que ali acontece”. Por esse motivo, consideramos o *Twitter* como um ecossistema digital, concebendo os aspectos técnicos coconstitutivos dos discursos nativos, ou seja, os parâmetros tecnológicos e languageiros que estão imbricados. Dessa maneira, o discurso nativo da internet materializa-se nos ecossistemas digitais, e não por meio deles (PAVEAU, 2017).

No âmbito da ADD, Paveau (2021) postula que há uma ligação indissociável entre instâncias languageira e tecnológica, ou seja, há um *continuum* entre o verbal e

o não verbal. Nesse cenário, a noção de suporte não se sustenta, já que o local no qual o texto está inserido não é mais visto como extralinguístico, como era concebido na perspectiva logocêntrica, mas como um dos elementos que está em simetria, numa verdadeira ecologia digital. Em conformidade com Paveau (2021), o discurso hipertextualizado é, sobretudo, complexo, individual e aberto. Portanto, para termos uma dimensão ecológica e pós-dualista, é preciso trazer o ecossistema no qual o tuíte se insere, e fazemos isso mediante captura de tela de toda a ambiência no *Twitter*.

Por conseguinte, o primeiro critério de seleção foi a plataforma: o *Twitter*. O *Twitter* é uma das maiores redes sociais do mundo, com 566 milhões de usuários (BELING, 2023). Dada a preferência por grande parte dos usuários da Internet, pela facilidade/possibilidade de se inserirem nas mais variadas temáticas e para estudar a heterogeneidade tecnodiscursiva em um ecossistema diferente da plataforma *Facebook* investigada por Paveau (2014; 2021), o *Twitter* foi escolhido como o ecossistema objeto de nosso estudo. Dessa forma, para gerarmos os nossos dados, primeiramente, acessamos a tela inicial (*homepage*, em inglês) do *Twitter*. A Figura 24, a seguir, mostra esse ecossistema<sup>99</sup> e as suas possibilidades tecnolinguageiras, com destaque em vermelho.

Figura 24 – O *Twitter*



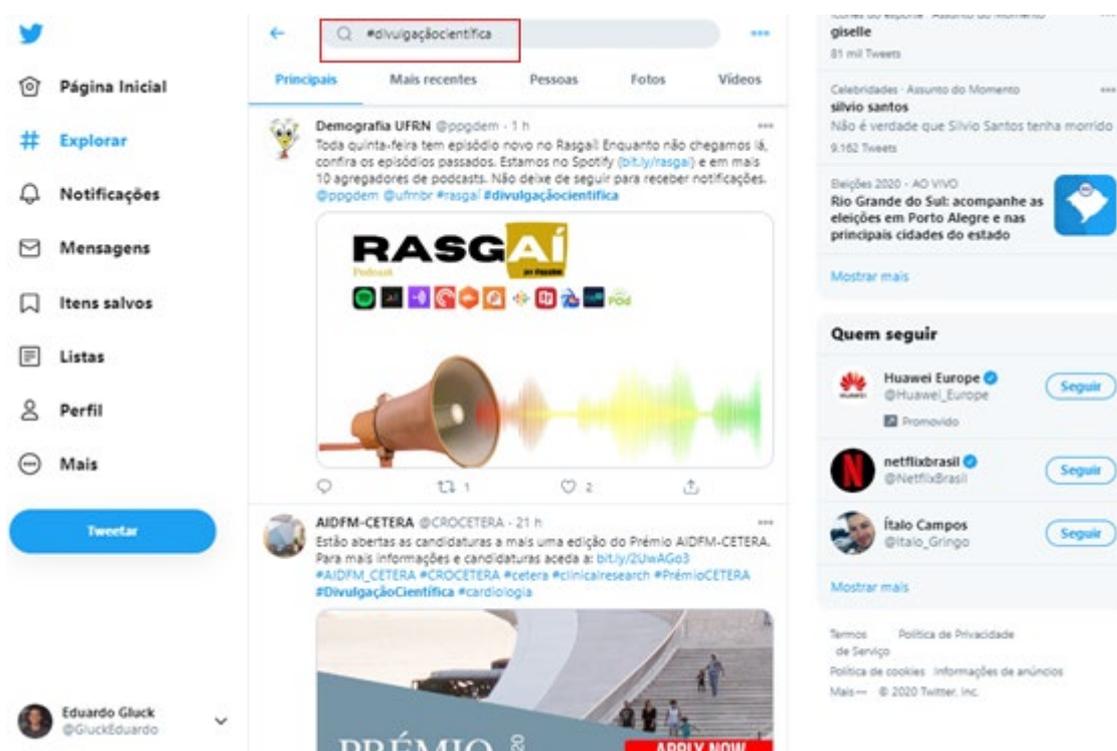
Fonte: Twitter (2020)<sup>100</sup>.

<sup>99</sup> Cavalcante e Muniz-Lima (2021) propõem que, em capturas de tela como esta representada na Figura 11, temos um compósito ou agrupamento de gêneros.

<sup>100</sup> Disponível em: <https://twitter.com/home>. Acesso em: 17 nov. 2020.

Inseridos no ecossistema, estabelecemos o segundo critério de seleção: a *hashtag*. De acordo com Paveau (2016; 2021), a *hashtag* é uma das principais *affordances* do *Twitter*, permitindo ao analista acessar um fio que agrupa o conjunto dos enunciados que contém a *hashtag*. Diariamente, seja por intenções pessoais, seja por intenções institucionais, a *hashtag* é utilizada nessa rede de *microblog*. Como a pesquisa assumiu a temática da divulgação da ciência, escolheu-se, dentre as variadas possibilidades que se apresentam no ecossistema *Twitter*, a *hashtag* #divulgaçãocientífica. Assim, ao acessar o *Twitter*, digitou-se a *hashtag* #divulgaçãocientífica, uma vez que ela foi um dos critérios de seleção para geração dos dados. A Figura 25, a seguir, evidencia essa ação, com destaque em vermelho.

Figura 25 – A *hashtag* #divulgaçãocientífica no *Twitter*



Fonte: Twitter (2020)<sup>101</sup>.

Escolhida a *hashtag* de nosso estudo, o terceiro critério de seleção foi a aba na qual a *hashtag* se insere. No *Twitter*, ao se pesquisar uma *hashtag*, visualizamos cinco possibilidades de abas: (i) principais; (ii) mais recentes; (iii) pessoas; (iv) fotos;

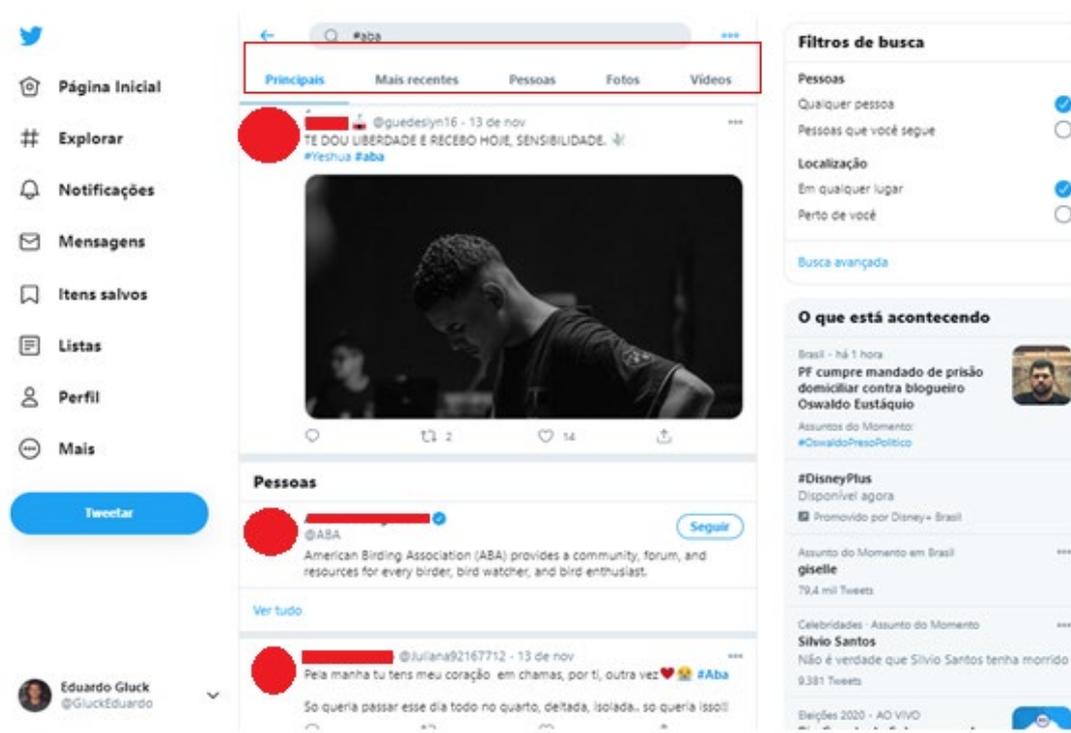
<sup>101</sup> Disponível em:

[https://twitter.com/search?q=%23divulga%C3%A7%C3%A3ocient%C3%ADfica&src=typed\\_query](https://twitter.com/search?q=%23divulga%C3%A7%C3%A3ocient%C3%ADfica&src=typed_query). Acesso em: 17 nov. 2020.

e (v) vídeos. Essa disposição é estabelecida pela plataforma, que organiza o *layout* da visualização.

A seguir, na Figura 26, exemplificamos essas ocorrências. Salientamos que, quando se tratava de contas pessoais, optamos por borrar a assinatura e o avatar do usuário, a fim de preservar sua integridade e identidade.

Figura 26 – Abas do *Twitter*



Fonte: Twitter (2020)<sup>102</sup>.

Dentre as cinco possibilidades de abas mostradas na Figura 26, optamos pela nomeada *principais*, que apresenta, conforme informado pela própria plataforma<sup>103</sup>, os tuítes que recebem o número mais alto de engajamento dos usuários (curtidas, compartilhamentos etc.).

O quarto critério de seleção foi o conteúdo do tuíte. Tendo em vista o objetivo desta tese, os tuítes selecionados foram aqueles que divulgam a ciência. Desse modo, consideramos, na pesquisa empreendida, tuítes de divulgação que de fato estavam comunicando estudos/pesquisas científicas. Para isso, verificamos, por exemplo, se o *hiperlink* (uma *URL* ou tecnopalavra clicável) indicava, na sua

<sup>102</sup> Disponível em: <https://twitter.com/hashtag/aba?lang=pt>. Acesso em: 17 nov. 2020.

<sup>103</sup> Essas informações encontram-se disponíveis em: <https://help.twitter.com/pt/managing-your-account/twitter-account-home>. Acesso em: 20 mar. 2022.

composição, se o documento para o qual ele remetia o escritor era de divulgação científica (pesquisas científicas, *podcasts* da ciência, vídeos científicos ou de divulgação científica etc.).

As Figuras 27 e 28, a seguir, evidenciam que, no tuíte, há um elemento de deslinearização (uma *URL*, conforme assinalado em vermelho na Figura), e, ao clicá-lo, o escritor é remetido para a rádio da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Portanto, tendo em vista o teor acadêmico, trata-se de uma divulgação científica. Salientamos que a Figura 27 está com destaque em vermelho.

Figura 27 – Exemplo tuíte com *link*



Fonte: ClickCiência (2020)<sup>104</sup>.

Figura 28 – Exemplo de documento de deslinearização de divulgação científica

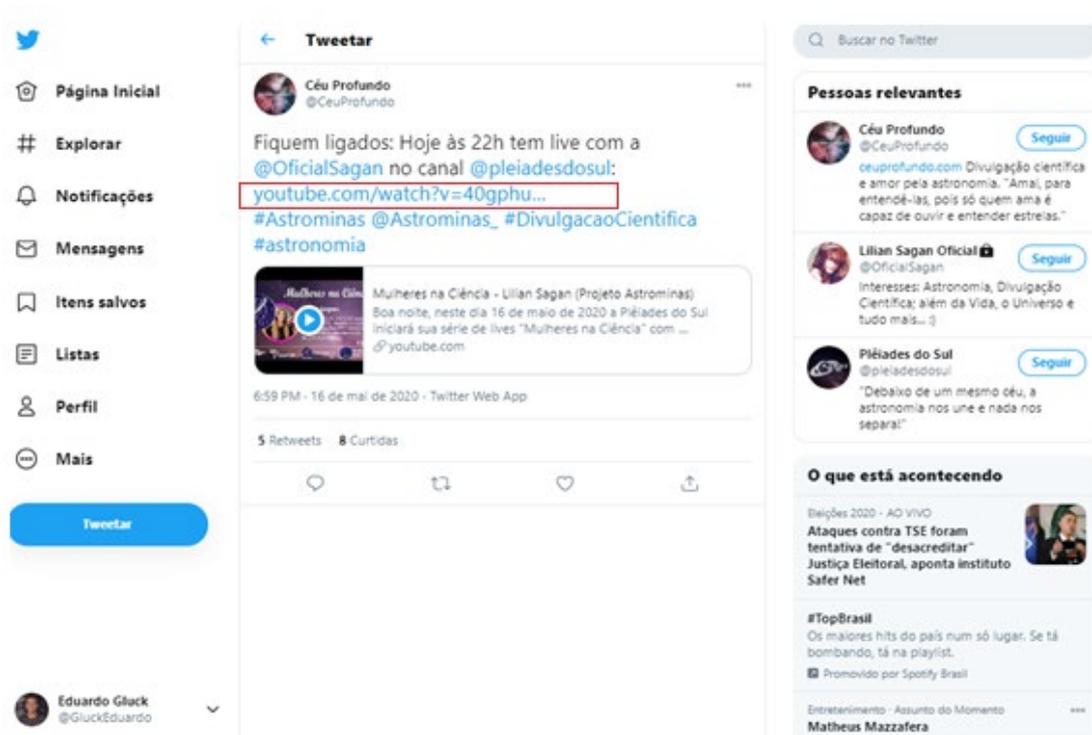


Fonte: CBN São Carlos (2020)<sup>105</sup>.

<sup>104</sup> Disponível em: <https://twitter.com/clickciencia/status/1326295639450415104>. Acesso em: 17 nov. 2020.

Dando continuidade a esta explicitação metodológica, o quinto critério de seleção foi a ocorrência de elemento de clicabilidade, chamado também de elemento de deslinearização (PAVEAU, 2016; 2021). Os tuítes gerados precisam conter, pelo menos, um elemento clicável, que remete o escritor a um outro documento. Esse critério é relevante no âmbito da pesquisa de doutorado empreendida pelo autor desta tese, devido ao seu foco investigativo, ou seja, a heterogeneidade tecnoenunciativa, que ocorre, conforme Paveau (2014; 2021), por meio de um elemento de deslinearização como o *hiperlink*. Dessa forma, os tuítes, necessariamente, precisavam conter esse elemento tecnolinguageiro. Na Figura 29, podemos ver que, no tuíte, há um *hiperlink* que remete o escritor para o ecossistema *YouTube*, assinalado com a cor vermelha.

Figura 29 – Exemplo de tuíte com elemento de deslinearização



Fonte: Céu Profundo (2020)<sup>106</sup>.

O sexto critério de seleção é a determinação do período de publicação. Definiu-se a última quinzena de maio de 2020 para a geração de dados, os quais

<sup>105</sup> Disponível em:

<https://www.cbnsaocarlos.com.br/multimedia/podcasts/SOM,0,1,64487,Ou%C3%A7a+a+coluna+'CBN+Por+Dentro+da+Ci%C3%A7a'+com+Adilson+Jesus+Oliveira.aspx>. Acesso em: 17 nov. 2020.

<sup>106</sup> Disponível em: <https://twitter.com/CeuProfundo/status/1261778199043768326>. Acesso em: 17 nov. 2020.

obedeceram à ordem de ocorrência até completarem 5 (cinco) tuítes. Mais precisamente, foram selecionados cinco tuítes contendo a *hashtag* #divulgaçãocientífica, sempre de signatários diferentes. Caso houvesse repetição, pulava-se para o próximo tuíte, nunca repetindo o signatário.

A definição desse número limitado de tuítes está em consonância com Moirand (2020), uma vez que, ao tratar da extensão de *corpora* em ambiente digital, a linguista defende que o analista de discurso digital possa realizar seu estudo a partir do que ela denomina “pequenos *corpora*<sup>107</sup>”. De acordo com Moirand (2020, p. 21), os pequenos *corpora* “possibilitam descrever as formas discursivas, raras ou não estabilizadas ainda, [...] bem como as relações entre a linguagem verbal e o mundo (o ambiente, os objetos, os atores e suas ações.”.

Além disso, a pesquisadora, ao desenvolver a noção de *pequeno corpus*, postulou três conceitos, visando dar conta da atualidade de um acontecimento na *Web*. As características dos discursos digitais nativos requerem do pesquisador metodologias adequadas, capazes de respeitar a própria relacionalidade e imprevisibilidade desse objeto. O pequeno *corpus* permite sequenciar determinada produção discursiva em três instâncias: (i) acontecimento discursivo; (ii) momento discursivo; e (iii) instante discursivo. Tais instâncias possibilitam, conforme a pesquisadora, um recorte de *corpus* coerente.

Em linhas gerais, o acontecimento discursivo diz respeito a um episódio histórico que adentra a atualidade midiática (MOIRAND, 2020). Trata-se de um acontecimento inédito, único, que provoca a aceleração na produção discursiva em relação a esse tema determinado. Essa noção está sob a égide de Pêcheux (2002), a partir de seu postulado sobre o acontecimento discursivo e o encontro entre a atualidade e a memória.

Já o momento discursivo, para a Moirand (2004, p. 73), “designa o surgimento na mídia de uma produção discursiva intensa e diversificada sobre o mesmo fato que se tornará com o tempo um ‘acontecimento’ presente na memória coletiva de uma sociedade”. Trata-se dos discursos que circulam na mídia digital, nos formatos mais variados, mas que mantêm a coerência entre si, determinada pelo acontecimento primeiro. O momento discursivo pode se tornar um acontecimento

---

<sup>107</sup> *petits corpus*, em francês.

discursivo na medida em que, a partir de uma perspectiva diacrônica, ele se torna social e politicamente relevante para uma determinada comunidade.

O instante discursivo, por sua vez, alcança algo mais breve, menor, que é gerado e observado pelo próprio pesquisador do digital. Ele é, conforme Moirand (2020), o que está mais próximo à realidade. Tal noção está ancorada no princípio de pequenos *corpora* (MOIRAND, 2020), pois se refere a uma ocorrência única, que é endêmica à tecnologia digital.

Segundo Moirand (2020, p. 21), alguns eventos são apenas "instantes discursivos", enquanto certos acontecimentos da mídia tendem a retornar periodicamente na forma de instantes discursivos mais ou menos intensos". Portanto, um acontecimento discursivo apresenta-se em diferentes momentos discursivos, que, por sua vez, se subdividem em instantes discursivos.

Em nossa pesquisa, o acontecimento discursivo refere-se à temática ampla da divulgação científica, ao passo que o momento discursivo concerne aos tuítes que possuem o uso específico da *hashtag* #divulgaçãocientífica. Por fim, o instante discursivo consiste nos cinco primeiros tuítes gerados para análise, os quais contêm a *hashtag* supracitada.

Com bases nesses apontamentos epistemológicos, optamos por compor um *corpus*<sup>108</sup> de cinco tuítes, considerando igualmente, na delimitação desse número, a projeção de um estudo detalhado de cada tuíte selecionado. Com isso, buscamos resolver a questão da quantidade de elementos de composição do *corpus* problematizada por Paveau (2021), com o intento de dar conta de um instante discursivo da *Web 2.0*.

---

<sup>108</sup> Utilizando a nomenclatura de Moirand (2020).

Figura 30 – Exemplo de tuíte dos dados gerados

The image shows a screenshot of a Twitter interface. On the left is a navigation menu with options like 'Página Inicial', 'Explorar', 'Notificações', 'Mensagens', 'Itens salvos', 'Listas', 'Perfil', and 'Mais'. The main content area shows a tweet from the official account of the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). The tweet text reads: 'Famelab divulga os 30 semifinalistas, sendo 4 bolsistas do CNPq. Criado pelo @cheltfestivals e co-produzido pelo @brBritish, o Famelab, no Brasil, conta com o apoio do CNPq, @confapbr, @mctic e @AgenciaFAPESP. Saiba mais: bit.ly/2WAmVqk #DivulgaçãoCientifica #famelab'. Below the text is a video thumbnail with the title 'Fame Lab Talking Science' and the subtitle 'Confira os 30 finalistas!'. The tweet has 4 retweets, 1 comment, and 25 likes. Below the tweet is a reply from Fabio Costa Nogueira (@Fabiocostanogu3) dated May 16, 2020, discussing the use of ozone gas in medicine. On the right side of the interface, there are sections for 'Pessoas relevantes' (listing CNPq, Cheltenham Festivals, and British Council Brazil) and 'O que está acontecendo' (listing election news and top songs).

Fonte: CNPq (2020)<sup>109</sup>

O sétimo e último critério de seleção foi o tipo de enunciador digital, nomeado de “Ed”. Para a pesquisa desta tese, consideramos perfis de usuários diferentes, independentemente de serem de conta pessoal ou institucional. Como visualizamos na Figura 30, no sexto critério, a primeira conta dos dados gerados é institucional, a saber, do *CNPq*.

Explicitados os critérios para seleção dos dados necessários à consecução de nossa investigação, no Quadro 5, a seguir, enumeramos os tuítes gerados. Além disso, indicamos o usuário, bem como a data de publicação de cada tuíte.

<sup>109</sup> Disponível em: [https://twitter.com/CNPq\\_Oficial/status/1261338093266833409](https://twitter.com/CNPq_Oficial/status/1261338093266833409). Acesso em: 17 nov. 2020.

Quadro 5 – Tuítes que constituem o conjunto de dados

N. Tuíte	Nome de usuário <sup>110</sup>	Data
1	CEnvenenada	20 de maio de 2020
2	Jadescris	20 de maio de 2020
3	Semanadafísica	21 de maio de 2020
4	Lourivaldcampos	22 de maio de 2020
5	Clickciencia	27 de maio de 2020

Fonte: Elaborado pelo autor.

Explicitados os critérios de seleção dos dados para esta pesquisa, detalhamos as etapas de análise no subcapítulo 3.2, a seguir.

### 3.2 Os procedimentos de análise

A tese segue uma abordagem qualitativa, conforme mencionado anteriormente, investigando cinco tuítes. A fim de implementar a análise, dividimos o estudo em seis etapas. Para os fins desta pesquisa, apresentamos cada uma delas, com uma brevíssima descrição.

A primeira etapa prevista dedica-se à descrição dos tuítes que constituem os dados gerados, a partir do ecossistema *Twitter* em que estão inseridos. Na segunda etapa, observamos a incidência de elemento clicável a partir da deslinearização enunciativa (PAVEAU, 2016), bem como para qual enunciador digital esse(s) elemento(s) remete(m) o escritor.

Na terceira etapa, buscamos identificar as estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa, levando em conta as categorias de tecnodiscurso relatado desenvolvidas por Paveau (2014; 2021). Na quarta etapa, aplicamos os postulados de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019) no que se refere ao *discurso relatado compartilhado na Web*, conforme denominado pelos autores. Salientamos que, ao desenvolverem sua teoria, os linguistas supracitados propuseram critérios para analisar esse fenômeno em ambiente digital: (i) tipo de discordância; (ii) discurso citado, reformulado, reproduzido; (iii) formas de integração

<sup>110</sup> Como informado pelo próprio *Twitter* (2020), o nome de usuário aparece na *URL* do perfil de cada usuário. Ele é exclusivo e usado para acesso, resposta e mensagem direta.

do discurso relatado na *Web*; (iv) modo de compartilhamento e divulgação; e (v) situação no fio dialógico. Tais critérios foram descritos na subseção 2.5 desta tese (vide p. 73). Por essa razão, na etapa analítica destinada aos estudos de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019), analisaremos os tuítes seguindo essas etapas, na ordem apresentada pelos autores.

Na quinta etapa, relacionamos os resultados obtidos, examinando como os tipos de tecnodiscurso relatado encontrados diferem daqueles do ambiente *off-line*, propondo, caso necessário, subcategorias próprias ao tecnodiscurso relatado para o ecossistema *Twitter*, como nos ensina Paveau (2014; 2021). Além disso, buscamos mostrar de que forma os estudos de Grossmann e Rosier estabelecem ou não relação com o que postula e defende Paveau.

Por fim, na sexta etapa, mostramos como se materializa o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa e, no seu interior, as duas situações de enunciação (e seus respectivos enunciadores digitais) em jogo no ecossistema *Twitter* e sua implicação para a divulgação científica. Esta última etapa exige que tenhamos analisado o conjunto de tuítes selecionados, para que examinemos a implicação da heterogeneidade tecnodiscursiva para a divulgação científica.

Para facilitar a visualização da tarefa de análise, apresentamos o Quadro 6, a seguir.

Quadro 6 – Etapas de investigação da pesquisa

Etapa	Descrição
1	Descrição dos tuítes dos dados gerados, a partir do ecossistema em que estão inseridos, o <i>Twitter</i> ;
2	Observância da incidência de elemento clicável a partir da deslinearização enunciativa (PAVEAU, 2016; 2021), bem como para qual enunciador digital esse(s) elemento(s) remete(m) o escritor;
3	Identificação das estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa, levando em conta as categorias de tecnodiscurso relatado desenvolvidas por Paveau (2014; 2021);
4	Aplicação dos postulados de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019) acerca do <i>discurso relatado</i>

	<i>compartilhado na Web</i> , conforme os critérios estabelecidos pelos linguistas;
5	Relação dos resultados obtidos, examinando como os tipos de tecnodiscurso relatado encontrados diferem daqueles do ambiente <i>off-line</i> , propondo, se necessário, subcategorias próprias ao tecnodiscurso relatado para o ecossistema <i>Twitter</i> , (PAVEAU, 2016; 2021); além disso, identificação da relação que se estabelece – ou não – entre estudos de Grossmann e Rosier e o que postula Paveau;
6	Materialização do fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa e, no seu interior, as diferentes duas situações de enunciação (e seus respectivos enunciadores digitais) em jogo no ecossistema <i>Twitter</i> e sua implicação para a divulgação científica.

Fonte: Elaborado pelo autor da tese.

Findada a exposição dos procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa, passamos a discorrer, no próximo capítulo, sobre a análise dos cinco tuítes que compõem os dados gerados, examinando a incidência da heterogeneidade tecnoenunciativa no ecossistema *Twitter*.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS GERADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos cinco tuítes que compõem o conjunto de dados gerados para nossa investigação. Com vistas a explicar o desenvolvimento da análise e a compreensão dos dados gerados, procuramos dar conta das seguintes etapas, como já explicitado na seção de Metodologia: (i) descrição do tuíte; (ii) observância da deslinearização enunciativa; (iii) identificação das estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa; (iv) aplicação dos postulados de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019) acerca do *discurso relatado compartilhado na Web*; (v) relação dos resultados obtidos, examinando como os tipos de tecnodiscurso relatado encontrados diferem daqueles do ambiente *off-line*, propondo, se necessário, categoria(s) própria(s) do tecnodiscurso relatado para o ecossistema *Twitter*, à luz de Paveau (2016; 2021) e procedendo à identificação da forma como os estudos de Grossmann e Rosier (2018) estabelecem (ou não) relação com o que postula e defende Paveau; e, por fim, (vi) identificação de estratégias de materialização do fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa por meio da observação, no seu interior, tanto das diferentes situações de enunciação – e seus respectivos enunciadores digitais – em jogo no ecossistema *Twitter*, quanto da implicação destes para a divulgação científica.

Enfatizamos, nesta introdução à análise dos dados, a ideia de que são estes que, apresentando-se à observação do analista, convocam as epistemes que podem fazer parte do percurso analítico. De modo algum, as teorias se sobrepõem àquilo que os dados demandam e exigem de quem tem a tarefa de desenvolver o estudo e a investigação como a que se apresenta nesta tese.

Feita essa observação e retomadas as etapas de análise, passamos à descrição destas.

### 4.1 Análise do tuíte 1 – usuário CEnvenenada

Neste momento inicial de análise do tuíte 1, apresentamos as informações do locutor contidas em sua biografia no *Twitter*. Este tuíte trata de uma conta pessoal administrada pelo enunciador citado, @O\_weverton<sup>111</sup>, o qual se descreve como

---

<sup>111</sup> Disponível em: [https://twitter.com/o\\_weverton](https://twitter.com/o_weverton). Acesso em: 5 jun. 2023.

“doutorando em Ecologia e Conservação e roteirista de ciência no @meteoro\_br”. Além disso, há uma frase em sua bio: “somos todos feitos de vacilo de estrela”, seguido do *hiperlink* que remete à sua conta no site do *LinkedIn*. Tais informações podem ser vistas na Figura 31, a seguir.

Figura 31– Biografia do locutor @O\_weverton



Fonte: É Weverton com W (2023).

Dando seguimento, descrevemos as etapas de análise do tuíte 1 fundamentada nos dados gerados.

#### 4.1.1 Primeira etapa: descrição do tuíte 1

Nesta primeira etapa, descrevemos o tuíte n.01 no ecossistema em que ele foi produzido. A postagem foi realizada no dia 20 de maio de 2020, às 20h, pelo usuário @CEnvenenada, alcunha dada também ao nome de sua conta.

A Figura 32 exhibe o tuíte no ecossistema em que se insere.

Figura 32 – Tuíte n. 1



Fonte: CEnvenenada (2020).

Conforme verificamos na Figura 32, o tuíte apresenta o projeto de doutorado em Ecologia e Conservação pela Universidade Federal do Paraná do biólogo Weverton Carlos Ferreira Trindade<sup>112</sup> (@O\_weverton). A *hashtag* #BioThreadBR é um movimento criado por ele no ecossistema *Twitter*, com o intuito de fazer divulgação científica na sua área do conhecimento.

No tuíte, aparecem a foto do usuário, o nome de sua conta e seu *username*, bem como o horário de postagem. Logo abaixo, há um breve texto verbal, iniciado pela *hashtag* #BioThreadBR. Em seguida, há outras quatro *hashtags*: #divulgacaocientifica, #biologia, #ciência e #ClimateChanges.

Além disso, no tuíte há a marcação de um outro usuário do *Twitter*, com o *username* @o\_weverton. Trata-se da conta pessoal de @CEnvenenada. Por fim, visualizamos uma imagem de uma paisagem desértica, em que aparecem um carro em condições precárias e duas pessoas próximas a ele, cena do filme *Mad Max*.

<sup>112</sup> Informações disponíveis em: <https://linktr.ee/wevertonbio>. Acesso em 19 out. 2022.

#### 4.1.2 Segunda etapa: deslinearização enunciativa

Na segunda etapa de análise, constatamos a incidência de um elemento clicável responsável por uma deslinearização enunciativa (PAVEAU, 2016; 2021), indicada por um enunciador digital. O *hiperlink* (mais precisamente, sua clicabilidade) remete o escritor a um discurso outro.

Na deslinearização enunciativa, o Ed1, enunciador digital do tuíte, chamado de locutor, denomina-se *CEnvenenada*. As iniciais CE referem-se à “comida envenenada”. Como informa em sua biografia, o usuário tuíta “diariamente uma notícia nova sobre uso de agrotóxicos e agricultura”<sup>113</sup>, fazendo divulgação científica nesse âmbito. Além de uma conta no *Twitter* para divulgar notícias e informações na esfera da Biologia, CEnvenenada alimenta tanto sua página no *Facebook*<sup>114</sup>, quanto no *Instagram*<sup>115</sup>.

Por sua vez, o Ed2, enunciador digital citado por meio do *hiperlink* disponível no tuíte, denomina-se @O\_weverton, do referido doutorando e biólogo Weverton Carlos Ferreira Trindade. Na Figura 33, a seguir, apresentamos uma captura de tela, cujo conteúdo permite visualizar essa enunciação segunda.

---

<sup>113</sup> Disponível em: <https://twitter.com/CEnvenenada>. Acesso em: 30 maio 2020.

<sup>114</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/comidaenvenenada/>. Acesso em: 30 maio 2020.

<sup>115</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/comidaenvenenada/>. Acesso em: 30 maio 2020.

Figura 33 – Enunciador digital 2 do tuíte n.1 (Ed2-1)

É Weverton com W  
@o\_weverton

O que eu posso descobrir no meu Doutorado que nem mesmo o Raul Seixas sabia? Você está preparado para descobrir como seria parte do Brasil em um cenário semelhante ao do Mad Max? Então vem comigo nessa #BioThreadBR sobre MEU PROJETO DE DOUTORADO.

10:14 PM · 11 de set de 2019 · Twitter Web App

355 Retweets · 69 Tweets com comentário · 750 Curtidas

Responder

Eduardo Gluck  
@GluckEduardo

Buscar no Twitter

**Pessoas relevantes**

É Weverton com W  
@o\_weverton **Seguir**

Doutorando em Ecologia e Conservação 🌿 Roteirista de ciência no @meteoro\_br 📺 Somos todos feitos de vacilo de estrela 🌠  
[linktr.ee/wevertonbio](http://linktr.ee/wevertonbio)

**Assuntos para você**

Assunto do Momento em Portugal  
**IBAN**  
27,2 mil Tweets

Assunto do Momento em Portugal  
**"Semguito"**

Política · Assunto do Momento  
**Ciro**  
59 mil Tweets

Assunto do Momento em Portugal  
**Mafalda**  
8.061 Tweets

Assunto do Momento em Portugal  
**Igor**  
148 mil Tweets

Assunto do Momento em Portugal  
**Fnac**  
2.571 Tweets

Fonte: É Weverton com W (2020).

Em relação ao enunciador digital 2, Weverton Carlos Ferreira Trindade, sabemos que ele possui Mestrado em Biologia Evolutiva, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2019); graduação em Biologia, pela Universidade de Coimbra (2014), e Graduação em Ciências Biológicas, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2014). Atualmente, realiza seu doutorado em Ecologia e Conservação, pela UFPR. Possui conhecimento e prática em técnicas de Modelagem de Nicho Ecológico e de Geoprocessamento aplicado ao estudo da biodiversidade. Também é autor de trabalhos de divulgação científica, escrevendo roteiros de vídeos para o Meteoro Brasil no *YouTube*. Tais informações estão disponíveis em seu Currículo Lattes<sup>116</sup>.

Por intermédio do *hiperlink*, o tuíte do biólogo, publicado no dia 11 de setembro de 2019, às 10h14min, foi inserido no fio enunciativo do discurso fonte. Além disso, ao clicar no texto fonte, o leitor-usuário, transformando-se em um escreiteiro, deixa o fio enunciativo de Ed1 e entra no fio de Ed2. No caso específico deste tuíte, o escreiteiro permanece no mesmo ecossistema, o *Twitter*, tendo em vista que ambos os discursos (tuítes) foram produzidos nessa plataforma. O

<sup>116</sup> Disponíveis em:

[http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=9E52ECA92784C635A5DAF6C42234DA87.buscatextual\\_66](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?jsessionid=9E52ECA92784C635A5DAF6C42234DA87.buscatextual_66). Acesso em: 30 maio 2020.

escreitor deixa o tuíte de @CEnvenenada e acessa o tuíte de @O\_weverton, fazendo um clique.

Em vista disso, essa deslinearização desencadeia o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa, quando conecta duas situações de enunciação (e seus respectivos enunciadores digitais) em um mesmo fio enunciativo (nesse caso, o tuíte). Assim, ratificamos o que Paveau (2021) chama de embutimento de dados, pois, quando um conteúdo é compartilhado, carrega outros elementos consigo, outros dados. Isso significa dizer que, além do texto, há também *hiperlinks*, imagens, comentários, metadados etc. A heterogeneidade, portanto, é tecnoenunciativa, porque se trata de uma produção *on-line*, cuja forma é compósita (contribuem o humano e a máquina).

#### 4.1.3 Terceira etapa: estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa

Na terceira etapa de análise, propomo-nos identificar as estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa realizadas pelo Ed1. Para isso, focamos nos tipos de tecnodiscurso relatado (PAVEAU, 2014; 2021).

No que concerne à tipologia de tecnodiscurso relatado, conforme detalhada por Paveau (2014; 2021), este tuíte pode caracterizar-se como um **tecnodiscurso relatado integral (TRDI)**. De acordo com Paveau (2021, p. 319), “trata-se de um compartilhamento com ou sem ampliação por um comentário [...]. O tecnodiscurso relatado é compartilhado-relatado integralmente, com o conjunto de metadados”. No caso do tuíte em análise, há um breve comentário constituído por um texto verbal e, logo abaixo, o compartilhamento integral do discurso outro.

Vejamos novamente essa ocorrência, na Figura 34, a seguir:

Figura 34 – Tecnodiscurso relatado integral - Tuíte n. 1



Fonte: CEnvenenada (2020).

Como mostramos na Figura 34, averiguamos o compartilhamento integral de um outro tuíte, publicado pelo enunciador segundo (@O\_weverton). Em outras palavras, o locutor @CEnvenenada, na condição de Ed1, traz o tuíte integral realizado por @O\_weverton, enquanto Ed2. Com o gesto de clicar, o escreiteiro é levado ao discurso segundo.

Além disso, no final do texto verbal, Ed1 também marca tecnodiscursivamente Ed2, a partir da menção de sua conta no ecossistema *Twitter*. Tendo em vista que ambos os discursos estão disponíveis no mesmo ecossistema, é possível marcar o enunciador citado no texto-fonte. Nesse caso, @CEnvenenada marcou @O\_weverton.

Esse traço tecnolinguístico é mais um atributo do ecossistema, pois é endêmico ao discurso digital, este em que o locutor tem a possibilidade tecnolinguageira de trazer ao seu discurso aquele que cita quando realiza o gesto de clicar. Isto é, no momento em que o escreiteiro clica no Ed2, ele é remetido à respectiva conta no *Twitter*.

#### 4.1.4 Quarta etapa: exposição dos critérios do discurso relatado compartilhado na Web

Na quarta etapa de análise, aplicamos os postulados de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019), à luz do que entende por *discurso relatado compartilhado na Web*. Para isso, agora, analisamos os tuítes percorrendo os critérios estabelecidos pelos linguistas para abordar esse fenômeno em ambiente digital. São eles: (i) tipo de discordância; (ii) discurso citado, reformulado, reproduzido; (iii) formas de integração do discurso relatado na *Web*; (iv) modo de compartilhamento e divulgação; e (v) situação no fio dialógico.

A seguir, vejamos novamente um trecho do tuíte, para explorarmos analiticamente tais critérios.

Figura 35 –Trecho do tuíte n.1



Fonte: CEnvenenada (2020).

Como enfatizam Grossmann e Rosier (2018), as categorias se sobrepõem e podem ser analisadas concomitantemente. Os autores salientam que tal categorização, ou tais critérios, objetivam ultrapassar a redutividade a uma

tipologização e concorrem para a maior especificidade da análise dos discursos em foco.

Assim, observando o conteúdo da Figura 35, é possível vermos que há, segundo ensinam Grossmann e Rosier (2018) em estudos sobre o discurso relatado compartilhado na *Web*, o critério analítico da *discordância*, uma vez que o perfil @CEnvenenada carrega, no tuíte, o discurso de outrem, acionado com um elemento de clicabilidade, o *hiperlink*: o tuíte do biólogo @O\_weverton. Lembramos que o critério *discordância* se caracteriza pela possibilidade de o discurso outro poder ser apresentado verbalmente, ou não, indicado, ou não, por marcas semiográficas ou multimodais (GROSSMANN, 2019). Nesse caso, a *discordância* se expressa verbalmente no texto, a partir da marca da hiperligação.

Além disso, é possível identificar o critério *discurso citado, reformulado, reproduzido*, proposto pelos linguistas em foco, já que percebemos que o tuíte cita o outro na medida em que insere um elemento de deslinearização no discurso citante: o *hiperlink*. Desse modo, recordamos que esse critério é caracterizado pela possibilidade de o enunciador primeiro poder citar diretamente o outro, reformular o que o outro disse, bem como reproduzir o discurso outro em uma unidade textual completa ou por um extrato, com ou sem metadados do texto fonte (GROSSMANN, 2019).

Neste tuíte, isso se evidencia nos metadados do enunciador citado, Ed2, @O\_weverton. Em outros termos, conseguimos visualizar as informações do tuíte publicado por Ed2, a saber: (a) nome da conta: Biólogo de Tuíte; (b) nome do *username*: @O\_weverton; (c) data de publicação do tuíte: 11 de setembro de 2019; (d) texto verbal: “O que eu posso descobrir no meu Doutorado [...]”; e (e) a imagem utilizada por Ed2: cena do filme *Mad Max*. Em suma, no escopo da divulgação científica, conferimos o compartilhamento integral de um outro tuíte, publicado pelo enunciador segundo em questão: o Ed1 cita diretamente Ed2 via hiperligação, com a reprodução verbal completa de @O\_weverton e seus metadados.

Sob a égide desse *hiperlink*, também é possível uma análise considerando o critério *formas de integração do discurso relatado na Web*, pois a inserção de uma *URL* remetendo ao artigo citado indica a marcação de outrem no discurso fonte (GROSSMANN, 2019). Para Grossmann (2019), o fato de o locutor trazer o outro por meio de *hiperlink* constitui um traço de indexação. Por conta disso, para o linguista, o *link* assume um valor evidencial, uma vez que, como o próprio nome sugere, ele

identifica e salienta o discurso outro estreitamente relacionado, quanto à temática, ao discurso fonte, que pode ser acessado a partir do clique. Explicando, de acordo com o que visualizamos nesse tuíte, é possível divulgar a ciência com a inserção de um *hiperlink*, que, nesse caso, remete o escritor à mesma plataforma, ao tuíte de @O\_weverton, na condição de Ed2.

Por sua vez, analisando o tuíte em questão de acordo com o quarto critério, intitulado *modo de compartilhamento e divulgação* – ou seja, a posição daquele que fala, a partir do termo *prise en charge* - tradução livre de *assumir para si* –, Grossmann (2019) nos remete, nesta análise, para um discurso *compartilhado reproduzido*. Ou seja, o linguista explica que, no compartilhamento integral do discurso outro, inferimos o ponto de vista do locutor. Este, ao compartilhar um discurso de outrem em sua totalidade, está, de certa forma, transmitindo um enunciado ao qual subscreve (GROSSMANN, 2019). No tuíte em análise, inferimos que o locutor @CEnvenenada considera a pesquisa de doutorado de @O\_weverton relevante e, por isso, deve ser compartilhada, divulgada.

Por fim, o quinto critério de análise, *situação no fio dialógico*, tem a finalidade de averiguar se o tecnodiscurso relatado na *Web* é um discurso novo ou se é reativo, como no caso de um retuíte ou das *threads*. No caso deste, trata-se de um *discurso reativo*, por ser um retuíte, ou seja, um compartilhamento feito pelo locutor. Isso significa que @CEnvenenada compartilha integralmente o tuíte de @O\_weverton, configurando, nessa plataforma em análise, um retuíte.

## 4.2 Análise do tuíte 2 – usuário Jadescriis

Na etapa inicial, expomos as informações do locutor contidas em sua biografia no *Twitter*. Trata-se de uma conta pessoal em que a usuária @jadescriis assume-se, em sua biografia nesse ecossistema, como “Bióloga doida que só sabe falar de *Disney*, Taylor Swift e Harry Styles. Um Brinde aos loucos que sabem viver”<sup>117</sup>. Com a Figura 36, exemplificamos tais informações.

---

<sup>117</sup> Em 2020, quando foi feita a geração de dados, havia outras informações dadas pela locutora: “divulgadora científica no *Twitter*”. Inclusive, o nome da conta era “Tô no clipe da dona cis”, em vez de “Jade foi muriquizada”. Disponível em: <https://twitter.com/jadescriis>. Acesso em: 30 maio 2020.

Figura 36 – Biografia da locutora @Jadescris

Twitter navigation menu:

- Página Inicial
- Explorar
- Notificações
- Mensagens
- Itens salvos
- Twitter Blue
- Perfil
- Mais

**Tweetar**

**Eduardo Glück**  
@GluckEduardo

**Jade foi muriquizada**  
@Jadescris

8.444 Tweets

MEU DEUS DO CEU QUE GALERACHATADO CARALHO

Bióloga doida que só sabe falar de Disney, Taylor Swift e Harry Styles | Um brinde aos loucos que sabem viver 🍷

por aí [instagram.com/jade\\_cristines](https://www.instagram.com/jade_cristines) Ingressou em dezembro de 2012

1.249 Seguindo 329 Seguidores

Não é seguido por ninguém que você segue

Tweets Respostas Mídia Curtidas

Fonte: Jade foi muriquizada (2023).

Dando continuidade, descrevemos as etapas de análise do tuíte 2 dos dados gerados e, após, o resultado dessa análise.

#### 4.2.1 Primeira etapa: descrição do tuíte 2

Investigando o tuíte n.02 no ecossistema em que ele foi produzido, anotamos a primeira etapa, descritiva. A postagem foi feita no dia 20 de maio de 2020, às 19h, pela usuária *TO NO CLIPE DA DONA CIS*, cujo nome como tal é *@Jadescris*.

A Figura 37, a seguir, ilustra o tuíte no ecossistema em que é divulgado.

Figura 37 – Tuíte n. 2



Fonte: TO NO CLIQUE DA DONA CIS (2020).

Conforme percebemos na Figura 37, na primeira parte do tuíte, sobressai o ícone de perfil na parte superior da foto do locutor (com uma *selfie* da usuária), bem como seu nome da conta *TO NO CLIQUE DA DONA CIS*. Logo abaixo, há um breve texto verbal, seguido de um *hiperlink*. Este é usado em forma reduzida. No final texto verbal, a usuária declara: “*Quem puder dar um RT, eu ficaria [...] :)*”, na primeira pessoa do singular, com a inserção de um *emoji*.

Na linha seguinte, deparamo-nos com uma marca de clicabilidade, ou seja, um *hiperlink*, que remete o usuário à conta do *Instagram* da locutora (@Jadescris), espaço em que realiza postagens de cunho de divulgação científica no escopo da Engenharia Florestal. Esse *hiperlink* mostra-se em sua forma reduzida e marcado pela cor azul, típica deste discurso on-line. Após o elemento clicável, constam três *hashtags*: #TrupeNaturalista, #EducaçãoAmbiental e #DivulgaçãoCientífica. Por fim, há a inclusão de uma imagem, ilustrando a conta do *Instagram* da locutora, com

fotos de ambientes naturais, bem como com o logotipo do projeto do qual ela faz parte.

#### 4.2.2 Segunda etapa: deslinearização enunciativa

Na segunda etapa de análise, percebemos claramente a incidência do elemento clicável contido no tuíte. Este é responsável por uma deslinearização enunciativa (PAVEAU, 2016; 2021), sinalizada pela enunciadora digital responsável pela postagem.

Desse modo, na deslinearização enunciativa, o Ed1, enunciador digital do tuíte, locutor, denomina-se @Jadescris. Trata-se de um projeto de divulgação científica intitulado Beija-FAL, no escopo da área da Engenharia Florestal, feito pela engenheira florestal Jades Cris.

A locutora finaliza o tuíte, convidando o escreiteiro para retuitá-lo, para que o projeto possa atingir um número maior de pessoas. O projeto Beija-FAL é um projeto de extensão do Departamento de Engenharia Florestal da UnB, que divulga conhecimento sobre ecoturismo científico e educação ambiental. Além de uma conta no *Twitter*, a usuária também circula em outros ecossistemas, como o Instagram<sup>118</sup> – divulgado neste tuíte – e o Linkthree<sup>119</sup>.

Por seu turno, o Ed2, usuário digital segundo, citado mediante o *hiperlink* do tuíte, denomina-se BeijaFAL<sup>120</sup>. Na Figura 38, apresentamos a captura de tela, na qual podemos visualizar essa forma de enunciação.

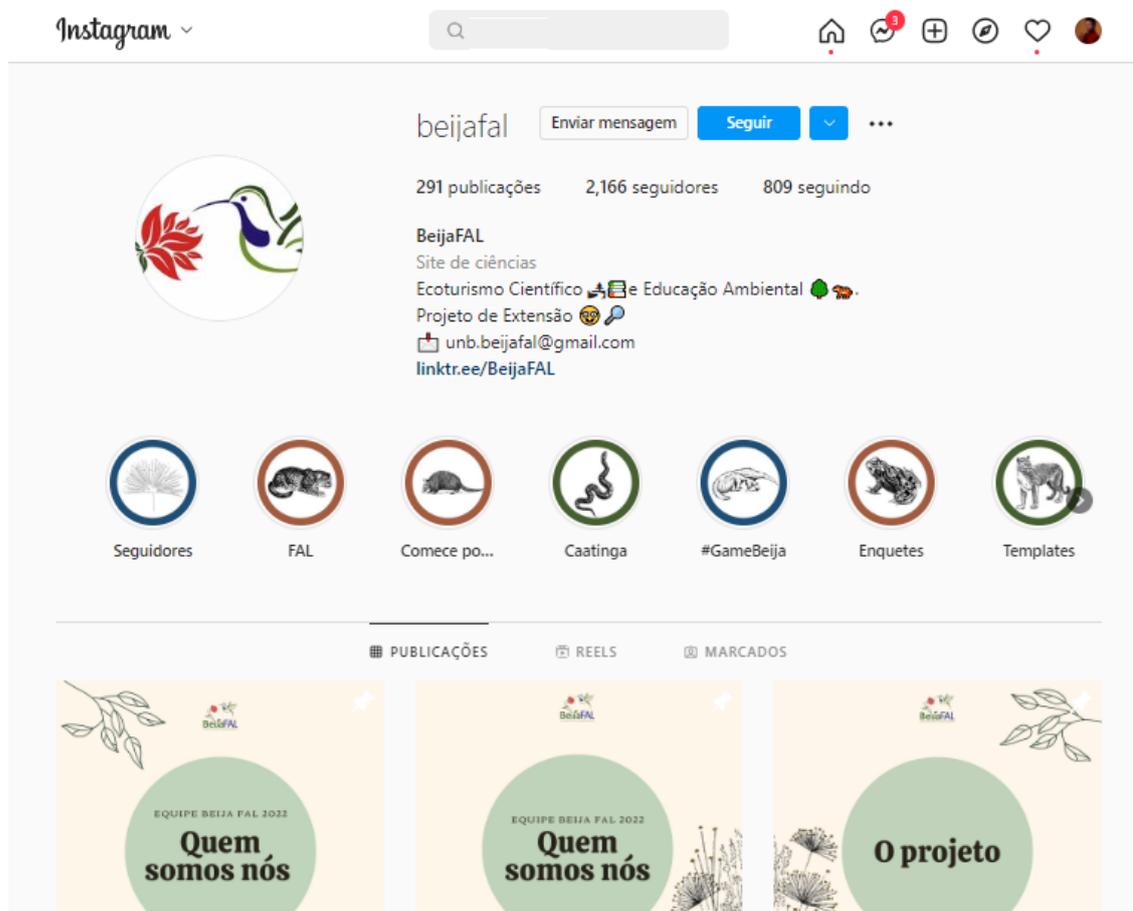
---

<sup>118</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/beijafal/?hl=pt-br>. Acesso em: 20 jun. 2020.

<sup>119</sup> Disponível em: <https://linktree.com.br/new/BeijaFAL>. Acesso em: 20 jun. 2020.

<sup>120</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/beijafal/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

Figura 38 – Enunciador digital 2 do tuíte n.2 (Ed2-2)



Fonte: BeijaFAL (2020).

Conforme informa em sua conta no *Instagram*, BeijaFAL é formado por estudantes e um professor do curso de Engenharia Florestal da UnB. Desde 2001, o projeto atua prioritariamente no campo da Educação Ambiental por meio do turismo educacional em áreas nativas. Para a concretização das tarefas propostas, esse projeto utiliza, de uma forma científica e sustentável, os recursos naturais. Igualmente, incentiva a conservação desses recursos e promove a formação de uma consciência ambiental por intermédio da compreensão e interpretação científica das fitofisionomias do Cerrado.

Neste tuíte, com o uso do *hiperlink*, a página inicial da conta do projeto BeijaFAL no ecossistema *Instagram* é inserida no fio enunciativo do discurso fonte. Ademais, ao clicar nesse elemento de deslinearização no texto fonte, o escritor deixa o fio enunciativo de Ed1 e entra no fio de Ed2. Nesse caso, ele deixaria o ecossistema *Twitter* e entraria em outro: o ecossistema *Instagram*. Constata-se o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa, como caracteriza Paveau (2021).

Isso configura a coexistência de diferentes situações de enunciação e os respectivos enunciadores digitais que têm a possibilidade de concretizar o clique.

#### 4.2.3 Terceira etapa: estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa

Chegando à terceira etapa de análise, examinamos as estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa empregadas pelo Ed1. Para isso, focamos nos tipos de tecnodiscurso relatado (PAVEAU, 2014; 2021).

No que concerne à tipologia de tecnodiscurso relatado, em consonância com Paveau (2014; 2021), este tuíte caracteriza-se como um **tecnodiscurso relatado resumidor (TRRes)**. Para a autora dos estudos de análise do discurso digital (2021), esse tipo de tecnodiscurso pode vir com ou sem ampliação discursiva de um comentário, a saber, de um texto verbal produzido no momento do compartilhamento.

O tuíte em análise é classificado como um tecnodiscurso relatado resumidor, pelo fato de haver ali inserida uma *URL* – e não a reprodução integral do texto de destino. Além do mais, o *hiperlink* que traz o outro para o enunciado apresenta-se em sua forma reduzida. Na Figura 39, mostramos o trecho em que a forma reduzida ocorre, no final do *hiperlink* em destaque, conforme sinalizamos no tuíte.

Figura 39 – Caso de tecnodiscurso relatado resumidor no tuíte n.2



Fonte: TO NO CLIQUE DA DONA CIS (2020).

Como mostramos na Figura 39, no final do *hiperlink*, comprovamos a presença do sinal de pontuação “reticências”, informando que há continuação do *link*, reduzido em razão do espaço de caracteres disponibilizado pelo ecossistema (*hiperlink* reduzido). Nele, como notamos claramente, o tecnodiscurso relatado apresenta-se com a ampliação tecnodiscursiva de um comentário do locutor na condição de Ed1.

#### 4.2.4 Quarta etapa: exposição dos critérios do discurso relatado compartilhado na Web

Nesta quarta etapa de análise, expomos, como base da observação, os critérios do discurso relatado compartilhado na *Web* (GROSSMANN; ROSER, 2018; GROSSMANN, 2019). Para isso, analisamos agora os tuítes focalizando os critérios estabelecidos pelos linguistas mencionados, a fim de comprovar esse fenômeno em ambiente digital.

A seguir, atentemos novamente para um trecho do tuíte n. 2.

Figura 40 – Trecho do tuíte n.2



Fonte: TO NO CLIQUE DA DONA CIS (2020).

Conforme evidencia a Figura 40, no que concerne ao primeiro critério postulado Grossmann (2019), *discordância*, o perfil @Jadescris traz, no seu tuíte, um discurso outro, por meio da inclusão de um *hiperlink*: perfil do projeto de divulgação científica BeijaFAL, disponível no ecossistema *Instagram*. Quanto à

observância do segundo critério, *discurso citado, reformulado, reproduzido*, constatamos que o tuíte cita o outro (projeto BeijaFAL) na medida em que insere o elemento de deslinearização no discurso citante.

A opção por considerar o terceiro critério, *formas de integração do discurso relatado na Web*, também leva a estabelecer relação com o *hiperlink*. Isso é demonstrado porque, como vimos anteriormente, consoante Grossmann (2019), a inserção de uma *URL* é uma marcação de discurso outro no discurso citante. Percebemos o traço de indexação, via elemento de clicabilidade, o qual sempre apresenta um valor evidencial. Isso significa que tal elemento confere a garantia da existência do discurso citado. Utilizando a postagem em exame, temos o *hiperlink* do projeto que corrobora com a disseminação da divulgação científica. Em outras palavras, o *hiperlink* possui valor evidencial, pois é visível ao escreitor, visando divulgar o projeto BeijaFAL, o qual é formado por estudantes e um professor do curso de Engenharia Florestal da UnB. Portanto, esse traço de indexação consubstancia um modo de promover a popularização da ciência em uma rede social como o *Twitter*.

À luz do quarto critério, *modo de compartilhamento e divulgação*, que se refere à *prise en charge* do locutor, podemos reconhecer a posição enunciativa daquele que fala. Neste tuíte, é possível comprovarmos a existência de unidades lexicais que relevam a posição de @Jadescris: o adjetivo *maravilhoso* e o advérbio de qualidade *muito*. Por meio dessas escolhas lexicais, revelamos a avaliação explícita da locutora, enfatizando que o discurso outro trazido no tuíte é avaliado como *maravilhoso*, e o compartilhamento do projeto de divulgação científica a deixaria *muito*, mais do que, feliz.

Por fim, quanto à atenção ao quinto critério, *situação no fio dialógico*, verificamos se o discurso relatado na *Web* é um discurso novo ou se é reativo. Nesse contexto de análise, há um tuíte novo, feito pela locutora @Jadescris, trazendo o projeto Beija-FAL na condição de Ed2.

### **4.3 Análise do tuíte 3 – usuário SEFIS – UNICAMP**

Esta etapa analítica ajuda a demonstrar as informações do locutor contidas em sua biografia no *Twitter*. Assim, constatamos tratar-se de uma conta institucional, uma vez que a Semana da Física da Universidade Estadual de Campinas (SEFIS

Unicamp) é um evento científico anual que promove palestras, minicursos, rodas de conversa e visitas”, conforme informado na respectiva biografia, como veremos na Figura 41<sup>121</sup>.

Figura 41 – Biografia do locutor @semanadafisica



Fonte: SEFIS UNICAMP (2023).

Visualizada a biografia do locutor, a seguir, focalizamos e descrevemos as etapas do tuíte 3 dos dados gerados.

#### 4.3.1 Primeira etapa: descrição do tuíte 3

Descrevemos o tuíte n.3 a partir da plataforma em que ele foi produzido: foi postado no dia 21 de maio de 2020, às 12h14min, por *SEFIS – UNICAMP*, cujo nome de usuário é *@semanadafisica*.

De acordo com esse propósito, vejamos este tuíte na Figura 42.

<sup>121</sup> Disponível em: <https://twitter.com/semanadafisica>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Figura 42 – Tuíte n.3



Fonte: SEFIS UNICAMP (2020).

Como observamos na Figura 42, na primeira parte do tuíte, visualizamos o ícone de perfil na parte superior da foto do locutor @semanadafisica (com destaque em amarelo), bem como o nome da conta (SEFIS – Unicamp).

Logo abaixo dessa primeira parte, há um breve texto verbal, seguido de um *emoji*. No texto verbal, o advérbio *muito* aparece em caixa alta, para chamar a atenção do escritor ou mesmo destacar o quão interessante é o trabalho que está sendo divulgado na postagem.

Na linha seguinte, deparamo-nos com uma marca de deslinearização, um *hiperlink*, que remete o usuário ao site da Agência FAPESP. Esse elemento clicável está em sua forma reduzida e marcado pela cor azul, típica deste discurso on-line. Por fim, abaixo do *hiperlink*, aparecem quatro *hashtags*: #DivulgaçãoCientífica, #Física, #Unicamp e #IFGW.

#### 4.3.2 Segunda etapa: deslinearização enunciativa

Na etapa analítica que focaliza a deslinearização enunciativa (etapa 2), constatamos a incidência de um elemento clicável responsável por essa deslinearização (PAVEAU, 2016; 2021), indicada por um enunciador digital. O

*hiperlink* (com sua clicabilidade) é o responsável por remeter o escritor a um discurso outro.

Na deslinearização enunciativa, o Ed1, enunciador digital do tuíte, chamado de locutor, denomina-se SEFIS Unicamp. Como informado no site da SEFIS Unicamp – Semana da Física e da Engenharia Física –, trata-se de um evento científico anual de palestras, minicursos, rodas de conversa e visitas, que busca divulgar, para toda a comunidade universitária, a Física e suas subáreas<sup>122</sup>. Além de uma conta no *Twitter* para informar seu público-alvo sobre os eventos promovidos, a SEFIS Unicamp tem também uma página no *Facebook*<sup>123</sup>, bem como um *website*<sup>124</sup>. Em suma, trata-se de uma forma de divulgação científica das descobertas efetivadas nas diferentes áreas da Física.

Por sua vez, o Ed2, o enunciador digital citado por meio do *hiperlink* disponível no tuíte, denomina-se José Tadeu Arantes. Constatamos ser uma notícia de divulgação científica postada na plataforma da Agência FAPESP. Isto é, quando clicar, o escritor será remetido ao site da FAPESP, e encontrará uma notícia assinada por José Tadeu Arantes, na condição de Ed2.

Na Figura 43, apresentamos uma captura de tela, que concretiza visualmente essa enunciação segunda.

---

<sup>122</sup> Disponível em: <https://www.eventyas.com/XX/Unknown/428563460538042/SEFIS-Unicamp>. Acesso em: 25 nov. 2020.

<sup>123</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/SemanaDaFisicaUnicamp>. Acesso em: 25 nov. 2020.

<sup>124</sup> Disponível em: <https://sefisunicamp.wixsite.com/sefisunicamp>. Acesso em: 25 nov. 2020.

Figura 43 – Enunciador digital 2 (Ed2-3)



The screenshot shows a news article header with the FAPESP logo and navigation tabs for 'NOTÍCIAS', 'AGENDA', 'VÍDEOS', and 'ASSINE'. The article title is 'Pesquisadores da Unicamp desenvolvem fibra óptica feita de derivado de algas marinhas' with a date of '12 de maio de 2020'. Below the title are social media sharing icons and language options (EN, ES). The main text describes a biocompatible and biodegradable optical fiber developed at Unicamp, intended for medical applications. A photograph labeled 'a' shows a close-up of the fiber's end. A caption below the image states: 'Comestível, biocompatível e biodegradável, o dispositivo pode ter várias aplicações na área médica. Resultados foram descritos na revista Scientific Reports (imagem: fibra óptica microestruturada feita de ágar / Scientific Reports)'. At the bottom, it credits the research as supported by FAPESP and led by professors Eric Fujiwara and Cristiano Cordeiro, in collaboration with Hiromasa Oku.

Fonte: Arantes (2020).

Conforme informa em seu currículo, José Tadeu Arantes formou-se em História pela USP, e, atualmente, trabalha na Agência FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), escrevendo textos no escopo da divulgação científica. Arantes também é autor de livros, e a obra intitulada *Mestres* (2007) é a mais conhecida.

Nesse tuíte, por meio do *hiperlink*, a notícia de divulgação científica, de autoria do pesquisador Arantes, chamada *Pesquisadores da Unicamp desenvolveram fibra óptica feita de derivado de algas marinhas*<sup>125</sup>, publicada na revista FAPESP, em 12 de maio de 2020, foi inserida no fio enunciativo do discurso fonte. Além disso, ao clicar no *hiperlink* do texto fonte, o leitor-usuário, transformando-se em um escreitor, deixa o fio enunciativo de Ed1, no *Twitter*, e entra no fio de Ed2, no site da Agência FAPESP.

Em vista disso, como defendemos anteriormente, essa deslinearização dá origem ao fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa, uma vez que conecta duas situações de enunciação (e seus respectivos enunciadores digitais) em um mesmo fio enunciativo (nesse caso, o tuíte).

<sup>125</sup> Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/pesquisadores-da-unicamp-desenvolvem-fibra-optica-feita-de-derivado-de-algas-marinhas/33133/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

### 4.3.3 Terceira etapa: estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa

Na terceira etapa da análise, identificamos as estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa realizadas pelo Ed1. Para isso, focamos nos tipos de tecnodiscurso relatado (PAVEAU, 2014; 2021).

No que concerne à tipologia de tecnodiscurso relatado, conforme desenvolvida por Paveau (2014; 2021), o tuíte em análise caracteriza-se como **tecnodiscurso relatado resumidor** (TRRes). Esse tipo de discurso pode vir com ou sem ampliação discursiva de um comentário, por exemplo.

Dito isso, no tuíte em análise, verificamos a presença de um tecnodiscurso relatado resumidor, pelo fato de nele haver uma URL – e não uma reprodução integral do texto de destino. Assim, o *hiperlink* que traz o outro para o enunciado está em sua forma reduzida. Na Figura 44, mostramos o trecho do tuíte em que a forma reduzida ocorre no final do *hiperlink*, com destaque em vermelho.

Figura 44 – Tecnodiscurso relatado resumidor tuíte n.3



Fonte: SEFIS UNICAMP (2020).

Como percebemos no tuíte visualizado na Figura 44, no final do *hiperlink*, podemos observar que há uso de reticências. Estas denotam haver continuação do *link*, mas, em virtude do ecossistema e do limite de caracteres, aquele foi reduzido.

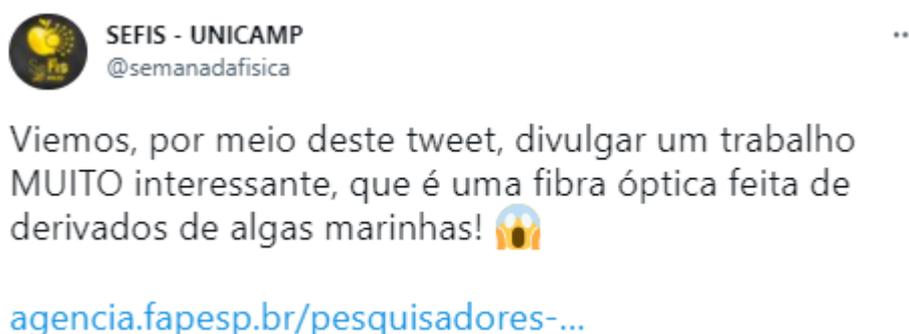
Nesse tuíte, o tecnodiscurso relatado vem com ampliação, isto é, com comentário do Ed1, fato que se confirma com o trecho a seguir: “*Vimos, por meio deste tweet, divulgar um trabalho MUITO interessante, que é uma fibra óptica feita de derivados de algas marinhas!*”

#### 4.3.4 Quarta etapa: exposição dos critérios do discurso relatado compartilhado na Web

Quando investigamos criteriosamente os tuítes selecionados, reconhecemos os postulados de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019) no que concerne ao *discurso relatado compartilhado na Web*. Para efetivar essa ação, nesta quarta etapa, retomamos os tuítes acompanhando os critérios estabelecidos pelos linguistas para analisar esse fenômeno em ambiente digital.

A seguir, vejamos novamente um trecho do tuíte, no intuito de identificarmos tais critérios.

Figura 45 – Trecho do tuíte n.3



Fonte: SEFIS UNICAMP (2020).

Em relação ao critério *discordância* (GROSSMANN, 2019), o perfil @semanadafisica traz, no tuíte (Figura 45), o discurso de outrem, o qual é mobilizado pelo possível clique em um *hiperlink*. Este nos remete a uma notícia de divulgação científica publicada no ecossistema da revista FAPESP. Na categoria *discurso citado, reformulado, reproduzido*, percebemos que o tuíte cita o outro, inserindo esse elemento clicável de deslinearização no discurso citante.

O *hiperlink*, além de provocar essa deslinearização, faz com que reconheçamos o critério *formas de integração do discurso relatado na Web*. Como vimos, consoante Grossmann (2019), a inserção de uma *URL* remetendo à notícia de divulgação científica citada é uma marcação indexada de outrem no discurso fonte.

Por sua vez, o quarto critério, nomeado pelo autor em tela como *modo de compartilhamento e divulgação*, remete à posição daquele que fala (*prise en charge*). No tuíte em questão, notamos uma *prise en charge* do locutor, quando

percebemos o uso do advérbio  *muito*, grafado em caixa alta. Reconhecemos uma opinião explícita do enunciador, a partir da qual o enunciador se posiciona enunciativamente, ao alegar que o trabalho sobre algas marinhas divulgado por ele, no tuíte, é instigante. No final do texto verbal, o *emoji* 🤯 confere *surpresa* a esse modo de compartilhamento e divulgação, caracterizando singularmente a postagem.

No que concerne ao quinto critério de nossa análise, *situação no fio dialógico*, verificamos se o discurso relatado na *Web* é um discurso novo ou se é reativo. Já que se trata de um tuíte novo, feito pelo locutor @semanadafisica, é possível asseverarmos que o enunciador cria um novo conteúdo. Essa postagem da @semanadafisica a seus interlocutores situa-se no universo da divulgação da ciência. Mais especificamente, nesse tuíte, há a divulgação de um estudo feito sobre as algas marinhas, publicado, como vimos, pela Agência FAPESP.

#### 4.4 Análise do tuíte 4 – usuário Lourivaldcampos

Apresentamos, inicialmente, as informações do locutor contidas em sua biografia na plataforma em análise. Constatamos ser uma conta pessoal, como ratifica o usuário, @lourivaldcampos: “pai, professor, pesquisador, crossfiteiro, paraense e outras coisas nas horas vagas<sup>126</sup>.” A Figura 46 ilustra tais informações:

---

<sup>126</sup> Em 2020, quando foi feita a geração de dados, havia outras informações dadas pelo locutor: “biólogo, zoólogo, professor, pai, marido, ateu, gamer, blogger, leitor e divulgador científico”. Além disso, nesse ano, seu nome de usuário era diferente do que está em 2023: @lourivaldcampos, em 2020, e @lourivaldias\_, em 2023. Disponível em: [https://twitter.com/lourivaldias\\_](https://twitter.com/lourivaldias_). Acesso em: 30 maio 2020.

Figura 46 – Biografia do locutor @lourivaldcampos



Fonte: Dias (2023).

Apresentadas as credenciais do locutor, em seguida, realçamos e descrevemos as etapas do estudo deste tuíte 4.

#### 4.4.1 Primeira etapa: descrição do tuíte 4

No primeiro passo de análise do tuíte 4, passamos à descrição deste, considerando os elementos próprios do *Twitter* (Figura 47). Este foi postado no dia 22 de maio de 2020, pelo usuário Lourival Dias, @lourivaldcampos.

Figura 47 – Tuíte n.4



Fonte: lourivaldias@gmail.com (2020)

Como podemos observar na Figura 47, na primeira parte do tuíte, reconhecemos o ícone de perfil na parte superior da foto do locutor (seu rosto, em preto e branco), bem como o nome da conta (lourivaldias@gmail.com). Logo abaixo dessa primeira parte, há um breve texto verbal, em forma de pergunta.

Na linha seguinte, identificamos uma marca de deslinearização, um *hiperlink*, que remete o usuário ao perfil no ecossistema *YouTube*, intitulado *Falando em Ciência*<sup>127</sup>. Conforme explicado pelo usuário, o objetivo do vídeo é explicar por que pneus de carros de fórmula 1 são tão largos. Esse *hiperlink* está em sua forma reduzida e marcado pela cor azul, típica deste discurso on-line no ecossistema *Twitter*. Em seguida, abaixo do *hiperlink*, aparecem nove hashtags: #Ciência, #Science, #Vídeo, #YouTube, #F1, #DivulgaçãoCientífica, #Pneus, #Carros e #Física.

Por fim, há uma captura de tela, que ilustra uma parte do vídeo. Percebemos que o usuário está em uma sala com prateleiras de livros ao fundo; o título do vídeo

<sup>127</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J5Xu-EX9ybM>. Acesso em: 30 jun. 2020

está centralizado na tela – em formato de pergunta –, com Lourival Dias também situado ao centro da imagem, falando.

#### 4.4.2 Segunda etapa: deslinearização enunciativa

Na segunda etapa de análise, verificamos a incidência do elemento de deslinearização inserido no tuíte, indicado pelo enunciador digital. Conforme informado, o *hiperlink* (graças à sua possível e opcional clicabilidade) é responsável por remeter o escreitor a um discurso outro.

Na deslinearização enunciativa, o Ed1, enunciador digital do tuíte, denomina-se Lourival Dias. Conforme informado pelo locutor, sua conta no ecossistema *Twitter* destina-se à divulgação científica no escopo das Ciências Biológicas. Além de divulgador científico, Lourival Dias é graduado em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal do Pará – UFPA, em 2008. Mestre em Zoologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Zoologia, convênio com o Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG e a Universidade Federal do Pará – UFPA, em 2011, e Doutor em Zoologia, pelo mesmo Programa (2015).

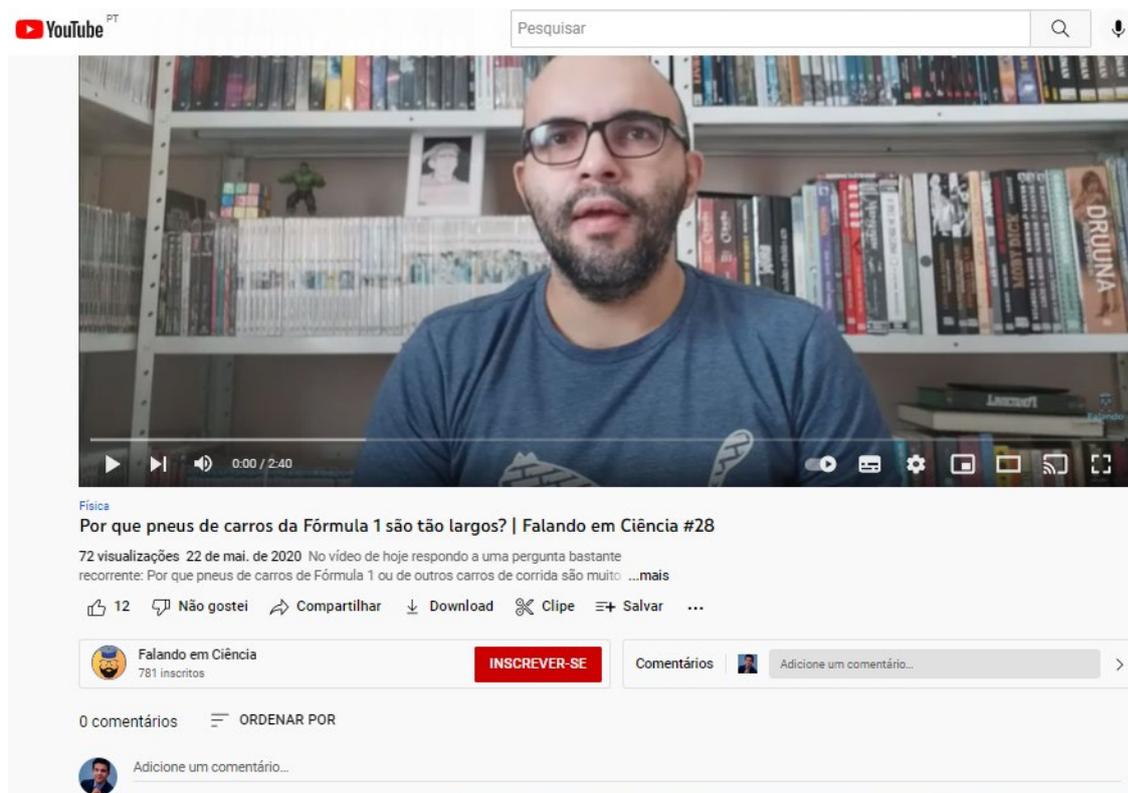
Atualmente, é Professor Adjunto IV da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, subcoordenador do Curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas (UFRA Campus Capanema), membro do Colegiado de Curso e do Núcleo Docente, e possui experiência nas áreas de Ecologia de Insetos, Taxonomia e Sistemática de Heteroptera e em Zoologia Geral. Tais informações encontram-se disponíveis em seu Currículo Lattes<sup>128</sup>.

Quando observamos o Ed2, o enunciador digital citado no tuíte, o que se encontra pelo *hiperlink*, denomina-se Falando em Ciência. Na Figura 48, a seguir, exibimos uma captura de dela, que concretiza visualmente essa enunciação segunda.

---

<sup>128</sup> Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do#>. Acesso em: 30 jun. 2020

Figura 48 – Enunciador digital 2 (Ed2-4)



Fonte: Falando em Ciência (2020).

Na descrição da conta no ecossistema *YouTube*, Falando em Ciência cria e compartilha vídeos de divulgação científica e ensino, com objetivo de levar conhecimento às pessoas. Além disso, há a seguinte frase: “Que o conhecimento alcance todos”. Por fim, o Ed2 disponibiliza um *hiperlink* que remete o escritor ao seu *blog*: <http://falandoemciencia.blogspot.com>. Nesse *blog*, há notícias de divulgação científica feitas por Ed1, Lourival Dias. Tais informações podem ser visualizadas na Figura 49, a seguir, na plataforma do *YouTube*<sup>129</sup>.

<sup>129</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/@FalandoemCiencia/about>. Acesso em: 30 jun. 2023.

Figura 49 – Canal Falando em Ciência no ecossistema *YouTube*

## Descrição

Divulgação científica e ensino são os objetivos deste canal.  
Que o conhecimento alcance todos.  
Canal derivado do Blog <http://falandoemciencia.blogspot.com>

## Estatísticas

Inscreveu-se em 20 de out. de 2019  
43.367 visualizações

Fonte: Falando em Ciência (2023).

A par disso, neste tuíte, a partir do *hiperlink*, encontra-se vídeo de divulgação científica disponível no ecossistema *YouTube*, o qual foi inserido no fio enunciativo do discurso fonte. Além disso, ao clicar naquele elemento de deslinearização, o escritor deixa o fio enunciativo de Ed1 para entrar no fio de Ed2. No caso deste tuíte, ele deixaria o ecossistema *Twitter* e entraria no ecossistema *YouTube*. Trata-se, em concordância com que nos ensina Paveau (2021), da heterogeneidade tecnoenunciativa.

#### 4.4.3 Terceira etapa: estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa

Já na terceira etapa da análise do tuíte 4, identificamos as estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa realizadas pelo Ed1, pelo caminho epistemológico de Paveau (2014; 2021).

No que concerne à tipologia de tecnodiscurso relatado, como Paveau (2014; 2021) organizou em seus estudos, este tuíte caracteriza-se como **tecnodiscurso relatado resumidor** (TRRes). Esse tipo de discurso pode vir com ou sem ampliação discursiva de um comentário, ou seja, de um texto verbal feito pelo locutor enquanto Ed1.

Ao desenvolver a tipologia de tecnodiscurso relatado, Paveau (2021, p. 320) postula que, nesse tipo, há uma *URL* que remete para o discurso outro, a qual “pode

ser integral ou reduzida”. A linguista enfatiza que a *URL* é que faz o papel do resumo, por endereçar para o discurso de outrem com o gesto de clicar. Na Figura 50, mostramos o trecho do tuíte em que a forma integral do *hiperlink* ocorre, em destaque na cor azul.

Figura 50 – Caso de tecnodiscurso relatado resumidor no tuíte n.4



Fonte: lourivaldias@gmail.com (2020).

Como visualizamos na Figura 50 acima, o *hiperlink* apresenta-se em sua forma integral. De acordo com Paveau (2021, p. 320), “o link hipertextual aponta para um conteúdo-alvo e convida o escritor a possivelmente ampliar o conteúdo-fonte, abandonando, assim o fio do discurso”. Isso porque o tecnodiscurso relatado resumidor, à luz da linguista, “compartilha explicitamente um conteúdo para si” (PAVEAU, 2021, p. 320). Desse modo, o caso do tecnodiscurso relatado resumidor em questão materializa-se por meio de um *hiperlink* integral, o qual compartilha um conteúdo para fora dele mesmo. Assim, o tecnodiscurso relatado vem com ampliação de comentário do locutor na condição de Ed1.

#### 4.4.4 Quarta etapa: exposição dos critérios do discurso relatado compartilhado na Web

Neste quarto passo analítico, investigamos o tuíte com fundamento nos critérios estabelecidos por Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019) quando objetivamos examinar o fenômeno em análise em ambiente digital.

A seguir, vejamos novamente o tuíte 4, para melhor identificarmos tais critérios.

Figura 51 – Trecho do tuíte n. 4



Fonte: lourivaldias@gmail.com (2020).

Conforme visualizamos na Figura 51 acima, no que concerne ao primeiro critério postulado por Grossmann (2019), *discordância*, o perfil @lourivaldcampos traz um discurso outro em seu tuíte inserindo um *hiperlink*. Percebemos tratar-se do projeto de divulgação científica *Falando em Ciência*, no ecossistema *YouTube*. Quanto ao segundo critério, *discurso citado, reformulado, reproduzido*, é possível observar que o tuíte cita o outro quando insere o elemento de deslinearização no discurso citante.

O terceiro critério, *formas de integração do discurso relatado na Web*, também está com consonância com o elemento de deslinearização. A partir da *URL*, há a marcação do discurso outro no discurso citante. De acordo com os estudos de Grossmann (2019), esse é o traço de indexação, o qual apresenta o valor evidencial no discurso citante. Nesse caso em exame, a indexação pode conferir a garantia do que é dito quando apresenta a *URL* no tuíte, a qual já nos aponta para que plataforma o escritor será remetido no momento do clique: o *YouTube*.

O *modo de compartilhamento e divulgação* (quarto critério) remete-nos à *prise en charge* do locutor. Vale destacarmos que, nesse tuíte, não há um adjetivo ou um

advérbio qualificador, que explicita o posicionamento avaliativo do locutor. O comentário de @lourivaldcampos, no momento do compartilhamento, ocorre pela via da interrogação. Grossmann (2019) explica que nem sempre a *prise en charge* acontece explicitamente; no compartilhamento integral do discurso outro, evidenciamos que o ponto de vista do locutor. Ao compartilhar um discurso de outrem, o locutor está, de certa forma, transmitindo um enunciado ao qual subscreve (GROSSMANN, 2019). No tuíte em análise, evidenciamos que o locutor @lourivaldcampos considera o projeto *Falando em Ciência* interessante e, por essa razão, compartilha-o, como uma autodivulgação científica.

Por sua vez, acerca do critério *situação no fio dialógico* (quinto critério), verificamos que o tuíte é novo, feito pelo locutor @lourivaldcampos, que traz o projeto *Falando em Ciência* no lugar do Ed2. A repercussão dessa novidade pode ser vista como uma forma de disseminação do projeto de divulgação científica *Falando em Ciência*, no ecossistema *YouTube*.

#### **4.5 Análise do tuíte 5 – usuário ClickCiencia**

Nesta primeira etapa de análise do tuíte 5, apresentamos as informações do locutor contidas em sua biografia no *Twitter*. Trata-se de uma conta institucional, uma vez que ClickCiência é um canal de divulgação científica produzido pelo Laboratório Aberto de Interatividade para Disseminação do Conhecimento Científico e Tecnológico da Universidade Federal de São Carlos (LABI - UFSCar). Em sua bio, ClickCiência apresenta-se como um “canal de divulgação científica do Laboratório Aberto de Interatividade – LabI da UFSCar”<sup>130</sup>, conforme visualizamos, a seguir, na Figura 52.

---

<sup>130</sup> Disponível em: <https://twitter.com/clickciencia>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Figura 52 – Biografia do locutor @ClickCiência



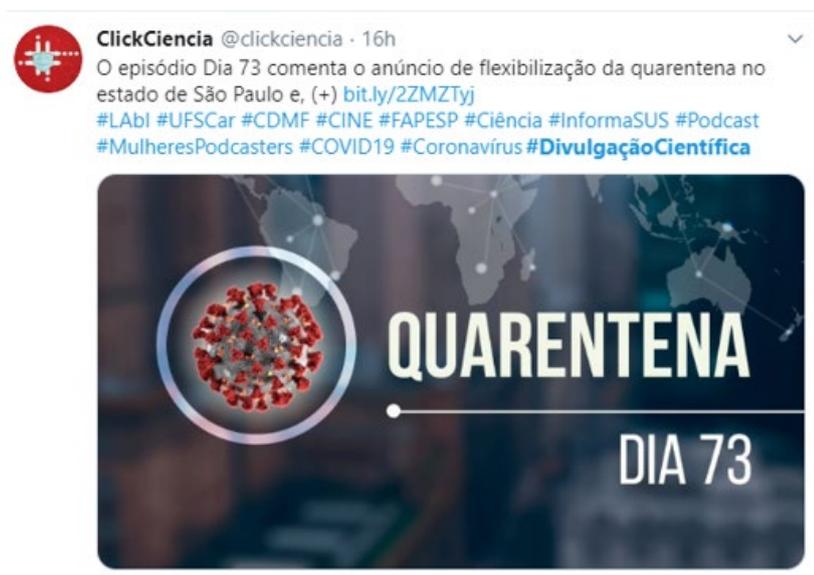
Fonte: ClickCiencia (2023).

Apresentadas as características do locutor, passamos à descrição do tuíte.

#### 4.5.1 Primeira etapa: descrição do tuíte 5

O tuíte 5 foi postado no dia 20 de maio de 2020, às 16h, pelo usuário *ClickCiencia*. Enfatizamos que, no tuíte em análise, o nome da conta e o do usuário são idênticos. O tuíte pode ser verificado na Figura 53:

Figura 53 – Tuíte n. 5



Fonte: ClickCiencia (2020).

Observamos a Figura 53 acima e anotamos: na primeira parte do tuíte, é possível visualizar o ícone de perfil do locutor na parte superior (com destaque em vermelho), bem como o nome da conta (ClickCiencia). Logo abaixo da primeira parte, há um breve texto verbal, seguido de um símbolo +.

Logo em seguida, observamos um elemento de clicabilidade, o *hiperlink*, que remete o usuário ao site *LAbI*. Esse *hiperlink* aparece em sua forma reduzida e marcado pela típica cor azul, no discurso on-line nesse ecossistema. Por fim, abaixo do *hiperlink*, aparecem onze *hashtags*: #LAbI, #UFSCar, #CDMF, #CINE, #FAPESP, #Ciência, #InformaSUS, #Podcast, #MulheresPodcasters, #COVID19 e #Coronavírus.

#### 4.5.2 Segunda etapa: deslinearização enunciativa

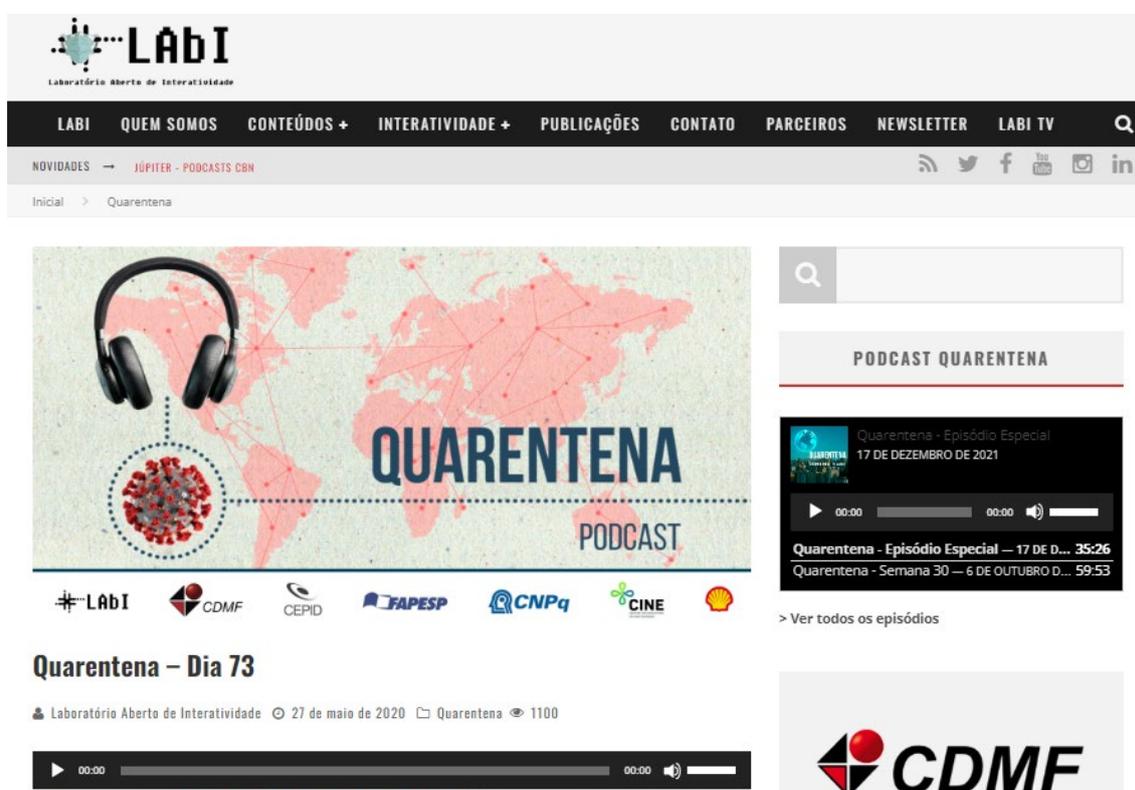
Adentrando na segunda etapa analítica desta investigação do tuíte 5, observamos a incidência da deslinearização novamente demarcada pelo *hiperlink*. Tal elemento, uma vez mais isso se comprova, remete o escritor a um discurso outro.

Na deslinearização enunciativa, o Ed1, enunciador digital do tuíte denomina-se *ClickCiencia*. Trata-se de um canal de divulgação científica do Laboratório Aberto de Interatividade - LAbI da UFSCar. Além dessa conta no *Twitter* para divulgar

ciência ao seu público-alvo, *ClickCiencia* tem também um site próprio, intitulado LABI<sup>131</sup>. Este é um projeto parceiro do Centro de Desenvolvimento de Materiais Funcionais (CDMF) e conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O Canal apresenta diversas produções de divulgação científica, educação e cultura<sup>132</sup>.

Por seu turno, o Ed2, enunciador digital citado por intermédio do *hiperlink* disponível no tuíte, denomina-se *LABI*. Na sequência, na Figura 54, apresentamos uma captura de tela, que concretiza visualmente essa enunciação segunda.

Figura 54 – Enunciador digital 2 (Ed2-5)



Fonte: LABI (2020).

O episódio Dia 73 comenta o anúncio de flexibilização da quarentena no Estado de São Paulo e, na entrevista, revela a visão alternativa sobre formas de enfrentamento da pandemia, indicadas pelo médico sanitário Jorge Kayano, integrante do Instituto Pólis. O episódio também fala de um estudo que mostra como, no Brasil, a mortalidade é maior entre habitantes do norte do País e entre pretos e

<sup>131</sup> Disponível em: <http://www.labi.ufscar.br/> Acesso em: 30 jun. 2020.

<sup>132</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/c/clickciencia/about> Acesso em: 30 jun. 2020.

pardos. Além disso, registra que temos o maior índice de mortes entre profissionais de Enfermagem em todo o mundo<sup>133</sup>.

Nesse tuíte, por meio do *hiperlink*, o podcast (episódio Dia 73), publicado no dia 27 de maio de 2020, foi inserido no fio enunciativo do discurso fonte. Dessa forma, reitera-se o fato de que o clique nesse elemento de deslinearização leva o escritor a deixar o fio enunciativo de Ed1 e a situar-se no fio de Ed2. Neste caso, ele deixa o ecossistema *Twitter* e entra no site do Laboratório Aberto de Interatividade. Trata-se, em vista da deslinearização constatada, do fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa (PAVEAU, 2021).

#### 4.5.3 Terceira etapa: estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa

Quando chegamos à terceira etapa da análise, identificamos as estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa realizadas pelo Ed1. A identificação dessas estratégias leva-nos a focalizar os tipos de tecnodiscurso relatado (PAVEAU, 2014; 2021).

No que concerne à tipologia de tecnodiscurso relatado, desenvolvida por Paveau (2014; 2021), o tuíte 5 caracteriza-se como **tecnodiscurso relatado resumidor** (TRRes). Conforme já informamos, em concordância com Paveau (2021), esse tipo de discurso pode vir com ou sem ampliação discursiva de um comentário, ou seja, de um texto verbal feito pelo locutor na condição de Ed1.

No tuíte em questão (tuíte n.5), assim como no caso anterior, observamos um tecnodiscurso relatado resumidor, em que a *URL* apresenta-se em sua forma integral. Na Figura 55, imediatamente inserida, ilustramos o trecho do tuíte em que a forma integral do *hiperlink* ocorre.

---

<sup>133</sup> Disponível em: <https://www.labi.ufscar.br/2020/05/27/quarentena-dia-73/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Figura 55 – Caso de tecnodiscurso relatado resumidor no tuíte n.5



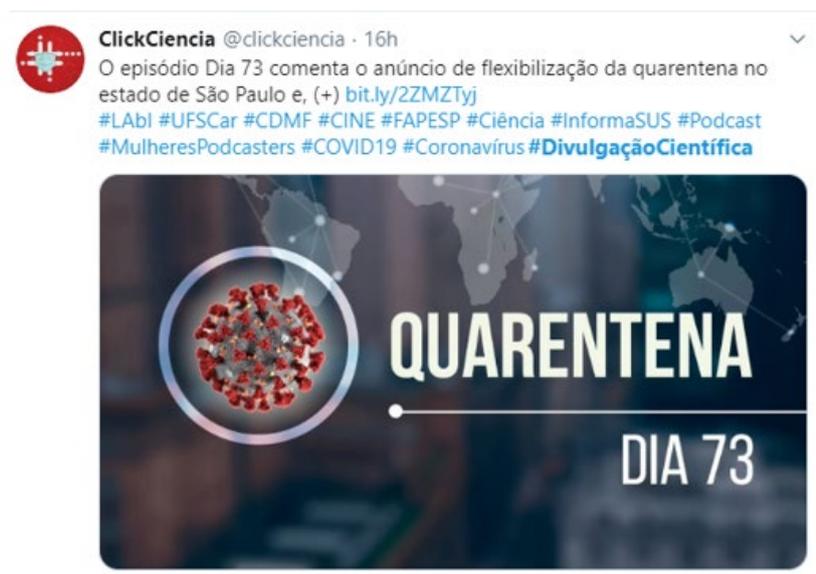
Fonte: ClickCiencia (2020).

A Figura 55 auxilia-nos a observar que o *hiperlink* apresenta-se em sua forma integral e compartilha um conteúdo para além dele mesmo. Trata-se de um tecnodiscurso relatado com ampliação de comentário do locutor desempenhando a função de Ed1: “o episódio *Dia 73* comenta o anúncio de flexibilização da quarentena no estado de São Paulo”.

#### 4.5.4 Quarta etapa: exposição dos critérios do discurso relatado compartilhado na Web

Investigando detidamente o que a quarta etapa analítica nos demanda, sempre com base nos postulados de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019), relatamos as seguintes observações, pontuando os seis critérios apontados pelos autores citados. Primeiramente, vejamos novamente um trecho do tuíte em questão, para identificarmos tais critérios (Figura 56).

Figura 56 – Trecho do tuíte n. 5



Fonte: ClickCiencia (2020).

Analisando a Figura 56, quanto ao primeiro critério indicado por Grossmann (2019), *discordância*, notamos que o locutor @clickciencia traz o discurso outro no tuíte, com a inserção de um *hiperlink*: o projeto de divulgação científica *LAbI*, da UFSCar. Na medida em que o locutor insere o elemento de deslinearização no discurso citante, observamos o segundo critério, *discurso citado, reformulado, reproduzido*. Percebe-se uma reformulação do episódio Dia 73, por meio de um resumo. Grossmann (2019) atenta que, muitas vezes, o comentário em um compartilhamento tem a finalidade de resumir o discurso outro, como verificamos neste tuíte em exame.

O terceiro critério, *formas de integração do discurso relatado na Web*, está atrelado à inserção do *hiperlink*. À luz de Grossmann (2019), inserir uma *URL* no discurso citante é uma marca de discurso outro, assim como vimos em outros exemplos. Essa característica representa a indexação do tuíte a partir do elemento de deslinearização, já que carrega um valor evidencial. Por essa razão, vale asseverarmos que o conteúdo corrobora com a própria divulgação científica, uma vez que, no tuíte em exame, o *hiperlink* remete o escritor a um episódio do projeto *LAbI*, o qual possui apoio da CNPq e da FAPESP, dois órgãos científicos de renome e prestígio no Brasil. O valor evidencial reside no fato de essa indexação ser visível para o escritor, isto é, ela comprova que, concretizado o clique, a remissão ao *podcast* será feita.

No espectro de análise do quarto critério, *modo de compartilhamento e divulgação*, analisamos a *prise en charge* do locutor: a posição enunciativa daquele que fala. No tuíte 5, não há uma unidade lexical que explicita a posição do locutor. Há um verbo dicendi: *comentar*. Por meio deste e da reformulação que o locutor faz, inferimos o ponto de vista de @clickciencia no papel de Ed1. Em outras palavras, @clickciencia considera o projeto *LAbI*, da UFSCar interessante e, por isso, compartilha-o e o divulga. Finalizamos com o quinto critério, *situação no fio dialógico*, com cujas características definitórias identificamos que o tuíte demonstra uma nova postagem e que é feito pelo locutor @ClickCiência, na condição de Ed1.

Antes de encerrar as análises das quatro primeiras etapas dos tuítes que compõem nossos dados de estudo, trazemos um quadro-resumo, Quadro 7, que focaliza as etapas analíticas de cada tuíte, bem como os critérios com a ajuda dos quais investigamos o discurso relatado veiculado na *Web*.

Quadro 7 – Sintetização das primeiras etapas analíticas

Tuítes	Etapa 1: Descrição do tuíte	Etapa 2: Deslinearização Enunciativa	Etapa 3: Estratégias de materialização da heterogeneidade tecnoenunciativa	Etapa 4: Exposição dos critérios do discurso relatado compartilhado na <i>Web</i>
Tuíte 1	Ed1 @CEnvenenada; postagem realizada no dia 20 de maio de 2020. O tuíte apresenta o projeto de doutorado do biólogo Weverton Carlos Ferreira Trindade (@O_weverton). No tuíte, aparecem a foto do usuário, o nome de sua conta, seu <i>username</i> e o horário de postagem. Logo abaixo, há um breve texto verbal, iniciado pela <i>hashtag</i> #BioThreadBR. Em seguida, há outras quatro <i>hashtags</i> .	Ed2 @O_weverton; o escritor permanece no <i>Twitter</i> , tendo em vista que ambos os tuítes foram produzidos nessa plataforma; contudo, ele deixaria o tuíte de @CEnvenenada e acessaria o tuíte de @O_weverton, mediante o clique.	Tuíte classifica-se como tecnodiscurso relatado integral (TRDI), pois há o compartilhamento integral de um outro tuíte, publicado pelo enunciador segundo (@O_weverton).	a) <b>primeiro critério:</b> @CEnvenenada carrega o discurso de outrem, mediante um <i>hiperlink</i> : o tuíte do biólogo @O_weverton; b) <b>segundo critério:</b> evidência nos metadados do enunciador citado; c) <b>terceiro critério:</b> inserção de uma URL remetendo ao artigo citado; d) <b>quarto critério:</b> discurso compartilhado reproduzido em sua totalidade; e e) <b>quinto critério:</b> discurso reativo, por se tratar de um retuíte.

Tuíte 2	Ed1 @jadescri; postagem realizada no dia 20 de maio de 2020. O tuíte apresenta um projeto de divulgação científica no escopo da Engenharia Florestal, intitulado Beija-FAL. No tuíte, sobressai o ícone de perfil na parte superior da foto do locutor, bem como o nome da conta. Logo abaixo, há um breve texto verbal, seguido de um <i>hiperlink</i> . Logo após esse elemento clicável, constam três <i>hashtags</i> . Por fim, há a inclusão de uma imagem.	Ed2 BeijaFAL; a partir do clique, o escreitor é remetido ao <i>Instagram</i> , na conta do projeto em questão.	Tuíte classifica-se como um tecnodiscurso relatado resumidor (TRRes), pelo fato de haver nele uma <i>URL</i> – e não a reprodução integral do texto de destino.	a) <b>primeiro critério:</b> @jadescri carrega o discurso de outrem, mediante um <i>hiperlink</i> : o projeto chamado Beija-FAL; b): <b>segundo critério:</b> há um discurso segundo, via hiperligação; c) <b>terceiro critério:</b> inserção de uma <i>URL</i> remetendo ao projeto citado; d) <b>quarto critério:</b> por meio das escolhas lexicais no tuíte, revelamos a avaliação explícita da locutora; e e) <b>quinto critério:</b> discurso novo, trazendo o projeto Beija-FAL.
Tuíte 3	Ed1 @semanadafisica; postagem realizada no dia 21 de maio de 2020. O tuíte apresenta o evento científico Chamado SEFIS Unicamp – Semana da Física e da Engenharia Física. No tuíte, visualizamos o ícone de perfil	Ed2 José Tadeu Arantes, na plataforma da Agência FAPESP; o escreitor é remetido ao site da FAPESP.	Tuíte classifica-se como tecnodiscurso relatado resumidor (TRRes), pelo fato de haver, nele, uma <i>URL</i> – e não a reprodução integral do texto de destino.	a) <b>primeiro critério:</b> @semanadafisica carrega o discurso de outrem: uma notícia de divulgação científica publicada na FAPESP; b): <b>segundo critério:</b> há um discurso segundo, via hiperligação; c) <b>terceiro critério:</b> inserção de

	<p>bem como o nome da conta. Logo abaixo, há um breve texto verbal, seguido de um <i>emoji</i> e de um <i>hiperlink</i>. Por fim, aparecem quatro <i>hashtags</i>.</p>			<p>uma <i>URL</i> remetendo ao projeto citado;</p> <p>d) <b>quarto critério</b>: por meio das escolhas lexicais no tuíte, revelamos a avaliação explícita do locutor; e</p> <p>e) <b>quinto critério</b>: discurso novo, trazendo o estudo publicado na FAPESP.</p>
Tuíte 4	<p>Ed1 @lourivaldcampos postagem realizada no dia 22 de maio de 2020. O tuíte apresenta o canal Falando em Ciência, no <i>YouTube</i>, criado pelo Lourival Dias. No tuíte, reparamos o ícone de perfil, o nome da conta, um breve texto verbal, um <i>hiperlink</i> e nove <i>hashtags</i>.</p>	<p>Ed2 Falando em Ciência, no <i>YouTube</i>, ecossistema para o qual o escritor é remetido mediante o clique no <i>hiperlink</i>.</p>	<p>Tuíte classifica-se como tecnodiscurso relatado resumidor (TRRes), pelo fato de haver uma <i>URL</i> – e não a reprodução integral do texto de destino.</p>	<p>a) <b>primeiro critério</b>: @lourivaldcampos carrega o discurso de outrem: o canal <i>Falando em Ciência</i>, no <i>YouTube</i>;</p> <p>b): <b>segundo critério</b>: há um discurso segundo, via hiperligação;</p> <p>c) <b>terceiro critério</b>: inserção de uma <i>URL</i> remetendo ao canal citado;</p> <p>d) <b>quarto critério</b>: avaliação implícita do locutor, via interrogação;</p>

				e) <b>quinto critério:</b> discurso novo, o canal Falando em Ciência.
Tuíte 5	Ed1 @ClickCiência postagem realizada no dia 20 de maio de 2020. O tuíte apresenta um episódio do projeto chamado LAbI. Encontramos o ícone de perfil do locutor, o nome da conta, um breve texto verbal, seguido de um símbolo +, um <i>hiperlink</i> e onze <i>hashtags</i> .	Ed2 LAbI; a partir do clique, o escritor é remetido para o próprio site do projeto em questão, mostrando um projeto na ampla temática da COVID-19.	Tuíte classifica-se como um tecnodiscurso relatado resumidor (TRRes), pelo fato de haver, nele, uma <i>URL</i> – e não a reprodução integral do texto de destino.	a) <b>primeiro critério:</b> @ClickCiência carrega o discurso de outrem: o projeto LAbI; b): <b>segundo critério:</b> há um discurso segundo, via hiperligação; c) <b>terceiro critério:</b> inserção de uma <i>URL</i> remetendo ao projeto citado; d) <b>quarto critério:</b> avaliação implícita do locutor, via reformulação; e) <b>quinto critério:</b> discurso novo, o projeto LAbI.

Fonte: Elaborado pelo autor.

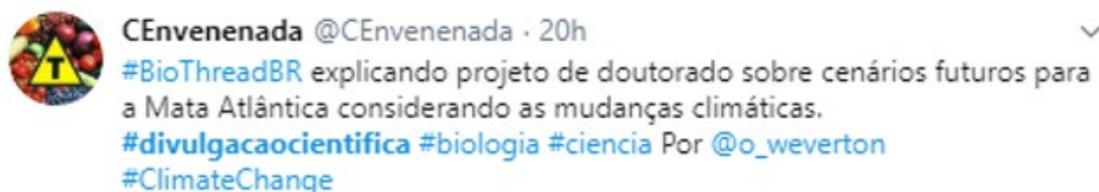
Apresentado o quadro-resumo e feitas as análises das quatro primeiras etapas dos tuítes que compõem nossos dados de estudo, o que já foi apontado na explicitação metodológica no capítulo 3, conforme anunciamos no início deste capítulo, passamos às duas últimas.

#### 4.6 Quinta etapa: relação dos resultados obtidos

Na quinta etapa de análise, visamos expor os resultados obtidos a partir da análise dos cinco tuítes que compõem os dados gerados para esta investigação. Para isso, em um primeiro momento, buscamos examinar como os tipos de tecnodiscurso relatado (PAVEAU, 2021) encontrados diferem daqueles do discurso relatado em ambiente *off-line*. Em um segundo momento, procuramos identificar de que forma os estudos de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019) estabelecem (ou não) relação com o que postula e defende Paveau (2021).

Embora nossa ênfase nesta pesquisa esteja em examinar a divergência dos tipos de tecnodiscurso relatado encontrados em *corpora* pré-digitais, salientamos que, nos breves textos verbais dos tuítes, é possível encontrar traços linguísticos observáveis em discursos *off-line*, como o uso dos verbos *dicendi*. No tuíte n.1, por exemplo, realizado pelo Ed1 @CEnvenenada, observamos traços de discurso indireto (DI). A fim de facilitar a compreensão da análise, na Figura 57, trazemos novamente o tuíte, com enfoque em sua parte verbal.

Figura 57 – Traços de discurso indireto (DI) no tuíte n.1



Fonte: CEnvenenada (2020).

Como vimos na Figura 57, a representação do discurso outro é marcada indiretamente por meio do verbo “explicar”. Nesse caso, o Ed1, com suas próprias palavras, cita indiretamente o projeto de doutorado de @O\_weverton, na condição de Ed2, intitulado BioThreadBR, relatando o foco do projeto divulgado por ele em seu tuíte.

Além disso, outro exemplo da incidência de traços pré-digitais é observado no tuíte n.5, realizado pelo Ed1 @clickciencia, também mediante discurso indireto. Vejamos novamente esse tuíte, também com foco em sua parte verbal, na Figura 58, a seguir.

Figura 58 – Traços de discurso indireto (DI) no tuíte n.5



Fonte: ClickCiencia (2020).

É possível constatar que Ed1 @clickciencia, dando destaque ao verbo *comentar*, materializa o discurso citado com suas próprias palavras. Para Maingueneau (2021), o discurso indireto ocorre quando as palavras citadas (conteúdo de pensamento) são traduzidas pelo enunciador citante. Nesse tuíte, Ed1 traduz as palavras de Ed2 (resumindo ditos do *podcast* em questão).

Entretanto, nos dois exemplos, e também nos demais tuítes selecionados para esta pesquisa, há elementos que diferenciam os tuítes em relação aos tipos de discurso relatado *off-line*. Isso ocorre porque o outro é inserido no tuíte com o uso dos *hiperlinks*. De acordo com Giering e Pinto (2021, p. 44), “a Linguística Textual (LT) necessita considerar que o texto nativo digital é um objeto tecnolinguageiro, manipulável e dinâmico”. Ou seja, os discursos digitais nativos se coconstituem de linguagem e tecnologia informática e, por isso, a incorporação da tecnologia complexifica a noção de textualidade (GIERING; PINTO, 2021).

A partir das análises aqui expostas, notamos que não estão mais em jogo apenas formas textuais de evocar o outro, mas operações tecnodiscursivas, nas quais a conectividade é estabelecida compositamente, a saber, por elementos das matérias languageira e tecnológica. Em outros termos, essa composicionalidade nova é coconstruída simultaneamente por linguagem multissemiótica e pela tecnologia. Por isso, alinhamo-nos aos estudos da Linguística Simétrica postulada por Paveau (2021), pois reconhecemos que o discurso digital se materializa na máquina, em um ecossistema.

A par disso, nos tuítes analisados, embora sejam escritos (postados) em uma plataforma digital diferente daquela estudada por Paveau – a linguista debruçou-se

apenas sobre o *Facebook* –, foi possível analisar nossos dados com base nos estudos da autora francesa. Isso se deve ao fato de que esses dados mostraram consonância com os estudos da pesquisadora, após criteriosa observação e análises. Em outras palavras, os tipos desenvolvidos por Paveau (2015; 2021) foram relevantes e cruciais para este estudo atual, na etapa destinada à identificação das estratégias de materialização de heterogeneidade tecnoenunciativa (etapa 3).

Tudo isso leva também a reconhecer que cada ecossistema convoca singulares ferramentas de análise, porque têm características diferentes um do outro (*Facebook* difere de *Twitter*, que difere de *LinkedIn* etc.); entretanto, os caminhos teóricos propostos pelos estudos de Paveau (2015; 2021) pavimentam as bases essenciais da análise que realizamos. A partir dessas bases, verificamos que os dados faziam emergir detalhamentos que demandaram novas formas para observar mais a fundo cada tuíte, em uma minuciosa análise qualitativa, em contexto digital (MOIRAND, 2020).

Após o exame de qualificação deste estudo, que ocorreu em novembro de 2020, incorporamos a teoria de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019) acerca do discurso relatado compartilhado na *Web*, em vista das percepções importantes que a releitura dos dados permitiu a cada revisão de cada passo da pesquisa. A partir disso, procuramos observar de que forma os estudos dos linguistas estabelecem, ou não, relação com o que postula e defende Paveau. De modo geral, embora haja conflito teórico entre as teorias citadas/mencionadas, há também similaridades. Por essa razão, nosso estudo reconhece a importância de ambas as teorias para nosso objeto de investigação e, assim, propomos um conceito inédito, a partir da congruência entre Grossmann e Rosier (2018), Grossmann (2019) e Paveau (2021): **tecnodiscurso relatado compartilhado na Web**.

De um lado, orientados pelas pesquisas de Paveau (2021), advogamos que esse fenômeno é “tecno”, pois está imerso em uma ecologia do discurso, originando um verdadeiro compósito entre linguagem e tecnologia. Já anotamos que Paveau (2013) sustenta tratar-se de uma abordagem que toma como objeto não mais elementos languageiros isolados, mas um olhar atento que considera todo o ambiente no qual esses estão inscritos. Por isso, ao contrário do que defende Grossmann (2019), a nosso ver, “tecno” não diz apenas o que significa o prefixo, mas faz emergir uma nova episteme. O tecnodiscurso relatado se coconstitui de matérias languageira e técnica, as quais são indissociáveis. Por esse motivo,

chamamos de **tecnodiscurso**. Afinal, se não houvesse a máquina, o ser humano não disporia de outros mecanismos para realizar esse tipo de comunicação. Logo, aquela é essencial.

Por outro lado, retomando Grossmann e Rosier (2018), corroboramos com a ideia do compartilhamento na *Web*, uma vez que o escreitor clica no elemento de deslinearização, o qual conecta duas situações de enunciação em um tuíte. Dessa maneira, as análises nos permitem comprovar e sustentar que o elemento de deslinearização liga duas situações de enunciação (e seus respectivos enunciadores digitais) em um mesmo fio enunciativo: o tuíte. Por essa razão, reconhecemos a importância de conter, na denominação do conceito ora elaborado, a lexia **compartilhamento**. Em outras palavras, assumimos que, ao conter um elemento de deslinearização que conduz o escreitor à situação de enunciação do discurso segundo (ou do discurso do outro), o tecnodiscurso, além de apenas relatar, compartilha a enunciação do outro, ou seja, dá acesso ao escreitor ao discurso original.

Queremos enfatizar, neste recorte analítico, que, ao desenvolver um tipo de tecnodiscurso relatado, Paveau (2021, p. 319) constata que “trata-se de um compartilhamento com ou sem ampliação por um comentário [...]. O tecnodiscurso relatado é compartilhado-relatado integralmente”. Nesse sentido, a pesquisadora reconhece que esse fenômeno compartilha e relata, concomitantemente. Portanto, ancorados nas teorias de Grossmann e Rosier (2018), de Grossmann (2019) e de Paveau (2021), instituímos o conceito **tecnodiscurso relatado compartilhado na Web**.

#### **4.7 Sexta etapa: materialização do fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa e, no seu interior, dos diferentes enunciadores digitais em jogo no ecossistema *Twitter* e sua implicação para a divulgação científica**

Na sexta etapa de análise, visamos mostrar como se materializa o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa e, no seu interior, dos diferentes enunciadores digitais em jogo no ecossistema *Twitter*, bem como sua implicação para a divulgação científica.

Fundamentados nas análises dos cinco tuítes gerados para esta pesquisa, em um primeiro momento desta última etapa, buscamos mostrar que a materialização da heterogeneidade tecnoenunciativa ocorre no compósito entre linguagem e tecnologia digital. Assumimos a postulação de Paveau (2021), de que os discursos digitais nativos são compósitos, uma vez que são constituídos de matéria mista, reunindo o languageiro e o tecnológico de natureza informática. Isso caracteriza uma composição tecnolinguageira, que pode ser plurissemiótica, ao mobilizar, em uma mesma semiose, texto verbal, imagem fixa ou animada, som (PAVEAU, 2021; GIERING; PINTO, 2021).

A partir do elemento de deslinearização (e o clique), o escreiteiro é remetido ao discurso outro. Dessa forma, os enunciadores digitais primeiros (Ed1), enquanto locutores (seja em contas pessoais, seja em contas institucionais), apresentam os enunciadores digitais segundos (Ed2).

Como exemplificação, o tuíte n.1, o Ed1 (@CEnvenenada) apresenta, em seu tuíte, Ed2, que é um cientista em doutoramento em Ecologia e Conservação, chamado @O\_weverton. Pudemos verificar, na análise, que o tuíte visa divulgar o projeto de Doutorado de Weverton, que está na condição de Ed2. O *Twitter*, nesse sentido, torna-se *locus* para promover pesquisas científicas, divulgando-as a partir de elementos de deslinearização.

Em adição a esse exemplo, no tuíte n.2, o Ed1 (@jadescris) divulga uma conta no ecossistema *Instagram*, no âmbito do projeto de extensão da Universidade de Brasília (UnB), chamado Beija-FAL. O Ed2, conta da Beija-FAL, apresenta verbal e visualmente o projeto, em uma série de postagens na referida plataforma. Assim, a deslinearização enunciativa também promove a conexão entre diferentes plataformas digitais que divulgam a ciência, fazendo com que o clique direcione o escreiteiro a um discurso outro para além do ecossistema no qual ele está inserido.

Já no tuíte n.3, o Ed1 (@semanadafisica), enquanto uma conta de *Twitter* institucional relacionada ao evento que divulga a ciência nas áreas da Física, apresenta, em seu tuíte, o Ed2, que é um divulgador científico da Agência FAPESP, denominado José Tadeu Arantes. Nesse tuíte, observamos que esse grupo de estudos da UNICAMP, chamado SEFIS, *tem a voz* para divulgar ciência e remeter a uma das maiores revistas de divulgação científica brasileira, a FAPESP. Em vista disso, José Tadeu Arantes está em uma enunciação segunda, enquanto Ed2, representa a revista FAPESP. Desse modo, no *Twitter*, é possível disseminar o

conhecimento científico e dar visibilidade à publicação mencionada por intermédio de tuítes. Os pesquisadores da UNICAMP podem, assim, evocar enunciadores digitais em seus tuítes, divulgando a ciência.

Por sua vez, no tuíte n.4, o Ed1 (@louvivaldcampos) utiliza seu tuíte para promover sua conta de divulgação científica no ecossistema *YouTube*, chamada *Falando em Ciência*, a qual está na condição de Ed2. Assim como no tuíte n.2, o enunciador digital do tuíte n.4 viabiliza uma divulgação científica para além do ecossistema de origem, remetendo o escritor para um ecossistema de destino diferente do de origem (nesse caso, no *YouTube*).

Como mais um exemplo, enfatizamos que, no tuíte n.5, o Ed1 (@ClickCiencia) compartilha o canal de divulgação científica vinculado ao Laboratório Aberto de Interatividade (LAbI), da UFSCar. Na época do tuíte, ele também propiciou a conscientização para os cuidados necessários contra a COVID-19, visto que a hiperligação remetia o escritor a um episódio no cômputo da quarentena, trazendo especialistas da mencionada universidade para alertar a população brasileira dos riscos do vírus. Nessa esteira, o tuíte de divulgação científica também é uma forma de oportunizar uma ciência que chegue a todos e todas pelo gesto do clique.

Desse modo, as escolhas dos enunciadores digitais primeiros (Ed1s), na condição de divulgadores científicos, ratificam uma visão de ciência que incentiva a participação do outro e se apresenta multivocal. Em síntese, os tuítes convocam diferentes vozes – enunciadores digitais – para divulgar a ciência, apresentando-se sob diferentes modos: (i) projeto de Doutorado em Ecologia e Conservação (tuíte n.1); (ii) conta no ecossistema *Instagram*, no escopo da Engenharia Florestal (tuíte n.2); (iii) grupo de estudos da UNICAMP, na área da Física (tuíte n.3); (iv) conta no ecossistema *YouTube*, no âmbito das Ciências Biológicas (tuíte n.4); e (v) Canal de divulgação científica do Laboratório Aberto de Interatividade (LAbI), da UFSCar (tuíte n.5).

A par disso, podemos afirmar que, no ecossistema *Twitter*, a heterogeneidade tecnoenunciativa ocorre pela oportunidade de realizar o clique. Como observamos anteriormente, defendemos que a deslinearização dá origem ao fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa, porque ela conecta duas situações de enunciação (e seus respectivos enunciadores digitais) em um mesmo fio enunciativo (nesse caso, o tuíte).

Por consequência destas anotações conclusivas, podemos dizer que essa ação tecnoenunciativa promove o fortalecimento de uma ciência participativa. Assim, os divulgadores científicos apropriam-se dessa categoria tecnodiscursiva como estratégia para fomentar uma visão de ciência que ocorre e que se divulga para além da academia: em uma rede social.

Ainda em termos de heterogeneidade enunciativa, o tuíte revela uma configuração enunciativa. Isto é, duas instâncias se fazem presentes, tornam-se ‘arquivadas’, ‘redocumentadas’ em um único “encontro de vozes” em contexto digital: um único tuíte com múltiplas situações de enunciação. Trata-se do caso dos metadados do *hiperlink*, que evidenciam o traço da rastreabilidade dos discursos nativos digitais (PAVEAU, 2021). Nesse caso, a *URL* do *hiperlink* revela o ecossistema para o qual o escritor será remetido.

Nesse sentido, conforme informamos na seção destinada à Fundamentação Teórica, evocamos que o *Twitter* é uma das maiores redes sociais do mundo, com cerca de 566 milhões de usuários (BELING, 2023). Esse dado revela a importância que assume para a população, de modo geral e para a própria ciência, tendo em vista que muitas pessoas que não buscam ou não se interessam por artigos estritamente científicos podem estar conectadas à ciência por meio desse ecossistema digital. Em outras palavras, via *Twitter*, a divulgação científica pode ter um alcance nacional e internacional ainda maior.

Ademais, impulsionar o consumo científico mediante heterogeneidade tecnoenunciativa em uma plataforma digital tão utilizada pela população é também uma forma de revelar a importância da ciência para esse público. Nos tuítes analisados, percebemos plena democratização da ciência, que é divulgada nesse ecossistema digital, visando alcançar um maior número de pessoas, ou seja, um público mais amplo e heterogêneo. Por isso, podemos afirmar que a ciência é promovida e popularizada pelos tuítes.

Na sequência desenhada por essas constatações, a divulgação científica é fortalecida pelas táticas da heterogeneidade tecnoenunciativa – e, por conseguinte, da deslinearização, visto que esse fenômeno evoca diferentes enunciadores para disseminar conhecimento em contexto digital. Assim, a DC que ocorre *on-line* configura-se no espaço para além dos jornais e das revistas tradicionais impressas, bem como no espaço da própria academia.

O contrário também se concretiza: um divulgador menos conhecido, de microcomunidades, pode remeter seu discurso a usuários-líderes ou a usuários de comunidades estabilizadas, como as grandes revistas. Em nossos dados gerados, isso ocorre especificamente nos tuítes de n.3 e de n.5. No tuíte de n.3, Ed1, @semanadafisica, apresenta uma notícia de divulgação científica postada na plataforma da renomada Agência FAPESP. Por sua vez, no tuíte n.5, Ed1, @ClickCiência, traz, em seu tuíte, o Canal de divulgação científica do Laboratório Aberto de Interatividade (LABI), gerenciada por uma universidade de prestígio como a UFSCar. Os tuítes, nessa ótica, também se ancoram em grandes instituições científicas para e ao divulgar a ciência.

Além disso, em contexto digital, os textos são configurados para provocar, cada vez mais, altos níveis de interatividade. Muniz-Lima (2022, p. 124) propõe que a interatividade é

[...] um aspecto tecnolinguageiro da interação que implica executar ações diretas, ativas e síncronas entre interlocutores no processo de construção de sentidos e que se apresenta em níveis, em função do controle do conteúdo, do caráter dialogal e da sincronicidade.

Embora a categoria interatividade não seja o enfoque da presente pesquisa, é imprescindível observar que esse aspecto, em ambiente digital, colabora para a aproximação da ciência (e sua divulgação) com os usuários que se *alimentam* de informações via redes sociais. Notamos, por esse motivo, que a escrita digital é influenciada pela plataforma (pelo ecossistema): ela ocorre de acordo com suas especificidades e possibilidades tecnolinguageiras. Ainda, por se tratar de uma rede social, o discurso se adapta às restrições criadas/impostas pelas características editoriais das plataformas.

A interatividade, nessa perspectiva, também auxilia na ação de divulgar a ciência, pois essa possibilidade tecnodiscursiva permite que o escreiteiro conheça melhor as fontes epistêmicas e, assim, possa avaliar melhor os conteúdos de divulgação científica em uma perspectiva crítica e analítica. Essa característica tecnoenunciativa disponível no tuíte também fomenta uma interatividade transparente no ato de divulgação científica: o tuíte que promove a heterogeneidade tecnoenunciativa deixa marcado o discurso outro, verbalmente, no conteúdo do texto. E, ainda, a checagem da fonte é feita pelo escreiteiro.

Em suma, a partir da constatação de que a deslinearização enunciativa permite trazer esse outro no tuíte, acreditamos que a heterogeneidade tecnoenunciativa gere um ganho para a divulgação científica na medida em que: (i) promove uma ciência participativa e multivocal, pois implica a ação de o escritor ser remetido a um discurso outro a partir do clique; (ii) demonstra aspectos de colaboratividade, haja vista que o tuíte propicia a conexão entre discursos primeiros e segundos, fazendo com que o *Twitter* seja um *locus* que divulga a ciência); e (iii) impulsiona a interatividade e a transparência acerca das fontes científicas, levando em conta que a cultura participativa da *Web 2.0* permite uma interação entre o enunciador digital e seu interlocutor, e que o escritor possa checar o discurso outro via clique hipertextual.

Portanto, advogamos que a heterogeneidade tecnoenunciativa, em tuítes, é materializada por meio do *hiperlink*, que remete o escritor a um outro ecossistema no âmbito da divulgação científica. Esse tecnodiscurso, que podemos classificar como multissequencial, vai permitir ao escritor ter acesso, em tempo real, a outros tecnodiscursos de divulgação científica (multissemióticos), a partir das escolhas por ele efetuadas.

Feitas as análises de nossa pesquisa, passamos às Considerações Finais, que apresentam as constatações conclusivas acerca dos dados gerados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim funciona a pesquisa: jamais terminada, com resultados diversos, jamais interpretações definitivas (CHARAUDEAU, 2022, p. 9).

Neste capítulo destinado às Considerações Finais desta tese, com bases na análise da heterogeneidade tecnoenunciativa dos tuítes de divulgação científica, apresentamos algumas constatações amparadas pela nossa análise dos dados.

Antes, porém, segundo lemos em Charaudeau (2022), damos destaque ao entendimento de que uma pesquisa no escopo da Linguística Aplicada (LA) não se finaliza, sobretudo no discurso digital. Tal afirmação se sustenta na ideia de que, uma vez que fenômenos linguageiros e tecnológicos se imbricam de maneira compósita em tal discurso, originam, para o analista, sempre novos e inovadores desafios teóricos e, principalmente, metodológicos.

Em vista disso, para aprofundar e ampliar a análise da realidade tecnodiscursiva dos dados deste estudo, no capítulo *Procedimentos Metodológicos*, propusemos um percurso metodológico diferenciado para análise do discurso digital nativo. Tal proposta concerne tanto aos critérios de seleção da composição dos dados com vistas à análise, quanto aos procedimentos de investigação adotados para a execução da pesquisa. Destacamos, nesse sentido, que nossa metodologia, em breve, estará publicada e disponível em um capítulo de livro<sup>134</sup> organizado pela Professora Dra. Suzana Leite Cortez, da Universidade Federal de Pernambuco, publicado pela Editora Pontes.

A par disso, após as análises dos cinco tuítes que compõem nossos dados – e de seu detalhamento qualitativo – confirmamos a hipótese previamente levantada no capítulo introdutório: *a heterogeneidade tecnoenunciativa e o tecnodiscurso relatado precisam ser analisados por categorias diferentes daquelas usadas na análise da heterogeneidade enunciativa e do discurso relatado nos discursos pré-digitais, para dar conta da dimensão tecnológica no âmbito da ecologia do discurso. No Twitter, essas categorias são atualizadas, a partir da complexidade do discurso digital nativo, coconstituído de linguagem e tecnologia informática, permitindo um novo conceito – tecnodiscurso relatado compartilhado na Web – para esse objeto de*

---

<sup>134</sup> GIERING, M. E; GLÜCK, E. P. A tecnodiscursividade no ecossistema *Twitter*: percurso metodológico para análise do discurso digital nativo. In: CORTEZ, Suzana Leite (Org.). **O texto digital: teoria e prática**. Pontes, Campinas, no prelo.

*estudo mediante congruência entre estudos de Grossmann e Rosier (2018), Grossmann (2019) e Paveau (2021).*

Outrossim, expusemos, no capítulo introdutório desta tese, o questionamento central de nossa pesquisa, bem como nosso objetivo geral. Lembramo-nos de nosso questionamento: *como se materializa o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa e, no seu interior, os diferentes enunciadores digitais em jogo em um conjunto de tuítes reunidos pela hashtag #divulgaçãocientífica, cujo foco é divulgar a ciência?*

Do mesmo modo, reiteramos nosso objetivo geral: *investigar o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa, em particular o tecnodiscurso relatado, e sua implicação para a ação de divulgar a ciência, em tuítes de divulgação científica reunidos pela hashtag #divulgaçãocientífica.* Tanto o questionamento central quanto o objetivo geral nortearam nosso estudo, bem como apontaram para as considerações que seguem.

O estudo aqui realizado evidenciou a possibilidade de relações entre os postulados de Paveau (2021) acerca do tecnodiscurso relatado, e os estudos de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019) em relação ao discurso relatado compartilhado na *Web*. Fundamentados nessa constatação, atribuímos ao fenômeno analisado o nome **tecnodiscurso relatado compartilhado na Web**, conforme apresentado *a priori*.

Essa atualização do conceito do tecnodiscurso relatado está em consonância com o último objetivo específico de nossa tese, quer seja *propor categoria(s) própria(s) ao tecnodiscurso relatado para o ecossistema Twitter mediante o exame dos dados gerados para a presente investigação.* Realizadas as análises, constatamos que não foi preciso propor novas categorias ao tecnodiscurso relatado nos dados gerados. Contudo, foi necessário, na verdade, atualizar o conceito em estudo, a partir das intersecções entre estudos dos autores que oferecem o aporte teórico, demandado pelos dados, para a presente pesquisa no que concerne ao discurso digital. Acreditamos que essa seja uma das principais contribuições de nossa pesquisa para a ADD: a atualização de uma categoria tecnodiscursiva.

Como já exposto no capítulo analítico, por um lado, como define Paveau (2021), entendemos que esse fenômeno é “tecno”, pois emerge em uma ecologia do discurso, num verdadeiro compósito entre linguagem e tecnologia. O tecnodiscurso relatado se coconstitui de matérias linguageira e técnica, que são indissociáveis. Por

outro lado, à luz de Grossmann e Rosier (2018) e Grossmann (2019), concordamos com o fato de que há o compartilhamento na *Web*, na medida em que o escritor clica no elemento de deslinearização, o qual conecta duas situações de enunciação em um tuíte. Em suma, as análises apresentadas nesta pesquisa permitem-nos defender que o elemento de deslinearização imbrica duas situações de enunciação (e seus respectivos enunciadores digitais) em um mesmo fio enunciativo, o tuíte.

Ademais, com base evidencial nas análises detalhadas do *corpus*, também assumimos o que defende Paveau: o tecnodiscurso relatado não é equiparável à citação. Como pudemos averiguar, nas análises aqui apresentadas, o discurso outro é inserido no discurso citante pela inserção e uso de *hiperlink*. Essa categoria analítica não está presente, portanto, no discurso citante da mesma forma que ocorria em *corpora* pré-digitais. Há um outro ambiente, ecossistema, para o qual o escritor é remetido quando realiza o enunciado de gestos: o clique.

Como explica sumariamente Paveau (2016), o fenômeno da heterogeneidade tecnoenunciativa não é equiparável a uma citação, uma vez que o escritor pode concretamente deixar o discurso fonte e ser remetido ao discurso alvo a partir do clique. Por essa razão, segundo a linguista, o discurso hipertextual não simplesmente cita, mas abre outro discurso. Entretanto, de fato, via Paveau (2016; 2021) o que significa este “abrir um discurso outro”? E por que esse fenômeno não é equiparável à citação? Antes de tentarmos responder a essas perguntas a partir das constatações feitas, com base nos tuítes apresentados, revisaremos a concepção de discurso relatado *off-line*, a fim de apresentar a diferença entre o **discurso relatado** e o **tecnodiscurso relatado**.

De um lado, em *corpora* pré-digitais, a citação é concebida como um “[...] modo de representação, no discurso, de uma fala atribuída à instância outra que não a do locutor” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2018, p. 172). Em outras palavras, consoante Maingueneau (2002, p. 139), trata-se de uma “[...] enunciação sobre uma outra enunciação”. Assim, “[...] põem-se dois acontecimentos enunciativos, sendo a enunciação citada objeto da enunciação citante” (MAINGUENEAU, 2002, p. 139).

Essa representação pode ser feita por meio de um discurso direto (DD), de um discurso indireto (DI) ou de um discurso indireto livre (DIL), como expusemos na fundamentação teórica desta investigação, no subcapítulo 2.2. Comumente, há recursos linguísticos explícitos, como as aspas, o itálico ou a modalização, a partir

de conjunções de conformidade. Isso indica que os recursos são puramente linguísticos, no interior do discurso.

De outro, em observáveis nativos digitais, o tecnodiscurso relatado ocorre “por meio de um procedimento automatizado de compartilhamento” (PAVEAU, 2021, p. 315). O discurso fonte é trazido ao discurso alvo a partir de um elemento tecnolinguageiro, que é singular ao ambiente digital porque é inerente à máquina. Por essa razão, Paveau (2021, p. 316) postula que “o tecnodiscurso relatado tem uma característica totalmente específica nos universos conectados: sua dimensão tecnológica intrínseca”. Em uma dimensão tecnolinguageira, estão, por exemplo, os *affordances* do ecossistema *Twitter*, que permitem ao enunciador digital inserir um *hiperlink* e conectar dois discursos. Contudo, não podemos esquecer que as formas pré-digitais de discurso relatado também são importantes para os estudos discursivos digitais, já que a ADD atualiza os conceitos pré-digitais a partir da complexidade tecnodiscursiva.

No discurso digital, os dois discursos – fonte e alvo – conectam-se por intermédio do traço da relacionalidade, característica nativa da *Web 2.0*. Há um elemento tecnolinguageiro, por meio do qual o escreitor pode chegar ao discurso outro a partir do clique. Os dois discursos digitais – do Ed1 e do Ed2 – estão em dois ambientes/ecossistemas digitais (EMERIT, 2016), conectados por meio do *hiperlink*, ao passo que, no discurso pré-digital, os dois discursos – citante e citado – encontram-se no interior de um único discurso. No *off-line*, por exemplo, para que o leitor encontre o discurso outro, é preciso consultar as referências do trabalho citante e, assim, encontrar as informações referentes à obra citada. Em seguida, esse leitor precisará encontrar a obra, que pode estar disponível *on-line*, ou numa versão impressa. No discurso digital nativo, a partir do clique, instantaneamente, o escreitor é remetido a esse discurso outro, em um outro ecossistema digital.

Em outros termos, o discurso pré-digital é circunscrito diferentemente de um nativo digital. Literalmente, no digital nativo, o leitor deixa o discurso alvo e é conduzido ao discurso fonte, o que não ocorre no pré-digital, pois não há um elemento tecnolinguageiro que o relacione a um outro discurso.

Por isso, lembrando o que diz Paveau (2021), podemos afirmar que “citar” e “abrir” são fenômenos diferentes, porque ocorrem em materialidades diferentes: no discurso relatado *off-line*, o outro se materializa no interior do discurso a partir de marcas puramente linguísticas. Já no tecnodiscurso relatado, o outro é materializado

no discurso alvo a partir de elementos tecnolinguageiros, sendo este compósito deslinearizado, aplicado, relacionável e clicável. No tecnodiscurso relatado, há, conforme Grossmann (2019), uma materialidade clicável.

Nessa esteira, segundo Emerit (2016, p. 20, tradução nossa, grifo nosso),

[...] todos os recursos (*links*, *hashtags* etc.) são ativos e funcionais em seu ecossistema de emergência. Isso significa, no caso das *hashtags* em particular, que obtemos dois discursos diferentes da mensagem original, uma vez que o banco de dados não é comum aos dois ambientes.<sup>135</sup>

Trata-se, como postula a referida linguista, de dois bancos de dados<sup>136</sup>, pois são diferentes discursos em diferentes ambientes digitais, o que a autora chama de conectividade ecológica. Por isso, esse fenômeno é endêmico à tecnodiscursividade. No discurso digital, não se trata apenas de o leitor ter acesso ao discurso do outro, mas também ao ambiente em que ele foi proferido: ao clicar, o usuário é remetido a um discurso outro, em um outro ecossistema digital.

Para Emerit (2016), a influência conectiva refere-se à conectividade ecológica, a qual significa que dois discursos são conectados num mesmo espaço digital. De acordo com a pesquisadora, a conectividade ecológica designa "os fenômenos de publicação simultânea, pelo mesmo locutor, em diferentes ecossistemas" (EMERIT, 2016, p. 20). Em nossa pesquisa, não significa que os discursos fonte e alvo, necessariamente, sejam escritos pelo mesmo enunciador digital.

No entanto, é fundamental tomarmos em consideração que esses dois discursos estão em ambientes digitais diferentes, que se relacionam a partir de um *hiperlink*. Portanto, há dimensões nas quais os discursos se diferenciam: enquanto um discurso pré-digital é de uma ordem puramente languageira, o discurso digital é de uma ordem compósita, a tecnodiscursiva, a saber, a linguagem e a máquina cointegradas.

Dessa forma, esta tese corrobora com a percepção de que os discursos nativos digitais possuem um caráter relacional – desencadeado pela característica

<sup>135</sup> "Toutes les fonctionnalités (liens, hashtags etc.) sont actives et fonctionnelles à l'intérieur de leur écosystème d'apparition. Cela veut dire, dans le cas des hashtags notamment, que l'on obtient deux discours différents à partir du message d'origine, puisque la base de données n'est pas commune aux deux environnements."

<sup>136</sup> Conforme Alves (2016, p. 2), "bancos de dados são coleções de dados interligados entre si e organizados para fornecer informações". Trata-se, consoante o autor, de uma estrutura de dados organizada em ambiente digital, que permite a extração de informações *on-line* (ALVES, 2016).

da relacionalidade, consoante Paveau (2021) -, uma vez que o tecnodiscurso relatado, por se fazer em um ambiente conectado, une diferentes tecnodiscursos graças à sua característica hipertextual. Além disso, ele relaciona escritores (tuiteiros) e escreiteiros, ampliando enunciativa e discursivamente os enunciados primeiros, em contexto digital. Em vista disso, é possível afirmar que a relacionalidade é uma das principais características da tecnodiscursividade.

Nesse âmbito, Paveau (2015, p. 5) declara que

A linguística simétrica, baseada no pensamento pós-dualista, não mais enxerga uma dimensão extralinguística, mas observa as produções da linguagem em seus ambientes e inseparavelmente deles. É aqui que tudo é ecológico: os universos discursivos digitais nos empurram para uma ecologia pós-dualista da linguagem.<sup>137</sup>

Trata-se, como declara a linguista, de uma ecologia digital conectada em que o ambiente é coconstitutivo das produções verbais.

Dito isso, acreditamos que a relevância desta investigação para o campo da LA decorre da contribuição para o estudo da heterogeneidade tecnoenunciativa em contexto digital no ecossistema *Twitter*, sobretudo na medida em que procuramos estabelecer relação entre diferentes teóricos que se debruçam sobre o discurso digital. Ainda, defendemos a congruência entre Grossmann e Rosier (2018), Grossmann (2019) e Paveau (2021), uma vez que explicitam uma possibilidade analítica mais precisa em relação ao fenômeno estudado nesta pesquisa. Com a presente investigação, assumimos propor novas possibilidades metodológicas de leitura e de análise de textos digitais nativos, inclusive nas atividades de Divulgação da Ciência.

Fica evidente o papel da divulgação científica nas redes sociais como o *Twitter*. O entendimento do papel da ciência e a utilização de conhecimentos científicos no dia a dia implicam o desenvolvimento das sociedades e é nesse sentido que o letramento científico pode contribuir para a construção da cultura científica mediante atuação dos cientistas e divulgadores/as científicos/as, todos fulcrais na consecução de um bem-estar comum (NORRIS; PHILLIPS, 2002; GONÇALVES; JORGE, 2018, 2019).

---

<sup>137</sup> “[...] La linguistique symétrique, appuyée sur une pensée postdualiste, n’envisage plus de dimension extralinguistique mais observe les productions langagières dans leurs environnements et inséparablement d’eux. C’est en cela qu’elle est écologique: les univers discursifs numériques nous poussent à une écologie postdualiste du langage”

Assim, as redes sociais tornam-se o meio ideal onde se possibilita estabelecer um contato direto entre especialistas e não especialistas, e ainda podem contribuir para o incremento dos níveis de letramento científico. Em outras palavras, quando feita em ecossistemas digitais, e a partir de gêneros/discursos digitais nativos, a divulgação científica assume características/possibilidades diferentes, beneficiando a ação de popularizar a ciência. Afinal, como bem nos diz Charaudeau (2022, p. 169): "para que haja um pacto de confiança, é necessário, primeiro, que o povo seja informado, e bem informado."

Ainda, nestas considerações, cabe-nos assinalar possíveis alternativas de seguimento a este trabalho, dentre as quais destacamos: (1) o estudo da heterogeneidade tecnoenunciativa – e do tecnodiscurso relatado – em um *corpus* de estudo estritamente acadêmico, e não de divulgação científica; (2) a ampliação dos tipos de tecnodiscurso relatado arrolados por Paveau (2021), investigando esse fenômeno tecnolinguageiro em outros ecossistemas digitais, como o *Instagram* e o *YouTube*, por exemplo; e (3) o estudo da heterogeneidade tecnoenunciativa no âmbito dos postulados de Goyet (2017)<sup>138</sup> quanto à polifonia enunciativa, tendo em vista que, para o autor, na *Web*, há quatro enunciadoreis digitais: (i) signatários (assinatura claramente identificável do enunciadoreis, como sua foto do perfil), (ii) potenciais (onipresença do escreiteis, pelo fato de ele estar logado em sua rede social), (iii) maquínicos (intervenções feitas pela máquina ou pelas restrições das redes sociais) e (iv) citados (discurso outro mencionado no texto de origem).

Desse modo, diante do exposto, acreditamos que este trabalho contribui para a área da Linguística Aplicada, para os estudos do Texto, do Discurso e do Discurso Digital, especialmente para a linha de pesquisa 2 – Texto, Léxico e Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação desta Instituição<sup>139</sup>. Inserem-se nessa linha os estudos voltados aos discursos de divulgação científica em contexto digital, como este que empreendemos e que desejamos que seja futuramente ampliado e aprofundado.

---

<sup>138</sup> Goyet (2017) desenvolveu sua pesquisa em relação à função editorial das APIS (Interface de Programação de Aplicativo), termo utilizado para um *software* em uso no desenvolvimento de outros sites ou aplicativos, como o *Google Maps*. O foco de sua pesquisa está no papel da máquina em contexto digital, uma vez que ele defende que as plataformas digitais interferem na enunciação, a fim de manter o controle dos usuários e criar uma identidade própria.

<sup>139</sup> Abro uma nota em especial neste fim do texto, pois não posso deixar de mencionar, aqui, meu imenso lamento pela descontinuação de um Programa de Pós-Graduação tão qualificado como o nosso, que recentemente conquistou a nota 6 na avaliação quadrienal da CAPES. Entristece-me muito testemunhar o programa que me propiciou uma formação ética, crítica e sensibilizada e que me tornou o profissional e o pesquisador que hoje sou, fechando as portas por decisão da Universidade.

## REFERÊNCIAS

A CADA PALAVRA. **[Conhecimento é inesquecível. O que é esquecível é informação]**. [S. l.], 3 set. 2022. Twitter: @bii\_acs. Disponível em: [https://twitter.com/bii\\_acs/status/1566205554200117251](https://twitter.com/bii_acs/status/1566205554200117251). Acesso em: 30 set. 2022.

AGÊNCIA FAPESP. **[#Criseclimática e pressão antrópica estão levando o #Pantanal ao desequilíbrio]**. [S. l.], 3 set. 2022. Twitter: @AgenciaFAPESP. Disponível em: <https://twitter.com/AgenciaFAPESP/status/1574752223762042881>. Acesso em: 30 set. 2022.

ALBERTI, M. #EleNão. Milhares de mulheres contra Bolsonaro por todo o Brasil. **Renascença**. 2023. Disponível em: <https://rr.sapo.pt/noticia/mundo/2018/09/29/elenao-milhares-de-mulheres-contrabolsonaro-por-todo-o-brasil/126008/>. Acesso em: 04 out. 2022.

ALVES, Gustavo Furtado de Oliveira. **O que é um Banco de Dados?** Disponível em: <https://dicasdeprogramacao.com.br/o-que-e-um-banco-de-dados/>. Acesso em: 10 out. 2021.

ARANTES, José Tadeu. **Pesquisadores da Unicamp desenvolvem fibra óptica feita de derivado de algas marinhas**. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/pesquisadores-da-unicamp-desenvolvem-fibra-optica-feita-de-derivado-de-algas-marinhas/33133/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas: IEL, 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, ed. 116, p. 7-30, 1999.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não coincidências do dizer**. Trad. Mónica ZoppiFontana *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva**: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: \_\_\_\_\_. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

AUTHIER-REVUZ, J. O estrato meta-enunciativo, lugar de inscrição do sujeito em seu dizer: implicações teóricas e descritivas de uma abordagem literal. O exemplo das modalidades irrealizantes do dizer. Trad. Maria Cristina Batalha. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 22, p. 33-63, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27906/0>. Acesso em: 18 jul. 2023.

AUTHIER-REVUZ, J. **La Représentation du Discours Autre**. De Gruyter: Berlin/Boston, 2020, p. 4-34.

BAKHTIN, M. (1979) **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. [1929-1930] Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. [1979] Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.

BECKER, Janaína Pimenta Lemos. **O indiciamento de graus de popularização da ciência pela referenciação e pelo discurso relatado**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011. 209f. (Tese de Doutorado em Linguística Aplicada).

BEIJAFAL. [**Conta do Instagram de BeijaFAL**]. [S. /], 20 jun. 2020. Instagram: @BeijaFAL. Disponível em: <https://www.instagram.com/beijafal/?hl=pt-br>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BELING, F. **As 10 redes sociais mais usadas em 2023**. 2023. Disponível em: <<https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência**. 2010. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8892/1/2010\\_tese\\_mapbrito.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8892/1/2010_tese_mapbrito.pdf). Acesso em: 06 jan. 2023.

CANALTECH. **Tudo sobre o Twitter**. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/twitter/>. Acesso em: 10 fev 2021.

CAPARROZ, L. Por que pica-paus não sofrem concussões? Estudo sugere uma hipótese. **Revista Superinteressante**. 2022. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/por-que-pica-paus-nao-sofrem-concussoes-estudo-sugere-uma-hipotese/>. Acesso em: 26 jul. 2022.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual e Argumentação**. 1. ed., Campinas, São Paulo: Pontes editores, 2020.

CBN SÃO CARLOS. **Ouçã a coluna 'CBN Por Dentro da Ciência' com Adilson Jesus Oliveira**. 2020. Disponível em: <https://www.cbnsaocarlos.com.br/multimedia/podcasts/SOM,0,1,64487,Ou%C3%A7a+a+coluna+'CBN+Por+Dentro+da+Ci%C3%A7ncia'+com+Adilson+Jesus+Oliveira.as+px>. Acesso em: 17 nov. 2020.

CCELD, Comunicação da Ciência e Letramento Científico. **[Página inicial da conta de CCELD]**. [S. l.], 20 nov. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/grupoccelld>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTE, M. C. (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade**: questões e perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 129-142.

CENVENENADA. **#[BioThreadBR explicando projeto de doutorado]**. [S. l.], 30 maio 2020. Twitter: @CEnvenenada. Disponível em: <https://twitter.com/CEnvenenada>. Acesso em: 30 maio 2020.

CÉU PROFUNDO. **Fiquem ligados: Hoje às 22h tem live com a @OficialSagan no canal @pleiadesdosul**. [S. l.], 16 maio 2020. Twitter: @CeuProfundo. Disponível em: <https://twitter.com/CeuProfundo/status/1261778199043768326>. Acesso em: 17 nov. 2020.

CHARAUDEAU, P. **Grammaire du sens et de l'expression**. Paris: Hachette, 1992.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3. ed. Coord. de tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2018.

CIÊNCIA PRA VOCÊ. **[O sono é importantíssimo para a nossa memória]**. [S. l.], 25 abril 2022. Twitter: @cienciapravoce. Disponível em: <https://twitter.com/cienciapravoce/status/1518730050035724289>. Acesso em: 30 set. 2022.

CNPQ. **[Famelab divulga os 30 semifinalistas, sendo 4 bolsistas do CNPq]**. [S. l.], 25 abril 2022. Twitter: @CNPq\_Oficial. 15 maio 2020. Disponível em: [https://twitter.com/CNPq\\_Oficial/status/1261338093266833409](https://twitter.com/CNPq_Oficial/status/1261338093266833409). Acesso em: 17 nov. 2020.

CLICKCIENCIA. **[Professor Adilson de Oliveira fala sobre a percepção do tempo]**. [S. l.], 10 nov. 2020. Twitter: @clickciencia. Disponível em: <https://twitter.com/clickciencia/status/1326295639450415104>. Acesso em: 17 nov. 2020.

CLICKCIENCIA. **Página inicial do Twitter de @ClickCiencia**. [S. l.], 17 mar. 2023. Twitter: @clickciencia. Disponível em: <https://twitter.com/clickciencia/status/1326295639450415104>. Acesso em: 17 mar. 2023.

COSTA, Julia Lourenço. A mobilização da memória discursiva no movimento ciberfeminista: análise da hashtag #metoo. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 48, n. 3, p. 1307-1328, dez. 2019.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CCELD, Comunicação da Ciência e Letramento Científico. **Página inicial da conta de CCELD**. [S. l.], 20 nov. 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/grupoccelld>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DANG, Sheila. Analysis: For Twitter boss Elon Musk, now comes the hard part. **Reuters**. 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/markets/deals/twitter-boss-elon-musk-now-comes-hard-part-2022-10-28/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

DEMONOGRAFIA UFRN. **Página inicial da conta de Demonografia UFRN. 2020**. Disponível em: <https://twitter.com/ppgdem/status/1330480082184441860>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DIAS, Lourival. **Página inicial do Twitter de @lourivaldias\_**. Twitter: @lourivaldias. Disponível em: [https://twitter.com/lourivaldias\\_](https://twitter.com/lourivaldias_). Acesso em 30 maio 2023.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos Digitais**. Trad. Marcos Marcionilo. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

É WEVERTON COM W. **[Página inicial do Twitter de @O\_weverton]**. [S. l.], 5 jun. 2023. Twitter: @O\_weverton. Disponível em: [https://twitter.com/o\\_weverton](https://twitter.com/o_weverton). Acesso em: 5 jun. 2023.

ENSSLIN, A. **Canonizing Hypertext**: explorations and constructions. London: Continuum, 2007.

EMERIT, Laetitia. La notion de lieu de corpus: un nouvel outil pour l'étude des terrains numériques em linguistique. **Corela**, 2016. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/corela/4594>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

EMPINOTTI, Marina Lisboa. **Hipertextualidade e multimídia aplicadas às notícias em tablets**. 2015. 171 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/157329/336452.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 fev. 2021.

ENSSLIN, Astrid. **Canonizing Hypertext**: Explorations and Constructions. Continuum. 2007, p. 206.

ESTADO DE MINAS. **Elon Musk conclui compra do Twitter por US\$ 44 bi e demite executivos**. Minas Gerais, 28 de out. 2022. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2022/10/28/internas\\_economia,1413222/elon-musk-conclui-compra-do-twitter-por-us-44-bi-e-demite-executivos.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2022/10/28/internas_economia,1413222/elon-musk-conclui-compra-do-twitter-por-us-44-bi-e-demite-executivos.shtml). Acesso em: 10 jul. 2023.

FALANDO EM CIÊNCIA. **Por que pneus de carros da Fórmula 1 são tão largos?**. YouTube, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J5Xu-EX9ybM>. Acesso em: 30 jun. 2020.

FELIPPE, Miguel. **[Página inicial da conta de Miguel Felipe]**. [S. l.], 20 nov. 2020. Twitter: @mff\_felippe. Disponível em: [https://twitter.com/mff\\_felippe/status/133208752985250611](https://twitter.com/mff_felippe/status/133208752985250611). Acesso em: 20 nov. 2020.

FIOCRUZ, Icict. **[Página inicial da conta de Fiocruz Icict. 2020]**. [S. l.], 20 nov. 2022. Disponível em: [https://twitter.com/Icict\\_Fiocruz/status/1331334007733317635](https://twitter.com/Icict_Fiocruz/status/1331334007733317635). Acesso em: 20 nov. 2020.

GIBSON, J. J. The theory of affordance. Em: Shaw, R. e Bransford, J. (Eds.) **Perceiving, acting, and knowing: toward an Ecological psychology**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, p. 67-82, 1977.

GIERING, M. E; GLÜCK, E. P. A tecnodiscursividade no ecossistema *Twitter*: percurso metodológico para análise do discurso digital nativo. In: CORTEZ, Suzana Leite (Org.). **O texto digital: teoria e prática**. Pontes, Campinas, no prelo.

GIERING, M. E; PINTO, R. O discurso digital nativo e a noção de textualidade: novos desafios para a Linguística Textual. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 15, n. 31, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35655>. Acesso em: 05 jun. 2023.

GLÜCK, Eduardo Paré. **Hiperdiscurso de divulgação científica midiática: investigando hiperligações em notícias digitais nas revistas Galileu e Superinteressante**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2019. (Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada).

GLÜCK, Eduardo Paré. **[Página Inicial do Twitter de @edugluck]**. [S. l.], 30 set. 2022. Twitter: @edugluck. Disponível em: <https://twitter.com/GluckEduardo>. Acesso em: 30 set. 2022.

GLÜCK, E. P.; IRACET, Érica E.; GIERING, M. E. O tecnodiscurso de divulgação científica: relações retóricas e deslinearização em hiperligações de notícias digitais. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 66, 2022. DOI: 10.1590/1981-5794-e14231. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/14231>. Acesso em: 25 set. 2023.

GONÇALVES, M., & JORGE, N. O. (2019). Promoção da Literacia Científica: balanços e perspetivas. In F. Caels, L. F. Barbeiro, & J. Vieira Santos (Eds.), **Discurso Académico: Uma Área Disciplinar em Construção** (pp. 134-151). Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA-ILTEC). Disponível em: <https://sites.ipleiria.pt/1enda2018/>. Acesso em: 2 nov. 2022.

GONÇALVES, M., & JORGE, N. O. (2018). **Literacia científica na escola**. NOVA FCSH - CLUNL. Disponível em: <https://literaciacientifica.fcsh.unl.pt/publicacoes> <https://drive.google.com/file/d/1I3hF05jjiSahm9RWHmOpKz5-JGcBBP44/view>. Acesso em: 2 nov. 2022.

GOYET, S. De briques et de blocs. **La fonction éditoriale des interfaces de programmation (API) web: entre science combinatoire et industrie du texte**. 2017. 755 f. Tese (Doutorado em Ciências da Informação e da Comunicação) - Universidade Paris IV, Sorbonne, França. Disponível em: <https://theses.hal.science/tel-01665406>. Acesso em: 10 out. 2013.

GROSSMANN, Francis. **Discours rapporté versus discours partagé: convergences, différences, problèmes de frontières**. Conférence invitée dans le cadre du colloque Ci-dit, Université libre de Bruxelles. Université Libre de Bruxelles, Bruxelles, Belgium, 2019.

GROSSMANN, F., ROSIER, L. Du discours rapporté au discours partagé: analyser les usages du discours rapporté hypertextualisé. In: Simon, J. (Org.). **Le discours hypertextualisé. Espaces énonciatifs mosaïques**, Besançon, Presses Universitaires de Franche-Comté, 2018.

GZH. **Elon Musk inicia mudança do nome do Twitter para X**. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/tecnologia/noticia/2023/07/elon-musk-inicia-mudanca-do-nome-do-twitter-para-x-clkgq5s2m00030154p8pe3doa.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

HERRMANN, J. *et al.* Modeling lung perfusion abnormalities to explain early COVID-19 hypoxemia. **Nature**. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41467-020-18672-6>. Acesso em: 26 jul. 2022.

HISTORY. **Fundado o Twitter**. 2006. Disponível em: <https://history.uol.com.br/hoje-na-historia/fundado-o-twitter>. Acesso em: 07 mar. 2021.

JADE FOI MURIQUIZADA. **Página inicial do Twitter de @Jadescris**. [S. l.], 30 maio 2020. Twitter: @Jadescris. Disponível em: <https://twitter.com/Jadescris>. Acesso em: 30 maio 2023.

KEMP, Simon. **Digital 2020: Brazil**. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2020-brazil>. Acesso em: 15 jun. 2021.

KINAST, Priscilla. **A história do Twitter**. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/historiasdigitais/29858-historia-do-twitter>. Acesso em: 15 mar. 2021.

KLEINA, Nilton. **A história do Twitter, a rede social de 140 caracteres**. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/120893-historia-twitter-rede-social-140-caracteres-video.htm>. Acesso em: 15 mar. 2021.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortes, 2002.

KWAK, Haewoon *et al.* **What is Twitter, a Social Network or a News Media?**. Conferência Proceedings of the 19th international conference on World wide web. Carolina do Norte, USA, 2010.

LABI. **Quarentena dia 73**. Disponível em: <http://www.labi.ufscar.br/> Acesso em: 30 jun. 2020.

LATOURE, B. **Reagregando o Social**. Bauru, SP: EDUSC, Salvador, BA: EDUFBA, 2012.

LINGUARUDO, Revista de Popularização da Ciência. [**Página inicial da conta da Linguarudo - Revista de Popularização da Ciência**]. [S. l.], 15 nov. 2020. Disponível em: <<https://twitter.com/linguarudoc>>. Acesso em: 15 nov 2020.

LOURIVALDIAS@GMAIL.COM. [**Por que pneus de carros da Fórmula 1 são tão largos?**]. [S. l.], 30 jun. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J5Xu-EX9ybM>. Acesso em: 30 jun. 2020.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. Tradução de Sírio Possenti *et al.* São Paulo: Parábola, 2014.

MARASCIULO, M. Pesquisa identifica 3 causas para asfixia imperceptível por Covid-19. **Revista Galileu**. 2021. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2021/01/pesquisa-identifica-3-causas-para-asfixia-imperceptivel-por-covid-19.html>. Acesso em: 26 jul. 2022.

MARCUSCHI, L. A. A coerência do hipertexto. *In*: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 3.ed. Belo Horizonte, Ceale/Autêntica, 2017.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Linearização, Cognição e Referência**. O desafio do hipertexto. Comunicação apresentada no IV Colóquio da Associação Latino-americana de Analistas do Discurso. Santiago, Chile, 5 a 9 de abril de 1999.

MARTINS, S. P. S. **Constituição, Formulação e Circulação de Hashtags: Gestos de Leitura e Escrita na Sala de Aula**. 2020. 258 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Profletras, da Universidade do Estado de Mato Grosso. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Silvana%20Paulo%20Socorro%20Martins%20para%20publica%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2022.

MARTINS, L. M. Twitter vai mudar de nome? Saiba o motivo do novo logo da rede social. **TechTudo**. 2023. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2023/07/twitter-vai-mudar-de-nome-saiba-o-motivo-do-novo-logo-da-rede-social-edsoftwares.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2023.

MOIRAND, S. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Tradutores Fernando Curtti Gibin & Julia Lourenço Costa. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.36, Dossiê Metodologias de Pesquisa em Ciências da Linguagem, jul./dez. 2020, p. 20-41.

MOIRAND, S. L'impossible clôturage des corpus médiatiques. La mise au jour des observables entre catégorisation et contextualisation, **Tranel** 44, p.71-92, 2004.

MOIRAND, S. **Les discours de la presse quotidienne**. Observer, analyser, comprendre. Paris: PUF, 2007.

MOITA LOPES, L. P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTE, M. C. (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 113-128.

MORAIS, C. T. Q. de *et al.* **Conceitos sobre Internet e Web**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

MUNIZ-LIMA, I. **Modos de interação em contexto digital**. Tese de doutoramento em Linguística (cotutela) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Linguística, 2022. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/137024>. Acesso em: 10 set. 2023.

MUSK, Elon. **Dear Twitter Advertisers**. USA, 27 de out. 2022. Twitter: @elonmusk. Disponível em: <https://twitter.com/elonmusk/status/1585619322239561728>. Acesso em: 10 jul. 2023.

NORRIS, S.P & PHILLIPS, L.M. How literacy in its fundamental sense is central to scientific literacy. **Science education**, 87, 2003, p. 224-240.

NUNES, Mariana Backes. Rumo a um ensino superior 4.0: uma experiência com fórum on-line síncrono para ensino de língua inglesa na perspectiva das metodologias ativas. **Revista do GEL**, v. 17, n. 3, p. 216-233, 2020.

O GLOBO. **Elon Musk e Twitter**: a cronologia da primeira negociação até a compra da rede social. São Paulo, 28 de out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/10/28/elon-musk-e-twitter-a-cronologia-da-primeira-negociacao-ate-a-compra-da-rede-social.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2023.

OLIVA, Thiago Dias. Memes de natureza cômica como estratégia de resistência a discursos hegemônicos: análise das reações à campanha #gaysnomerecenmedallas no twitter. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 583-601, set./dez. 2018.

PACETE, Luiz Gustavo. **Twitter oficializa aumento de limite para 280 caracteres**. 2017. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/11/07/twitter-oficializa-aumento-de-limite-para-280-caracteres.html>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PAVEAU, M.-A. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique. **Epistémé**, p. 139-176, 2013. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00859064/document>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PAVEAU, M.-A. **Dictionnaire Technodiscours rapporté**. In: Technologies discursives, 2014. Disponível em: <<https://technodiscours.hypotheses.org/606>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PAVEAU, M.-A. Ce qui s'écrit dans les univers numériques: Matières technolangagières et formes technodiscursives. **Itinéraires**, [S.l.], p. 1-24, 2015. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/itineraires/2313>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PAVEAU, M.-A. Des discours et des liens. Hypertextualité, technodiscursivité, écrilecture. **Sêmen**, [S.l.], n. 42, 2016. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/semen/10609>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PAVEAU, M.-A. Délinéarisation. In: Dictionnaire (DADN). **Technologies discursives L'analyse du discours numérique (ADN)**. [S.l.]: DADN, 2017. Disponível em: <<https://technodiscours.hypotheses.org/320>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

PAVEAU, M.-A. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. (Org). 1 ed. Campinas, SP. Editora Pontes, 2021.

PATEL, Neil. **As 10 Redes Sociais Mais Usadas no Brasil (e no Mundo) em 2018 e 2019**. 2019. Disponível em: <<https://neilpatel.com/br/blog/redes-sociais-mais-usadas/>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.

PESQUISA FAPESP. **[Podcast discute o avanço da monkeypox no Brasil]**. [S. /], 29 set. 2022. Twitter: @PesquisaFapesp. Disponível em: <https://twitter.com/PesquisaFapesp/status/1575466169636618240>. Acesso em: 30 set. 2022.

PINHEIRO, Carlos Eduardo Silva. *et al.* Heterogeneidades enunciativas como estratégias argumentativas no Twitter. **Revista Investigações**, Recife, v. 33, Nº especial, Texto: gêneros, interação e argumentação - III Workshop de Linguística Textual, p. 122 - 140, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/247007>. Acesso em: 06 jan. 2023.

PISTORI, Maria Helena Cruz. VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. **Bakhtiniana**, Rev. Estud. Discurso 13 (2), mai-ago de 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/TJ6HVM5NRSxmKFwnvQrJg7F>. Acesso em: 07 jan. 2023.

PLANE, S. *et al.* Variations, fidélité, infidélité: l'écriture et la réécriture de discours rapportés par de jeunes scripteurs. In: DESOUTTER, C.; MELLET, C. (Orgs). **Le discours rapporté: approches linguistiques et perspectives didactiques**. Berne, Peter Lang, 2013. p. 219-238.

PÊCHEUX, Michel. **Hacia un análisis automático del discurso**, Madrid, Gredos, 1978.

PROJETO LER. **[Por que os cientistas do mundo estão empolgados com essa espécie em particular?]**. [S. /], 6 jul. 2022. Postagem do Facebook. Disponível em: [https://www.facebook.com/cceld/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/cceld/?locale=pt_BR). Acesso em: 26 jul. 2022

O'REILLY, Tim. **Web 2.0: compact definition?**, 2004. Disponível em: [http://radar.oreilly.com/archives/2005/10/web\\_20\\_compact\\_definition.html](http://radar.oreilly.com/archives/2005/10/web_20_compact_definition.html). Acesso em: 10 mar. 2021.

SANTOS, Bruna Bandeira de Mello. **A prática docente no ensino médio: resignificando os conhecimentos linguísticos**. Orientadora: Elizabeth Marcuschi. 2017. 442 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

SEFIS UNICAMP. **[Página inicial do Twitter de @semanadafisica]**. [S. /], 30 jun. 2022. Twitter: @semanadafisica. Disponível em: <https://twitter.com/semanadafisica>. Acesso em: 30 jun. 2020.

TO NO CLIQUE DA DONA CIS. **[Página inicial do Twitter de @Jadescris]**. [S. /], 30 jun. 2022. Twitter: @Jadescris. Disponível em: <https://twitter.com/Jadescris>. Acesso em: 30 jun. 2020.

TWITTER. **#[divulgaçãoocientífica]**. [S. /], 5 mar. 2020. Disponível em: [https://twitter.com/search?q=%23divulga%C3%A7%C3%A3ocient%C3%ADfica&src=typed\\_query](https://twitter.com/search?q=%23divulga%C3%A7%C3%A3ocient%C3%ADfica&src=typed_query). Acesso em: 05 mar. 2020.

UFSC CIÊNCIA. **UFSC apresenta podcast para divulgação da produção científica.** Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2019/04/editar-ufsc-ganha-podcast-para-divulgacao-da-producao-cientifica/>. Acesso em: 26 jul. 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. Ensaio introdutório de Grillo, Sheila. São Paulo: Editora 34, 2017, 373p.

ZAPPAVIGNA, Michele. Ambient Affiliation: A Linguistic Perspective on Twitter. **New Media & Society**, 2011, 13(5):788. Disponível em: [https://methods.sagepub.com/journal-article/sage-internet-research-methods/ambient\\_affiliation\\_a\\_linguistic\\_perspective\\_on\\_twitter/n72.xml](https://methods.sagepub.com/journal-article/sage-internet-research-methods/ambient_affiliation_a_linguistic_perspective_on_twitter/n72.xml). Acesso em: 10 mar. 2021.